



## Relatório de Estágio

# O Potencial Didático dos *Heróis* no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º Ciclo do Ensino Básico

Ivo Miguel Ferreira de Oliveira

### Orientadora

Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

março 2019



## Composição do júri

Presidente do júri

Doutor António Pereira Pais

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutora Alda Maria Martins Mourão

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (arguente)

Doutora Maria João da Silva Guardado Moreira

Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco



## **Dedicatória**

A vida é feita de lutas, de derrotas, de aprendizagens e de conquistas!

A quem não me quer bem, dedico este trabalho porque o conquistei sem o vosso apoio!

A quem me quer e me tem por bem, dedico este trabalho porque o conquistei com o vosso apoio, e com vocês partilhei, partilho e compartilharei o sucesso!

Ao avô Sérgio, à Susana e à Ir<sup>a</sup>. Emília Bento que, estejam onde estiverem, não me esqueço de vós!

**É para todos vocês!**



## Agradecimentos

Sempre gostei de quebrar protocolos, mas também sempre fui coerente com tudo aquilo que defendo e em que acredito. Por isso, esta página só poderia começar com um agradecimento muito especial Àquele que sempre esteve em minha defesa: **A Ti, Deus, agradeço publicamente pela conquista que me proporcionaste!** Que mais pessoas Te possam conhecer como eu conheço, é o meu desejo.

Aos meus pais e família, porque ao longo destes seis anos muitas foram as lutas e as dificuldades, mas mesmo assim fizeram “das tripas coração” para que hoje pudesse chegar aqui!

À Prof<sup>a</sup>. Maria João Guardado Moreira, porque desde a primeira hora aceitou acompanhar-me nesta caminhada. A ela agradeço as sugestões, as ajudas, o acompanhamento, o tempo disponibilizado e, acima de tudo, a amizade que prova que não é impossível um professor tornar-se amigo do aluno, e vice-versa!

À Carolina, com quem iniciei este percurso e que muito me ajudou e apoiou incondicionalmente, até na elaboração deste trabalho final!

A todos os meus amigos e amigas, que sempre permaneceram ao meu lado e sempre me apoiaram. Não preciso de dizer o nome porque, sendo tão poucos, sabem bem quem são!

À Daniela Miguel, companheira de estágio, pela paciência e pela partilha de diversos conhecimentos e valores que muito contribuíram para o sucesso!

À educadora cooperante, Carla Carreiro, e ao professor cooperante, Mário Vicente, por toda a paciência e por todos os ensinamentos que me proporcionaram. Muito do que serei como profissional (e até como pessoa) terá algo de vós!

Aos meninos da sala do “Patinho Feio”, por me terem ensinado que as crianças ensinam muito mais do que os adultos pensam e aos meninos do 4<sup>º</sup>B da EBI João Roiz de Castelo Branco, por me terem proporcionado as experiências, aprendizagens e sensações de que precisava! Obrigado!

Aos Pastores Francisco e Gorete Araújo porque, no momento mais delicado e apertado da minha vida, deixaram-se usar por Ele para me motivarem e incentivarem a não desistir! Obrigado por me fazerem entender o que é, verdadeiramente, viver em e com Cristo!

Por último, mas não menos importante, à minha namorada, a Ana Rita, porque não importa o tempo em que já estamos na vida do outro, mas sim a forma como estamos! Obrigado pela compreensão, pelo apoio e pela paciência, mas, acima de tudo, obrigado por todo o amor!

**Obrigado a Deus e obrigado a todos vós! Partilho com vocês este bocado de mim!**



## Resumo

O presente relatório de estágio surge no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizada no 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, sendo que o estudo investigativo concretizou-se na PES do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Neste estudo procurámos verificar e avaliar o potencial didático dos *heróis* no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º Ciclo do Ensino Básico. Este estudo foi realizado na Escola Básica Integrada João Roiz, no qual participaram 28 alunos com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Metodologicamente, esta é uma investigação qualitativa. Optámos pelo uso do estudo de caso e recorreremos à técnica do *Focus Group* e à aplicação de fichas (testes), usando a observação participante, registos de observação e notas de campo como instrumentos e técnicas de recolha de dados.

A análise dos dados recolhidos demonstrou um crescimento do interesse e do conhecimento em relação à área do Estudo do Meio Social, nomeadamente da História de Portugal. A forma como os alunos evoluíram nas respostas dadas e no interesse demonstrado pela História revelam-nos a importância da figura histórica heroificada nas suas aprendizagens.

Da triangulação de dados podemos concluir que a figura histórica heroificada influencia positivamente a aprendizagem da História de Portugal no 1º Ciclo do Ensino Básico tendo, por isso, um forte potencial didático nas aprendizagens desta área disciplinar.

## Palavras chave:

História de Portugal; Herói; Potencial Didático; 1º Ciclo do Ensino Básico; Prática de Ensino Supervisionada (PES).



## Abstract

The presente internship report appears in the scope of the Supervised Teaching Practice (PES) executed in the 2<sup>nd</sup> year of the Master's Degree in Preschool Education and Teaching the 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education, being that the investigate study it materialized in the PES of the 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education.

In this study we searched and evaluate the didactic potential of the *heroes* in the teaching-learning processo of the History of Portugal in the 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education. This study was realized at the Escola Básica Integrada João Roiz, in wich 28 students aged between 9 and 10 years participated.

Methodologically, this is a qualitative research. We opted for the use of the case study and resorted to the *Focus Group* technique and the application of tokens (tests), using participant observation, observation records and field notes as data collection tools and techniques.

The analysis of the collected data showed an increase of interest and knowledge in relation to the area of the Study of the Social Environment, more in particular the History of Portugal. The way of the students evolved in their answers reveals and interest shown by History to us the importance of the heroic historical figure in their learnings.

From the triangulation of data we can conclude that the heroified historical figure positively influences the learning of the History of Portugal in the 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education, thus being a strong didactic potential on learning in this subject area.

## Keywords:

History of Portugal; Hero Didactic Potential; 1<sup>st</sup> Cycle of Basic Education; Supervised Teaching Practice (PES).



# Índice geral

Introdução .....	1
Capítulo I – Contextualização das Práticas de Ensino Supervisionadas .....	3
1. A Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar (PSEPE) .....	5
1.1. Caraterização da PSEPE .....	5
1.2. Caraterização da Instituição da PSEPE.....	6
1.2.1. Localização geográfica da Instituição .....	7
1.3. Caraterização da sala da PSEPE .....	7
1.4. Caraterização do grupo de crianças da PSEPE.....	8
1.5. Funcionamento da PSEPE.....	10
1.5.1. Período de Observação .....	11
1.5.2. Período de Implementação .....	12
1.6. Instrumentos de planificação do educador.....	22
1.7. Reflexão global da PSEPE.....	24
2. A Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1º. Ciclo do Ensino Básico (PES 1ºCEB) 26	
2.1. Caraterização da PES 1º CEB.....	26
2.2. Caraterização da Instituição da PES 1º CEB.....	27
2.2.1. A EBI João Roiz.....	27
2.2.2. Localização Geográfica da Instituição.....	28
2.3. Caraterização da Sala da PES 1º CEB.....	29
2.4. Caraterização da Turma da PES 1º CEB .....	30
2.5. Funcionamento da PES 1º CEB.....	33
2.5.1. Período de Observação .....	34
2.5.2. Instrumentos de Planificação do Professor .....	35
2.5.3. Período de Implementação .....	39
2.6. Reflexão global da PES 1º CEB.....	47
Capítulo II - Enquadramento da Problemática.....	49
1. O <i>Herói</i> .....	51
1.1. Definição de <i>Herói</i> – diferentes perspetivas .....	51
1.1.1. <i>Herói</i> : definição de dicionários.....	53
1.1.2. <i>Herói</i> : a história e conceito popular.....	53

2. A Figura Histórica.....	54
2.1. A figura histórica heroificada.....	56
2.1.1. A figura histórica heroificada: Nuno Álvares Pereira.....	56
Capítulo III - Metodologia.....	59
1. Questões de Investigação e Objetivos.....	61
2. Participantes na Investigação.....	62
3. Metodologia qualitativa: justificação das opções metodológicas.....	62
3.1. O Estudo de Caso.....	63
3.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha dos Dados.....	65
3.2.1. Observação Participante.....	65
3.2.2. <i>Focus Group</i> (Grupo Focal / Grupo de Discussão).....	67
3.2.3. Testes.....	67
3.3. Análise de Dados e Procedimentos Éticos na Investigação.....	68
3.3.1. Triangulação de Dados.....	69
Capítulo IV - Apresentação, Análise e Tratamento dos Dados.....	71
1. Organização das Etapas de Implementação.....	73
2. Descrição das etapas de implementação.....	74
2.1. Primeira etapa: “As figuras históricas nacionais”.....	74
2.2. Segunda Etapa: “O que é, para ti, um herói?”.....	76
2.3. Terceira Etapa – Visita de Estudo ao MB e ao CIBA.....	76
2.4. Última etapa – “O Herói Histórico”.....	79
3. Análise e Tratamento dos Dados.....	80
3.1. Dados recolhidos da primeira etapa (Apêndice D).....	80
3.2. Dados recolhidos da segunda etapa.....	82
3.3. Dados recolhidos da terceira etapa.....	83
3.4. Dados recolhidos da última etapa.....	87
Capítulo V - Conclusões e Reflexão Final.....	89
Referências Bibliográficas.....	95
Legislação Consultada.....	100
Apêndices.....	101
Apêndice A – Planificação Quinzenal da PSEPE.....	103
Apêndice B - Planificação Diária da PSEPE.....	109
Apêndice C - Unidade Didática: Metodologia de Trabalho-Projeto.....	119

Apêndice D - Primeira Etapa de Investigação.....	143
Apêndice E - Unidade Didática 3 .....	149
Apêndice F - Unidade Didática 4 .....	169
Apêndice G - Unidade Didática 5 .....	197
Apêndice H - Unidade Didática: Metodologia de Trabalho por Temas.....	217
Apêndice I - Ficha de Trabalho Diagnóstica sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota .....	235
Apêndice J - Ficha de Trabalho de Consolidação de Conhecimentos sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota.....	241
Anexos.....	247
Anexo A - Lenda da Padeira de Aljubarrota.....	249



## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> - Entrada Principal do Centro Infantil Alberto Trindade .....	7
<b>Figura 2</b> - Corredor (com pilares) .....	8
<b>Figura 3</b> - Sala "Patinho Feio" .....	8
<b>Figura 4</b> - Desenho: "A minha Serra da Estrela" .....	13
<b>Figura 5</b> - "O nosso mapa de Portugal" .....	13
<b>Figura 6</b> - Identificação das cidades .....	14
<b>Figura 7</b> - Pannel de Pictogramas (letra "F").....	16
<b>Figura 8</b> - Jogo: "Vamos Pescar" .....	17
<b>Figura 9</b> - Decoração do Presépio.....	19
<b>Figura 10</b> - Sessão Fotográfica: "Vamos Transmitir Valores" .....	20
<b>Figura 11</b> - Matriz de Planificação Quinzenal.....	23
<b>Figura 12</b> - Matriz de Planificação Diária .....	23
<b>Figura 13</b> - Planta da EBI João Roiz.....	28
<b>Figura 14</b> - Localização geográfica da EBI João Roiz.....	29
<b>Figura 15</b> - Vista da Sala do 4ºB.....	29
<b>Figura 16</b> - Vista geral da sala do 4ºB .....	30
<b>Figura 17</b> - Capa da Unidade Didática .....	37
<b>Figura 18</b> - Sequenciação do conteúdo programático por áreas curriculares .....	37
<b>Figura 19</b> - Elementos de integração didática.....	38
<b>Figura 20</b> - Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem.....	38
<b>Figura 21</b> - Figuras Históricas.....	75
<b>Figura 22</b> - Nuno Álvares Pereira.....	77
<b>Figura 23</b> - Caraterização Nuno Álvares Pereira .....	79



## Lista de tabelas

<b>Tabela 1</b> - Funcionamento e Organização da PSEPE.....	11
<b>Tabela 2</b> - Horário da Turma.....	32
<b>Tabela 3</b> - Horário do professor estagiário .....	33
<b>Tabela 4</b> - Funcionamento e Organização da PES 1º CEB.....	34
<b>Tabela 5</b> - Cronograma das Semanas de Implementação e de Reflexão/Aperfeiçoamento.....	39
<b>Tabela 6</b> - Cronograma das Etapas de Implementação .....	73
<b>Tabela 7</b> - Etapa 1 - dados da primeira questão.....	80
<b>Tabela 8</b> - Etapa 1 - dados da última questão.....	81
<b>Tabela 9</b> - Dados recolhidos na etapa 2.....	82
<b>Tabela 10</b> - Cotação por questões de ambas as fichas .....	84
<b>Tabela 11</b> - Dados recolhidos da questão 2.....	85
<b>Tabela 12</b> - Dados recolhidos da questão 3.2.....	85



## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> - Número de irmãos por aluno .....	31
<b>Gráfico 2</b> - Disciplina Preferida .....	31
<b>Gráfico 3</b> - Disciplina que menos gostam .....	31
<b>Gráfico 4</b> - Autocaraterização dos alunos.....	32
<b>Gráfico 5</b> - Etapa 1 - dados da quarta questão .....	81
<b>Gráfico 6</b> - Dificuldades dos alunos na realização da ficha diagnóstica.....	86
<b>Gráfico 7</b> - Dificuldades dos alunos na realização da ficha formativa .....	86



## Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

AEAL – Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

BD – Banda Desenhada

BVCB – Bombeiros Voluntários de Castelo Branco

CIBA – Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota

EB – Escola Básica

EBI – Escola Básica Integrada

EPE – Educação Pré-Escolar

GNR – Guarda Nacional Republicana

MB – Mosteiro da Batalha

ME – Ministério da Educação

MSS – Ministério da Segurança Social

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES 1.º CEB – Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PSEPE – Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar

RE – Relatório de Estágio

TV – Televisão

UD – Unidade Didática

1.º CEB – 1.º Ciclo do Ensino Básico



## Introdução

No âmbito da conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico surge o presente relatório de estágio em que se apresenta o mais detalhadamente possível as práticas de ensino supervisionadas que decorreram em Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Como todas as experiências que vivenciamos na vida, estas Práticas Supervisionadas permitiram-nos desenvolver características e estratégias diversificadas para o nosso desenvolvimento profissional e pessoal.

Todo o nosso percurso académico foi marcado pelo gosto e interesse pela área da História. Não há pessoas sem uma história, como também não há países sem História nem memória, elementos fundamentais para a construção da identidade. Nesta perspetiva, selecionámos como temática para o desenvolvimento da investigação “Uma História com Heróis”, tendo como tema “o papel da figura histórica no Ensino atual”.

O estudo que realizámos tem como plano de fundo o estágio de prática de ensino supervisionada numa escola de 1.º CEB, no âmbito da unidade curricular de PES 1.º CEB.

Procurámos desenvolver um projeto de investigação ligado ao Estudo do Meio Social, mais especificamente à área da História de Portugal, a fim de percebermos qual a influência da figura histórica *heroificada* na aprendizagem da História de Portugal no processo de ensino-aprendizagem no 1.º CEB. No fundo, tentámos relacionar os conceitos de *herói* com o conceito de *figura histórica*, heroificando a figura histórica.

Assim, procurámos tornar a figura histórica como que o *herói* da turma em estudo e pretendíamos perceber se esta relação da figura histórica com o *herói* contribuía positivamente para que os alunos melhor interpretassem e compreendessem os acontecimentos históricos. Por outras palavras, demos maior ênfase e relevo às figuras históricas em vez de darmos, como habitual, aos acontecimentos históricos. Sabemos que a História é marcada por acontecimentos, mas, e não menos verdade, são as mais diferentes figuras históricas sem as quais os acontecimentos não teriam ocorrido.

Para responder à questão-problema que colocámos e perceber qual o potencial didático dos *heróis* (figuras históricas *heroificadas*) no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1.º Ciclo do Ensino Básico estabelecemos os seguintes objetivos: - Recorrer a diferentes atividades pedagógicas no Ensino da História de Portugal; - Identificar figuras históricas *heroicas*; - Desenvolver o conhecimento da história nacional pelas crianças do 1.º ciclo; - Motivar os alunos para a aprendizagem da História de Portugal, com recurso à figura histórica; - Avaliar o contributo e o potencial didático do *herói* no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal.

O presente trabalho organiza-se em cinco capítulos. No primeiro descrevemos e caracterizamos de forma detalhada as práticas desenvolvidas na EPE e no 1.º CEB. O

segundo capítulo dá ênfase ao enquadramento da problemática, procurando apresentar um quadro teórico relacionado com a temática da investigação que desenvolvemos. Por sua vez, no terceiro capítulo descrevemos as opções metodológicas que tomamos para a realização da investigação, nomeadamente o tipo de estudo e sua descrição, as questões de investigação e os objetivos definidos para a investigação. No quarto capítulo apresentamos a descrição de todas as etapas de implementação da investigação bem como a análise e o tratamento de dados. Finalmente, no último capítulo apresentamos as conclusões do estudo tentando apurar se os objetivos iniciais foram cumpridos e verificando se é possível, ou não, responder à questão-problema que estabelecemos inicialmente. Ainda neste capítulo procuramos mencionar algumas limitações identificadas na implementação do estudo e, também, algumas sugestões que podem ser utilizadas em futuras investigações relacionadas com esta mesma temática.

## **Capítulo I - Contextualização das Práticas de Ensino Supervisionadas**



O ciclo de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º CEB integra duas Práticas de Ensino Supervisionadas (PES) nos dois ciclos abrangidos pelo mestrado: Educação Pré-Escolar (EPE) e 1º CEB.

Neste sentido, importa referir que no presente capítulo serão caracterizados os contextos físicos e sociais onde as duas PES aconteceram.

Em ambas as PES, para uma boa caracterização dos contextos e para um eficaz ato de planificação e execução, consultámos diversos documentos como questionários aos pais disponibilizados pela Educadora e pelo Professor Cooperante, regulamentos internos, projetos educativos e projetos curriculares de ambas as instituições.

Desta forma, destacamos que no presente capítulo é apresentada uma caracterização breve e concisa da PSEPE e da PES no 1º CEB, sendo que nesta última a caracterização será mais pormenorizada visto que foi nesta PES que a investigação em causa foi realizada.

## **1.A Prática Supervisionada em Educação Pré-Escolar (PSEPE)**

### **1.1. Caracterização da PSEPE**

A PSEPE decorreu entre setembro de 2017 e janeiro de 2018 (14 semanas), com um grupo de crianças de 5/6 anos, no Centro Infantil Alberto Trindade, pertencente à Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco.

Esta Prática foi caracterizada por dois momentos. Em primeiro lugar, houve um período de observação e de adaptação ao grupo, à educadora cooperante e à Instituição. Numa segunda instância, decorreu um período de planificação e implementação individual.

De acordo com o programa da unidade curricular da PSEPE, os objetivos a serem atingidos eram:

- ❖ “Identificar variáveis processuais promotoras da qualidade da instituição em análise;
- ❖ Analisar projetos curriculares elaborados com base nas Orientações Curriculares;
- ❖ Observar, detalhadamente, a ação pedagógica do Educador;
- ❖ Elaborar instrumentos de recolha de dados para a conceção, implementação e avaliação da práxis pedagógica;
- ❖ Desenvolver estratégias de promoção do desenvolvimento e aprendizagem das crianças;
- ❖ Desenvolver competências de observação, planificação, ação, avaliação e comunicação;
- ❖ Saber trabalhar em equipa com a comunidade educativa;
- ❖ Conceber, realizar e avaliar experiências educativo-pedagógicas, fundamentando as suas propostas;
- ❖ Realizar a adequação curricular como resposta às NEE;
- ❖ Desenvolver uma atitude reflexiva;
- ❖ Conhecer formas de gerir e organizar o tempo, o espaço e os materiais;

- ❖ Desenvolver e/ou participar em projetos de investigação-ação”.

Para além dos objetivos acima mencionados, o programa curricular da PSEPE contemplava ainda algumas competências essenciais a serem adquiridas. São elas:

- ❖ “Assumir as responsabilidades inerentes ao papel de educador estagiário;
- ❖ Promover atitudes de educador reflexivo;
- ❖ Refletir sobre os valores, as atitudes e as formas de construção do conhecimento;
- ❖ Desenvolver uma atitude crítica, reflexiva e investigativa face à profissão;
- ❖ Participar em projetos de educação para a cidadania;
- ❖ Estabelecer relações pessoais e interpessoais baseadas no respeito;
- ❖ Assumir atitudes de prática colaborativa e de autonomia profissional;
- ❖ Ter uma atitude proativa em iniciativas individuais e coletivas de interesse cívico ou social;
- ❖ Utilizar corretamente a língua portuguesa para pensar, aprender e comunicar;
- ❖ Utilizar meios de expressão e comunicação não verbais diversificados;
- ❖ Aplicar conhecimentos científicos e tecnológicos à sua prática profissional;
- ❖ Articular a teoria com a prática nos domínios científico, didático e pedagógico;
- ❖ Dominar, em profundidade, conteúdos e técnicas de desenvolvimento do currículo;
- ❖ Elaborar planificações e implementar experiências educativas adequadas ao desenvolvimento da criança;
- ❖ Realizar uma gestão equilibrada de materiais, tempo e espaços;
- ❖ Utilizar a avaliação nas suas diferentes modalidades e áreas de aplicação, como elemento regulador e promotor da qualidade do ensino e da aprendizagem;
- ❖ Identificar e respeitar as diferenças culturais e individuais das crianças e os seus contextos de inserção;
- ❖ Implementar práticas de educação inclusiva;
- ❖ Refletir, de forma sistemática, sobre a prática pedagógica e propor estratégias de qualidade”.

## 1.2. Caraterização da Instituição da PSEPE

O Centro Infantil Alberto Trindade surge, segundo o Projeto Educativo da Instituição, no dia 1 de novembro de 1975.

Este Centro foi, na sua génese, a Casa de Saúde Dr. Alberto Trindade que, depois de deixar de funcionar, passou a centro infantil.

Ao longo da sua existência teve várias tutelas (Junta de Freguesia de Castelo Branco, Segurança Social de Castelo Branco) até que, finalmente, em setembro de 2014 a tutela é assumida pela Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco. É neste mesmo ano que recebe a designação de **Centro Infantil Alberto Trindade**, em memória do seu fundador e proprietário.

Este centro é constituído por 4 pisos distintos: a cave, o rés-do-chão e 1º e 2º andares, havendo também alguns espaços exteriores onde as crianças podem brincar com segurança.

De uma maneira geral, todos os pisos da Instituição obedecem às normas exigidas pelo Despacho Conjunto nº. 268/97 do ME e do MSS de 25 de agosto de 1997, desde a

presença de instalações sanitárias para crianças e para adultos, espaços para arrumar materiais de limpezas e diversificados, gabinete para arrumação de material didático, entre outros.

Finalmente, importa destacar que a Instituição tem os equipamentos necessários para, por exemplo, nas escadarias, fazer subir e descer uma cadeira de rodas o que, por conseguinte, pode indiciar preocupação por ser uma Creche/Jardim-de-Infância **inclusivo**.

### 1.2.1. Localização geográfica da Instituição

O Centro Infantil Alberto Trindade encontra-se situado na Rua Eng.º Frederico Ulrich, nº 25, na cidade de Castelo Branco.



Figura 1 - Entrada Principal do Centro Infantil Alberto Trindade

O Centro encontra-se situado num local relativamente seguro uma vez que se situa numa zona de algum aglomerado populacional e nas proximidades das áreas residenciais da maioria das famílias que servem, obedecendo, portanto, ao art.º 7 da alínea *a* do despacho conjunto do Ministério da Educação e do Ministério da Segurança Social (25 de agosto de 97).

### 1.3. Caracterização da sala da PSEPE

A sala do «Patinho Feio» encontra-se no rés-do-chão do Centro e localiza-se mesmo junto ao refeitório presente neste andar.

A sala, devido às diversas adaptações que a Instituição sofreu ao longo da sua existência), é um pouco “irregular” e não permite a sua total visualização quando nos colocamos em determinado canto da mesma, visto que existem alguns pilares no meio da mesma. No entanto, de uma forma geral, a sala está bem concebida pois potencia, de acordo com o Despacho Conjunto nº. 268/97 do ME e do MSS, de 25 de agosto de 1997, diferentes aspetos que são essenciais numa sala de EPE:

- Permite a visualização e visionamento de meios audiovisuais;
- Permite o obscurecimento parcial e total;
- Permite o contacto visual para e com o exterior;

- Permite e proporciona fácil acesso ao exterior;
- Permite a fixação de paramentos verticais de expositores e quadros.



Figura 2 - Corredor (com pilares)

A sala encontra-se dividida em cinco espaços (cantinho de *acolhimento*, cantinho da *casinha*, cantinho de *trabalho*, cantinho da *garagem* e zona dos *jogos*) e tem a vantagem de ter uma casa de banho “privativa”, o que permite que as crianças possam deslocar-se mais facilmente para fazerem as suas necessidades e respetivas higiènes.



Figura 3 - Sala "Patinho Feio"

#### 1.4. Caracterização do grupo de crianças da PSEPE

O grupo da PSPE era constituído por 14 crianças (9 meninos e 5 meninas), sendo que um dos meninos era de nacionalidade indiana. A maioria das crianças tinha 5 anos e as que não tinham, faziam anos até ao final do ano.

Segundo a Educadora Cooperante:

- ❖ “este era um grupo muito unido, visto que praticamente todas as crianças estavam juntas desde a creche.

- ❖ nos jogos, por exemplo, as crianças já eram capazes de criar estruturas mais elaboradas como estradas, montanhas, ...
- ❖ era um grupo com bastante curiosidade pelo mundo que os rodeia (“**Como?**”; “**Porquê?**” ...)
- ❖ as crianças interessavam-se por livros e pelas histórias presentes nesses livros.
- ❖ as crianças ficavam fascinadas com as atividades ligadas à expressão motora.
- ❖ embora interessadas e educadas, algumas crianças tinham ainda alguma dificuldade no cumprimento de regras;
- ❖ as crianças empregavam orações simples (sujeito, verbo e objeto).
- ❖ era um grupo de crianças muito interessadas, participativas e recetivas a todo o tipo de atividades.”

Para estas crianças, qualquer coisa nova ou diferente do habitual era o suficiente para as captar, não havendo nenhuma que mostrasse qualquer tipo de mal-estar ou falta de confiança.

Ao nível do desenvolvimento motor, mais propriamente em relação à motricidade grossa e/ou fina, importa referir que a maioria das crianças já era capaz de fazer puzzles com um número relevante de peças. As crianças gostavam e já eram capazes também de brincar com legos que tinham peças pequenas e conseguiam contornar desenhos, letras e números pelos tracejados de maneira quase “perfeita”.

Ao nível do desenvolvimento cognitivo, principalmente no que toca à organização do pensamento, compreensão do mundo físico e social, a generalidade das crianças já era capaz de usar diferentes noções temporais.

Em relação ao desenvolvimento linguístico e à linguagem verbal (compreensão e expressão), na sua generalidade, o grupo tinha uma boa capacidade de comunicação, expressando-se corretamente, havendo apenas 3 casos que achamos importante destacar:

- uma criança identificada com possíveis NEE e tinha muitas dificuldades na comunicação. Não era capaz de estabelecer um diálogo corretamente e tinha muitas dificuldades em manter o seu olhar em nós quando queríamos estabelecer contacto com ela. Por esta razão, esta encontrava-se à espera de avaliações específicas de profissionais, a fim de perceber qual o tipo de apoios cognitivos e motores de que viria a necessitar;
- uma criança que tinha algumas dificuldades na articulação de palavras que tinham o som “r”; uma das possíveis causas para este facto poderá ser o facto de a criança ter estado até quase aos três anos na Alemanha. Contudo, concluímos que seria necessário acompanhar o desenvolvimento da articulação, pois a criança tinha dificuldades em proferir o som “r” em qualquer situação em que este surja, seja entre vogais ou entre consoantes (“*sporting, porto, prato, ...*”).
- uma criança que, comparativamente ao restante grupo, estava mais desenvolvida em relação às competências linguísticas. Esta criança era capaz de pegar num livro e, em vez de pedir para que lhe lessem a história, ela própria a lia. Não sabia o nome da maioria das letras, mas conseguia fazer a

correspondência grafema-fonema o que nos leva a crer, portanto, que tinha a **consciência fonológica** bastante desenvolvida.

Por fim, no que diz respeito à socialização e à adequação social do comportamento, este era um grupo que já estava bem desenvolvido, no sentido em que todos eram já capazes de estabelecer corretamente um diálogo, respeitando as regras de comunicação. Ocasionalmente, algumas crianças falavam “por cima” dos colegas, mas apercebiam-se rapidamente de que estavam a fazer algo errado e calavam-se imediatamente.

### **1.5. Funcionamento da PSEPE**

A PSEPE teve a duração de 14 semanas, tendo-se iniciado no dia 26 de setembro de 2017 e terminado no dia 12 de janeiro de 2018. Toda a PSEPE foi realizada individualmente, dividindo-se em 5 semanas de observação e 9 semanas de planificação e implementação.

Semanalmente, a PSEPE desenvolvia-se em quatro manhãs (segunda, terça, quarta e quinta-feira). Nas tardes de quinta-feira, o estagiário deslocava-se ao jardim-de-infância a fim de, com a educadora cooperante, refletir sobre o desempenho dessa semana e preparar as planificações e atividades a desenvolver na/s semana/s seguintes.

A título de exemplo, apresentamos uma planificação quinzenal (Apêndice A) e duas planificações diárias (Apêndice B).

Apresentamos, em seguida, a tabela que mostra a organização das semanas desta PSEPE.

Tabela 1 - Funcionamento e Organização da PSEPE

Semana	Metodologia de Trabalho	Tema
26 a 28 de setembro de 2017	<p><b>Observação:</b></p> <p>Período de adaptação ao grupo, à educadora cooperante e Instituição.</p> <p>Caraterização do contexto educativo, da Instituição e do trabalho da Educadora Cooperante.</p>	
2 a 4 de outubro de 2017		
9 a 12 de outubro de 2017		
16 a 19 de outubro de 2017		
23 a 26 de outubro de 2017		
30 de outubro a 2 de novembro de 2017	<p><b>Trabalho Individual</b></p>	<p><b>Portugal (Zona Centro): Relevo e Hidrografia</b></p>
6 a 9 de novembro de 2017		<p><b>Portugal (Zona Centro): Música, Dança e Trajes</b></p>
13 a 16 de novembro de 2017		<p><b>Consolidação de Conhecimentos (Relevo &amp; Nazaré)</b></p>
20 a 23 de novembro de 2017		<p><b>“No Natal...”</b></p>
27 a 30 de novembro de 2017		<p><b>“No Natal há VALORES!”</b></p>
4 a 6 de dezembro de 2017		
11 a 14 de dezembro de 2017		
3 e 4 de janeiro de 2018	Conclusão de trabalhos pendentes	
8 a 11 de janeiro de 2018	<b>Trabalho Individual</b>	<b>“A minha família e eu”</b>

### 1.5.1. Período de Observação

*“A observação é uma ferramenta fundamental para relacionar a teoria com a prática”*  
(Zinke & Gomes, 2015, p. 2)

Foi com esta ideia que trabalhámos no período de observação. Durante as cinco semanas de observação, tal como mostra a tabela 1, tivemos a oportunidade de uma boa adaptação a toda a comunidade educativa da Instituição.

Para além de ser possível observar e refletir acerca do trabalho da educadora cooperante, este período de observação foi também crucial para percebermos que temas estavam a ser trabalhados na Instituição e de que forma, posteriormente no período de implementação, poderíamos dar a continuidade certa e positiva ao trabalho até então realizado.

## 1.5.2. Período de Implementação

A fim de uma perceção global de todo o período de implementação nesta PSEPE, apresentamos a seguir uma síntese das atividades e reflexões, semana a semana.

### 1.5.2.1. 1ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 30 de outubro a 2 de novembro de 2017. Apresentamos o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Portugal (Zona Centro): Relevo e Hidrografia

#### **Atividades:**

- Visualização do vídeo: “Coração Escondido – Outono\_Inverno, Serra da Estrela, Portugal”.
- Diálogo e abordagem didática sobre o vídeo visualizado.
- Pintura: “A minha Serra da Estrela”.
- Audição da música: “Corre Mondego”, de Gabriel Carlos.
- Visualização do vídeo: “Portas de Ródão Flight – Vila Velha de Ródão”, para dar a conhecer o Rio Tejo, bem como o conceito de vale.
- Construção do mapa: “O nosso mapa de Portugal”.

#### **Reflexão de implementação:**

Sendo esta a primeira semana de implementação, importa começar exatamente pelo facto de ter sido sentido algum nervosismo que, em muitos casos, condicionou o trabalho realizado. Ao longo dos dias este nervosismo foi dissipado.

Tendo em conta a temática da semana, iniciámos com a visualização de um vídeo promocional de um dos aspetos mais importantes da nossa região – a Serra da Estrela. A partir daí implementámos todas as restantes atividades.

Em relação aos vídeos visualizados, importa referir que as crianças ficaram com a sua atenção fixada neles sem serem precisas grandes estratégias, pois, tal como as OCEPE defendem, “as tecnologias exercem uma forte atração sobre as crianças e desempenham um papel importante na sua vida diária” (p. 93).

Embora as crianças adorassem pintar, o desenho não foi muito bem escolhido, pois tinha muitos elementos para serem pintados (figura 4), o que levou a que as crianças, a partir de certo momento, começassem a queixar-se do cansaço. Estas queixas levaram a que terminássemos o trabalho antes do previsto.

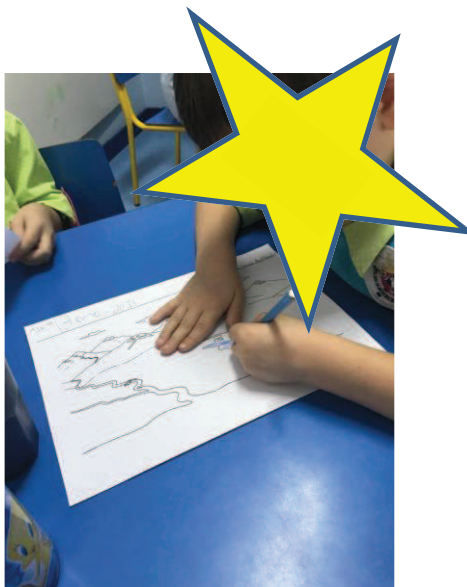


Figura 4 - Desenho: "A minha Serra da Estrela"

Finalmente, todos os aspetos que estão relacionados com a aprendizagem da serra e dos rios bem como a audição da canção correram bastante bem.

Quando chegámos ao mapa de Portugal (figura 5), atingimos o momento de semana mais participativo e com maior adesão das crianças, uma vez que elas identificaram-no logo como o mapa do nosso país e gostaram de identificar e assinalar a Serra da Estrela, bem como dedarem, com tinta azul, os dois rios aprendidos (rios Tejo e Mondego).

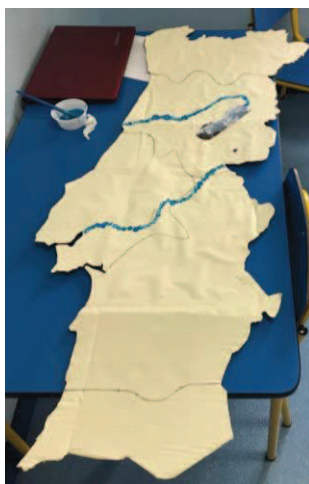


Figura 5 - "O nosso mapa de Portugal"

#### 1.5.2.2. 2ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 6 e 9 de novembro de 2017. Apresentamos o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Portugal (Zona Centro): Relevo e Hidrografia

### Atividades:

- Exploração da canção: “Corre Mondego”, de Gabriel Carlos:
  - Exploração da canção;
  - Assinalar no mapa 2 cidades;
  - Identificar palavras que rimam.
- Visualização de diversas imagens representativas de planícies.
- Jogo: “Caça à Palavra Certa”
- Visualização de um vídeo de um vale num minuto.
- Construção de um dominó de imagens relacionado com os conteúdos do relevo.
- Escolha e decoração da caixa para o dominó: “Qual a melhor caixa para o nosso dominó?”
- Jogo: “Encontra a imagem certa”.

### Reflexão de implementação:

De uma forma geral, podemos dizer que esta semana foi bastante positiva, quer na forma como as atividades se decorreram quer nas aprendizagens adquiridas pelas crianças.

Importa, contudo, referir que nas atividades de leitura, e de acordo com a reflexão da Educadora Cooperante, dever-se-á implementar estratégias suscetíveis de conseguir uma maior motivação.



Figura 6 - Identificação das cidades

Na figura 6 vemos o produto da atividade da identificação das cidades da Figueira da Foz e de Coimbra no mapa. Em relação a esta atividade, é de salientar a importância **do rigor** em tudo o que fazemos nos seguintes aspetos:

- Uniformidade no tipo e tamanho da letra do nome das cidades;
- Maior rigor no local onde a cidade de Coimbra foi assinalada.

O jogo “Caça a Palavra Certa” foi uma atividade muito interessante, pois permitiu às crianças observarem e memorizarem a palavra e relacioná-la com a respetiva imagem.

Neste sentido, cremos que as crianças se mostraram desafiadas e responderam positivamente e com entusiasmo à realização desta atividade.

A atividade da construção do dominó foi muito interessante e positiva, no sentido em que permitiu que as crianças usassem/desenvolvessem a sua motricidade fina ao cortarem as imagens do dominó pelas linhas e, ao mesmo tempo, continuassem a sistematização dos conhecimentos abordados, através de um dominó de imagens, com imagens dos tipos de relevo falados ao longo de toda a semana.

Finalmente, desta semana importa ainda destacar mais um aspeto muito importante que foi refletido em conjunto com a Educadora Cooperante:

- ❖ **Exercer a autoridade é diferente de ser autoritário!** Autoridade é diferente de autoritarismo! A autoridade apazigua as crianças, porque transmite firmeza e segurança; ajuda a criança a pensar sobre a ordem das coisas... Hoje em dia, as crianças, infelizmente, estão a reclamar a autoridade. É preciso impor-lhes regras e limites, mas também ouvi-las e dar-lhes atenção. Conjuguar firmeza e flexibilidade é a **chave o sucesso na Educação**, mantendo a coerência e o respeito.

### 1.5.2.3. 3ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 13 e 16 de novembro de 2017. Apresentamos o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Portugal (Zona Centro): Música, Dança e Trajes.

#### **Atividades:**

- Audição e exploração da letra da canção: “Fado dos Passarinhos (Passarinho da Ribeira)”;
- Construção de um «painel» (de pictogramas) com palavras iniciadas por “F”;
- Coloração do desenho de uma guitarra portuguesa (de Coimbra);
- Visualização do vídeo: “Oficina de Construção de Guitarra Portuguesa”;
- Construção de uma Guitarra Portuguesa (de Coimbra).

#### **Reflexão de implementação:**

Esta semana de implementação terá sido, talvez, uma das mais positivas, principalmente pelos aspetos trabalhados e pelas aprendizagens e competências desenvolvidas e/ou adquiridas por parte das crianças.

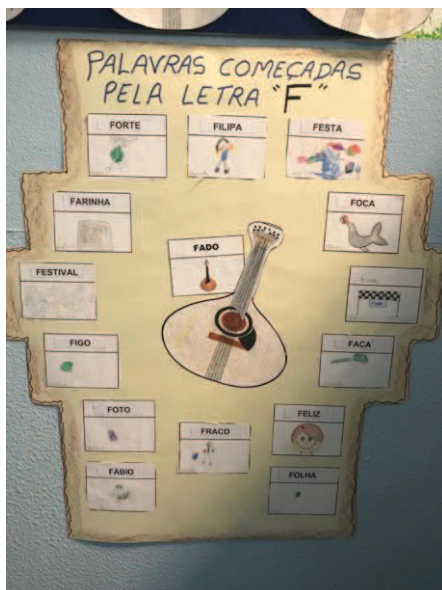


Figura 7 - Painel de Pictogramas (letra "F")

A atividade da construção do painel de pictogramas foi muito positiva, no sentido em que potenciou o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças e ainda porque permitiu que as crianças visualizassem e “lessem” um conjunto diverso de palavras.

No que toca às atividades de coloração e à construção de uma guitarra portuguesa (de Coimbra), importa mencionar que possibilitaram, respetivamente, o desenvolvimento da motricidade fina e da grafomotricidade das crianças. Por outras palavras, embora fossem atividades de um grau de realização elevado, potenciaram diferentes aquisições nas crianças.

Finalmente, importa referir que, como mostra a figura 7, o painel serviu para interligar e *juntar* todas as atividades realizadas.

#### 1.5.2.4. 4ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 20 e 23 de novembro de 2017. Apresentamos em seguida o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Portugal (Zona Centro): Música, Dança e Trajes.

##### **Atividades:**

- Identificar e Assinalar a vila da Nazaré no (nosso) Mapa de Portugal;
- «Pintores por um dia: A minha Nazaré»;
- Visualização de imagens relacionadas com as Varinas da Nazaré;
- Construção de 2 discos de Newton;
- “Pescadores por um dia”:
  - Abordagem ao pescador na Nazaré;

- Jogo: “Vamos Pescar”;
- Visualização de um vídeo do Rancho “Tá-Mar da Nazaré”;
- Coreografia do Corridinho da Nazaré.

### **Reflexão de implementação:**

Esta semana de implementação terá sido aquilo que ficou em níveis muito inferiores àquilo que é desejado, principalmente pelas aprendizagens que as crianças não adquiriram e deveriam ter adquirido.

Nesta semana foi notória a importância de refletirmos previamente no espaço para realizar as atividades. Sem dúvida que é importante refletirmos sobre as atividades, sobre o tempo das mesmas, mas, muitas vezes, o espaço é esquecido. Por este motivo, muitas das atividades planificadas para esta semana não obtiveram os resultados esperados.

Importa destacar a atividade de “Pescadores por um dia”, que terá sido o único momento da semana em que os objetivos e as aprendizagens por parte das crianças foram atingidas.



**Figura 8** - Jogo: “Vamos Pescar”

Tal como é possível observar na figura 8, esta atividade foi muito positiva no sentido em que motivou as crianças para o facto de serem pescadores (“faz de conta”), sendo que potenciou o desenvolvimento de diferentes capacidades das crianças, tais como, atenção, coordenação motora e equilíbrio.

Finalmente, importa refletirmos ainda sobre a atividade da coreografia do corridinho da Nazaré. Embora, efetivamente, o resultado final não tenha sido o desejado, pois o espaço não potenciou uma boa aprendizagem e movimentação e, também, porque apenas duas pessoas para controlar todo o grupo não permitia grandes “aventuras”, é de destacar o facto desta atividade ter permitido trabalhar e desenvolver a coordenação motora das crianças e, principalmente, trabalhar diferentes

competências sociais, tais como o respeito pelo outro, o saber ouvir e seguir orientações, entre outras.

#### 1.5.2.5. 5ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 29 e 30 de novembro de 2017. Apresentamos o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Consolidação de Conhecimentos & “No Natal...”

##### **Atividades:**

- Jogo: “Pesca a Palavra Certa”;
- Construção do “Jogo dos Peixinhos”;
- Construção de pictogramas com palavras que rimam com a palavra “Pescador”;
- Audição da canção: “Fado dos Passarinhos (Passarinho da Ribeira)”;
- Tertúlia: “Aprender com os amigos”.

##### **Reflexão de implementação:**

Segundo Silva (2014), “não há Educação se o aluno [criança] não participa, se o aluno [criança] permanece apenas como observador” (p. 4). É crendo nesta ideia que surgem as atividades desta semana. Visto ser uma semana de implementação mais curta, decidimos ir ao encontro dos pedidos das crianças. Por isso, elas sentiram-se muito mais motivadas, pelo que participaram muito mais ativamente e as aprendizagens/capacidades por elas adquiridas foram também maiores.

A atividade “Pesca a Palavra Certa” tinha como principal objetivo a consolidação de conhecimentos relacionados com os aspetos de relevo. No final da atividade, satisfatoriamente observámos que todas as crianças ainda eram capazes de identificar os diferentes tipos de relevo aprendidos na primeira semana de implementação.

Finalmente, em relação à atividade da tertúlia foi um momento de aprendizagem muito positivo. Mais do que potenciar a consolidação das aprendizagens até então adquiridas (as crianças tinham de falar sobre a imagem que lhes calhava), importa mencionar que esta atividade permitiu desenvolver as capacidades e competências de alguém que vive em cidadania: não falar quando o outro fala, ouvir enquanto o outro está a falar, respeitar o outro, ser ouvido, dar sugestões e/ou opiniões.

#### 1.5.2.6. 6ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 4 e 6 de dezembro de 2017. Apresentamos em seguida o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Consolidação de Conhecimentos e “No Natal...”

### Atividades:

- Visita à Igreja Sr<sup>a</sup>. da Graça, da Santa Casa da Misericórdia de Castelo Branco;
- Exploração e decoração de uma imagem (presépio) em tamanho A<sub>2</sub>;
- “O Meu Presépio”.

### Reflexão de implementação:

Esta semana de implementação andou em torno do Presépio, e logo no primeiro dia realizou-se a visita à Igreja Sr<sup>a</sup>. da Graça, que teve como objetivo as crianças irem assistir à construção do presépio.

Neste sentido, aproveitámos esta oportunidade para abordarmos a temática do presépio ao longo da semana, nomeadamente, com a exploração e decoração de um presépio em tamanho A<sub>2</sub>, para ser afixado na parede da sala.



Figura 9 - Decoração do Presépio

Como mostra a figura 9, esta foi uma atividade muito produtiva e completa no sentido em que possibilitou trabalhar aspetos da Formação Pessoal e Social como, por exemplo, o trabalhar em par e os cuidados a ter com os materiais e consigo próprios, bem como diversos aspetos da Expressão Plástica (Artes Visuais), no sentido em que as crianças utilizaram diferentes técnicas (pintura, colagem, ...) e diferentes tipos de materiais (pedaços de papel metalizado, lápis de cor, pincéis, palha, entre outros).

Segundo as OCEPE (2016), “o desenvolvimento da criança processa-se como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto” (p. 10). Assim, cremos que esta atividade permitiu a construção articulada do saber, pois promoveu um desenvolvimento em praticamente todas as referidas dimensões da criança.

### 1.5.2.7. 7ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 11 e 14 de dezembro de 2017. Apresentamos em seguida o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** “No Natal... há **VALORES!**”

#### **Atividades:**

- Visualização e exploração do vídeo: «Valores Humanos»;
- Apresentação da Carta para o Pai Natal (pintar e assinar);
- Sessão Fotográfica: “Vamos Transmitir Valores”;

#### **Reflexão de implementação:**

Esta foi uma semana em que essencialmente foram trabalhados os valores humanos. Mais do que falarmos em prendas materiais, levámos as crianças a pensarem que as melhores prendas que podemos dar e receber são, sem dúvidas, os valores humanos.



Figura 10 - Sessão Fotográfica: “Vamos Transmitir Valores”

Achámos pertinente a abordagem desta temática pois, infelizmente, nos tempos atuais vivemos num mundo materialista onde os valores humanos têm, de certa forma, desaparecido da vida das sociedades. Neste sentido, procurámos estabelecer uma conversa com as crianças de forma a que, através da visualização de imagens e de vídeos pudéssemos, em conjunto, chegar às *definições concetuais* dos valores humanos. Isto é, não foi planeada a exposição dos conteúdos, mas sim, serem as próprias crianças, a concluírem o que são os valores humanos (ex.: ver uma criança a ajudar uma pessoa velhinha a atravessar a passadeira – ajuda, cooperação).

Foi satisfatório ver a alegria e a motivação das crianças (figura 10) ao tirarem a fotografia com os valores humanos nas mãos e, principalmente, verificar que esses valores foram por elas interiorizados.

#### 1.5.2.8. 8ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre os dias 3 e 4 de janeiro de 2018. Apresentamos em seguida o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** Conclusão de trabalhos pendentes.

##### **Atividades:**

- (Conclusão) Construção de pictogramas com palavras que rimam com a palavra “Pescador”;
- (Construção) Construção do “Jogo dos Peixinhos”;
- Momento de lazer com o “Jogo dos Peixinhos”.

##### **Reflexão de implementação:**

Essencialmente, esta foi uma semana (dois dias) em que nos concentramos em terminar os trabalhos que, por diversas razões, ficaram pendentes.

Neste sentido, é importante refletirmos sobre a importância de concluirmos sempre os trabalhos que são iniciados na sala principalmente se as crianças mostram, logo à partida, muito interesse nessas mesmas atividades. Concluir as diferentes aprendizagens é também potenciar que as diferentes aprendizagens/capacidades que essas atividades promovem sejam adquiridas por parte das crianças.

O que nos levou a implementar este momento de jogo lúdico foi desenvolver nas crianças diferentes aspetos, tais como espírito crítico, diferentes técnicas da Expressão e Educação Plástica, trabalho em equipa/cooperação, entre outros, segundo as recomendações de Duarte (2009) quando diz que o jogo é “uma atividade que possui uma razão própria de ser e que contém, em si mesmo, um objectivo implícito” (p. 14).

O mesmo autor defende ainda que “a infância é uma fase da vida da pessoa em que o jogo assume um papel central” (p. 19). Deste modo, cremos que é importante que um Educador tenha presente em si a importância de utilizar, em certos momentos, o jogo para possibilitar um melhor desenvolvimento da criança.

#### 1.5.2.9. 9ª Semana de Implementação

Esta semana decorreu entre 8 e 11 de janeiro de 2018. Apresentamos em seguida o percurso de ensino-aprendizagem utilizado:

**Tema integrador:** “A minha família e eu...”

**Atividades:**

- Leitura e exploração da história: “A melhor família”, presente no livro «A minha família e eu», de María Mañeru;
- Desenho de “A minha família”;
- Construção da casa (moldura) para “A casa da minha família”;
- Leitura e exploração da história “O Mealheiro da Maria”, presente no livro «A minha família e eu», de María Mañeru;
- Atividades de conclusão de estágio (em conjunto com colegas estagiárias de Licenciatura e em conjunto com outro grupo de crianças da mesma faixa etária).

**Reflexão de implementação:**

Esta semana de implementação fica marcada pela primeira vez (e única) em que partimos da leitura e reconto de histórias, com auxílio de livro.

Para Félix (2015), é na Educação Pré-Escolar “que a contação de história se torna fundamental”, pois permite à criança desenvolver “as primeiras capacidades de narração” e ainda “proporcionar experiências literárias ricas e diversificadas para a construção de leitores” (p. 27). Foi com esta perspetiva que decidimos partir da contação de histórias e estas servirem de fundamento para as restantes atividades, de forma integradora.

Para que este momento não fosse como habitual (sentar as crianças no cantinho e contar história) refletimos sobre a importância de modificarmos a arrumação da sala, de forma a potenciar outras reações da parte das crianças.

Creemos ser esta a ideia de Prá (2011) quando a autora refere que “se o espaço escolar não for um espaço estimulador, envolvente e que desperte o interesse das crianças, de alguma forma elas tentarão demonstrar suas insatisfações” (p. 13). O espaço assume, assim, um papel fundamental na planificação das diferentes atividades, pois pode levar a que uma *má* atividade produza bons resultados ou, caso o espaço esteja mal estruturado, pode levar a que, à partida, uma *boa* atividade seja um fracasso em termos de resultados finais.

## 1.6. Instrumentos de planificação do educador

Para nos guiarmos ao longo de toda a Prática Supervisionada, seguimos um modelo de matriz de planificação didática. É de salientar que cada instituição, educadora cooperante e educador estagiário tinham liberdade para adaptar o modelo de planificação, não existindo, por isso, um modelo rígido.

A matriz sobre a qual trabalhamos era composta por uma planificação quinzenal que depois se desdobrava em planificações diárias.

A planificação quinzenal continha quatro elementos essenciais (figura 11): elementos identificativos, áreas de conteúdo, domínios e subdomínios e aprendizagens a promover, que podem ser interpretadas também como os objetivos a atingir.

Planificação Quinzenal – de 30 de outubro a 9 de novembro de 2017			} Elemento A
Tema: _____			
Área de Conteúdo	Domínios e subdomínios	Aprendizagens a promover	
Elemento B	Elemento C	Elemento D	

Figura 11 - Matriz de Planificação Quinzenal

Como já referimos, a planificação quinzenal desdobrava-se em planificações diárias que continha três elementos considerados fundamentais (figura 12): data da planificação, atividades e aprendizagens que podem ser observadas, que podem ser interpretadas como metas/capacidades adquiridas ou não pelas crianças.

Planificação Diária – segunda-feira, 30 de outubro de 2017		} Elemento A
Atividades/ Materiais	Aprendizagens que podem ser observadas	
Elemento E	Elemento F	

Figura 12 - Matriz de Planificação Diária

O **elemento A** em ambas as planificações corresponde à identificação das datas de implementação e ao tema integrador que seria trabalhado. Importa referir que o tema era dado pela educadora cooperante todas as quinzenas.

Os **elementos B, C, D e F** eram preenchidos de acordo com as Orientações Curriculares para a EPE. Desta forma, importa referir que ao longo de toda a Prática foram trabalhadas as áreas de formação pessoal e social, de expressão e comunicação e conhecimento do mundo. Mais uma vez referimos que onde se encontra “atividades a promover” podemos designar também de objetivos e onde lemos “aprendizagens que podem ser observadas” podemos designar também de metas/capacidades a serem adquiridas pelas crianças.

O **elemento E** diz respeito às atividades que prevíamos implementar bem como os materiais/recursos que seriam necessários para a realização dessas atividades. É de salientar que as atividades escolhidas deveriam relacionar-se com o tema a abordar e as aprendizagens a ser adquiridas.

Depois de preenchidas as duas colunas surgia um último espaço intitulado “Estratégias”. Este era o espaço que utilizávamos para descrever e detalhar todos os passos e pormenores da implementação de todas as atividades, bem como seria a disposição das mesas, dos adultos e das crianças na sala. Destacamos o facto de estas estratégias não serem rígidas, isto é, durante a implementação poderiam ser sempre adaptadas se surgisse algum imprevisto que a isso obrigasse ou se surgisse alguma intervenção, reação ou atitude das crianças que motivasse alguma intervenção da nossa parte.

No final de cada semana de implementação, tínhamos um período de reflexão com a educadora cooperante e, posteriormente, elaborávamos a reflexão por escrito. A reflexão, em qualquer profissão, é, “um dos aspetos mais importantes de todo o percurso de ensino e de aprendizagem” (Carrondo, 2017, p. 15).

Quando refletimos devemos ter em conta os aspetos positivos e menos positivos de cada atividade, com a finalidade de melhorarmos. Não podemos esquecer ainda que refletir sobre a nossa própria postura e perfil enquanto educadores.

## 1.7. Reflexão global da PSEPE

*“Aqueles que passam por nós, não vão sós, não nos deixam sós. Deixam um pouco de si, levam um pouco de nós.”* Antoine de Saint Exupéry (1900-1944)

Todas as experiências contribuem sempre para o nosso crescimento pessoal e profissional e esta PSEPE não fugiu à regra. Se assim não fosse, significaria que este período tinha sido tudo menos uma experiência.

Aprendemos uns com os outros, sem dúvida, e este estágio, até pelo tempo que proporcionou passar na Instituição, fez-nos aprender muita coisa. Para além dos conhecimentos científicos que foram adquiridos ou lembrados, aprendemos muito enquanto pessoa com as crianças, com as Educadoras, com as auxiliares. No fundo, com toda a comunidade escolar desta Instituição.

Este estágio dividiu-se em dois grandes momentos: o período de **observação** e o período de **implementação**. O segundo foi mais trabalhoso que o primeiro, sem dúvida, mas sem o primeiro momento, nunca o segundo teria sido possível.

Segundo Alves (2017), “a observação é um instrumento imprescindível para o acompanhamento e a avaliação na Educação Infantil” (p. 20). Neste sentido, antes do momento de implementação era importante um período de observação para conhecermos o grupo de crianças com que iríamos trabalhar. Da mesma forma como o agricultor tem de conhecer bem o terreno onde quer plantar os seus legumes para que eles não sejam plantados em lugares que não cresçam, também não poderiam ser implementadas atividades se não conhecêssemos o terreno, entenda-se, as crianças, com que viríamos a trabalhar. Caso contrário, poderíamos confrontarmo-nos com uma

atividade, à partida, bem concebida e abrangendo vários objetivos, mas, na sua execução, não desenvolver nenhum tipo de aprendizagem nas crianças.

No entanto, o período de observação não permitiu apenas conhecer e avaliar as crianças, mas também, e não menos importante, possibilitou o conhecimento da forma de trabalho da Educadora Cooperante.

Ainda no período de observação (e também no período de implementação) percebemos o porquê das OCEPE, em Portugal, defenderem que as aprendizagens nas crianças devem partir do brincar. Segundo Tavares (2015), “a brincadeira é fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento social, cultural e pessoal da criança” (p. 19). Percebemos, por isso, que o brincar na Educação Pré-Escolar não é apenas para ocupar e passar tempo, mas, sim, porque permite inúmeras aprendizagens e, por conseguinte, possibilita um melhor e mais “completo” desenvolvimento das crianças.

Creemos que era com este mesmo pensamento que Duarte (2009) defendia que “o jogo é uma actividade que promove o diálogo e o respeito pelos outros” (p. 30) e, nesse sentido, é um fator de motivação para as crianças, até porque, muitas vezes, elas não aprendem não porque as atividades não sejam interessantes, não porque o/a Educador/a não esteja a passar bem a sua mensagem, mas, sim, porque não estão motivadas.

Esta PSEPE permitiu o desenvolvimento positivo enquanto futuro educador. Para além da capacidade adquirida na escolha de atividades adequadas às faixas etárias e os conhecimentos técnicos que foram ganhos, esta PSEPE foi também muito importante para verificar as falhas ou os aspetos que não se conseguiram atingir.

Às vezes, há uma tendência para se refletir apenas naquilo que correu bem ou menos bem, mas cremos que isso não é o mais importante nesta reflexão global, até porque esses aspetos foram enumerados ao longo das reflexões semanais.

Nesta reflexão global pretendemos, portanto, destacar os aspetos em que não se atingiu o patamar pretendido e que devem, por isso, ser melhorados:

- **Pensar e refletir mais sobre o espaço** – às vezes pensamos muito pouco sobre o espaço, mas a sua organização – ou falta dela – pode influenciar positiva ou negativamente a eficácia de uma qualquer atividade.
- **Variância/trabalho com a voz** – quando referimos este aspeto, não estamos a focarmo-nos no que toca a corrigir as crianças, mas sim em contextos diferentes (ex.: no cantinho, falar baixinho, às vezes para captar as crianças; outras vezes, falar mais alto para “surpreender” as crianças, ...). No fundo, desenvolver uma certa “dramatização” da voz.
- **Controlo do grupo.**

É importante termos a capacidade de refletir e fazer uma autoavaliação honesta, porque só assim poderemos ser capazes de melhorar, de crescer. Segundo Vieira (2013), só através da autoavaliação “será possível ao aluno selecionar as pistas que lhe

permitam organizar as suas aprendizagens futuras” (p. 27). Neste sentido, a autoavaliação é importante em todos os momentos em que é necessária uma avaliação e é por isso que ela aqui consta.

Em suma, cremos que esta PSEPE pode ser caracterizada como uma *máquina de frequências cardíacas*, no sentido em que teve momentos altos e momentos baixos, mas que todos eles contribuíram profundamente para o crescimento pessoal, social e profissional.

Em qualquer ciclo de ensino, mas principalmente na EPE, a criança é o centro principal da nossa ação enquanto educadores e, por conseguinte, mais que tudo o resto, foram elas o principal pêndulo do nosso crescimento e desenvolvimento.

## **2. A Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1º. Ciclo do Ensino Básico (PES 1ºCEB)**

### **2.1. Caracterização da PES 1º CEB**

A PES 1º CEB decorreu entre fevereiro e junho de 2018, na turma do 4º. B da Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo Branco.

Tal como na PSEPE, esta Prática foi também caracterizada por dois momentos distintos. Um primeiro período de observação e de adaptação à turma, ao professor cooperante e ao contexto escolar e, posteriormente, um segundo momento de planificação e implementação individual.

Para uma melhor preparação e adaptação à PES 1º CEB, antes do início desta Prática o professor supervisor apresentou quais os principais objetivos desta unidade curricular e, por conseguinte, aqueles que orientaram toda a PES 1º CEB. Deles destacam-se:

- ❖ “Desenvolver, de forma gradual, níveis de autonomia técnico didática e de responsabilização do exercício da profissão docente em todas as fases de desenvolvimento do processo educativo;
- ❖ Refletir sobre o caráter integrador e globalizante da prática letiva no 1º. Ciclo do Ensino Básico;
- ❖ Elaborar planificações/guiões de aula, com base nas reflexões decorrentes da observação da Prática Supervisionada e indicações sugeridas pelos docentes, identificando as operações a realizar para conceber e planificar a ação a ensinar;
- ❖ Experimentar métodos, técnicas e estratégias adequadas às orientações e objetivos expressos no Programa do 1º. Ciclo do Ensino Básico;
- ❖ Colaborar na planificação e implementação das atividades que promovam o relacionamento entre a instituição escolar e a família/comunidade;
- ❖ Desenvolver e/ou participar em projetos de investigação-ação”.

Para caracterizar a instituição, a sala e o grupo de alunos (turma) foram consultados o Plano de Estudo e de Desenvolvimento do Currículo do Agrupamento (s/d), o Projeto Educativo (2015) e os questionários (realizados pelos alunos e famílias no início do ano letivo) que nos foram fornecidos pelo Professor Cooperante.

## **2.2. Caracterização da Instituição da PES 1º CEB**

O Agrupamento de Escolas Amato Lusitano foi criado em 2013 e constituem este agrupamento as escolas:

- Escola Secundário Amato Lusitano (sede);
- Escola Básica Integrada João Roiz;
- Escola Básica 1 – Quinta da Granja;
- Jardim de Infância/Escola Básica 1 do Valongo;
- Escola Básica 1 de Cebolais de Cima;
- Escola Básica 1 do Retaxo.

Importa referir que a EBI João Roiz entrou em funcionamento em 2001/2002 e em 2004 agregou 4 escolas do Ensino Básico (EB1 Quinta da Granja, Jardim de Infância/EB1 do Valongo, EB1 Cebolais de Cima e EB1 do Retaxo) tendo, assim, formado o Agrupamento de Escolas João Roiz de Castelo Branco.

O AEAL tem como missão “promover o sucesso individual dos alunos, favorecer a aquisição de sólidas bases científicas com vista ao prosseguimento de estudos e oferecer percursos formativos diversificados que permitam a integração imediata no mundo do trabalho” (Projeto Educativo, p. 4).

Um outro grande objetivo deste agrupamento é a inclusão dos alunos com NEE.

O lema do AEAL é: “O futuro em construção”, pautando-se por valores de convivência em sociedades, tais como respeito pela diversidade, solidariedade, disciplina e respeito mútuo.

O Agrupamento tem um corpo docente com um total de 220 professores, na sua maioria de nomeação definitiva. Já em relação ao pessoal não docente importa referir que pertencem a este quadro 74 elementos (17 assistentes técnicos e 57 operacionais).

### **2.2.1. A EBI João Roiz**

A EBI João Roiz é formada por três blocos com 25 salas e um outro bloco onde está instalado o refeitório. Tem ainda um pavilhão gimnodesportivo e, junto ao campo de jogos, encontra-se um pequeno pavilhão com balneários.



Figura 13 - Planta da EBI João Roiz

**1** - Entrada

**2** - Bloco B (onde se situa o bar e sala dos professores, o bar dos alunos, a papelaria, o gabinete do coordenador da escola, a reprografia, a telefonista, a secretaria e a sala para os diretores de turma)

**3** - Bloco A (onde se situam as salas de aula do 1º Ciclo e também algumas salas de 2º e 3º ciclos)

**4** - Bloco C (onde se situam as salas de aula de 2º e 3º ciclos)

**5** - Refeitório

**6** - Campo de Futebol

**7** - Pavilhão com balneários

**8** - Pavilhão Gimnodesportivo

### **2.2.2. Localização Geográfica da Instituição**

A EBI João Roiz situa-se na zona sul de Castelo Branco, na Avenida do Zuhai, no bairro Quinta da Granja.

Nos arredores da escola podemos encontrar a GNR, os BVCB, a EB1 Quinta da Granja, as Escolas Superiores, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, da Saúde, da Tecnologia e de Artes Aplicadas, bem como toda a Zona de Lazer. Ainda nas proximidades da escola, embora já fora deste bairro, podemos encontrar outros serviços como, por exemplo, o Centro de Saúde São Tiago e o Hospital Amato Lusitano.

Consequentemente, podemos afirmar que a EBI João Roiz encontra-se localizada num ponto muito estratégico da cidade e, de certa forma, numa zona bastante segura e tranquila dado os serviços que ali existem.



Figura 14 - Localização geográfica da EBI João Roiz

### 2.3. Caracterização da Sala da PES 1º CEB

A sala de aula do 4ºB tinha a forma aproximada de um quadrado, sendo que media aproximadamente 49m<sup>2</sup> (figura 15).



Figura 15 - Vista da Sala do 4ºB

No topo da sala encontrávamos dois quadros pegados um ao outro, fazendo parecer ser apenas um, que ocupa grande parte da parede. Esta sala tinha ainda a presença de um computador (na secretária do professor) e de um videoprojetor, o que potenciava e possibilitava a realização de aulas diferentes.

A sala estava muito bem iluminada pois, para além da luz artificial, tinha ainda 4 janelas que possibilitavam uma boa iluminação natural. No entanto, esta não era aproveitada como seria desejado visto que se as persianas estivessem abertas os alunos não conseguiam ver com clareza o que estava no quadro devido ao reflexo da luz.



Figura 16 - Vista geral da sala do 4ºB

Por fim, importa destacar, tal como pode ser observado na figura 16, que a organização dos móveis presentes na sala, bem como a sua distribuição permitiam que a disposição das mesas pudesse ser alterada da forma que o professor achasse conveniente, consoante a metodologia de trabalho que, em certas alturas, queria implementar.

#### 2.4. Caracterização da Turma da PES 1º CEB

A turma era constituída por 28 alunos, 15 raparigas e 13 rapazes, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Esta era uma turma, segundo o Professor Cooperante, com cerca de 70% de resultados positivos, mas em termos comportamentais era uma turma delicada, visto que a maioria dos alunos se distraía muito facilmente e conversavam paralelamente uns com os outros.

É importante referirmos que no decorrer do ano letivo a turma recebeu um aluno vindo de outra escola. Este caso merece alguma atenção, visto que este aluno tinha no seu processo 3 participações disciplinares por falta de educação e por muito mau-comportamento.

Em relação ao percurso académico dos alunos é de salientar que nenhuma criança ficou retida em anos transatos e que todas elas frequentaram a EPE.

Em termos familiares, a maioria das crianças vivia numa situação familiar estável vivendo com ambos os progenitores, havendo apenas 5 alunos que viviam apenas com a mãe. Ao analisarmos o gráfico 1, percebemos que a maioria da turma tinha 1 ou 2 irmãos e 9 alunos eram filhos únicos.

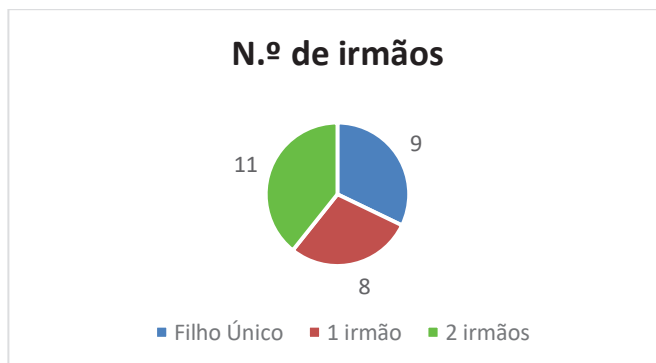


Gráfico 1 - Número de irmãos por aluno

Salientamos este aspeto, pois 8 dos alunos tinham os irmãos na turma, ou seja, havia 4 pares de irmãos gémeos na turma.

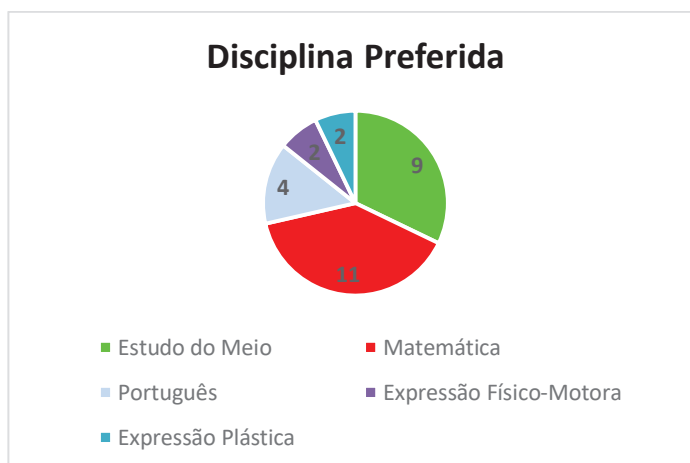


Gráfico 2 - Disciplina Preferida

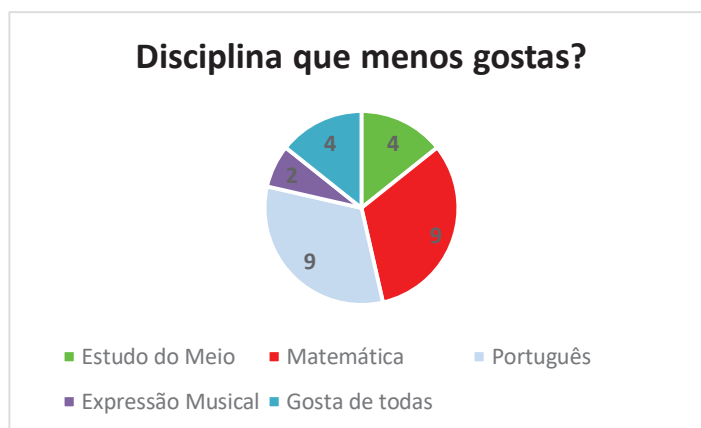


Gráfico 3 - Disciplina que menos gostam

Analisando os gráficos 2 e 3 percebemos que a disciplina preferida da maioria dos alunos (11) é a Matemática, logo seguida do Estudo do Meio, com 9 alunos a escolherem-na.

Comparando os dois gráficos verificamos ainda que a disciplina de Matemática aparece em ambos os “polos” (positivo e negativo), pois é indicado por 9 alunos como

sendo a disciplina de que menos gostam. Contudo, cremos ser preocupante o facto de que mais de metade da turma (18 alunos) não gostarem nem de Matemática nem de Português, que são áreas específicas do ensino ao longo de todo o percurso académico.

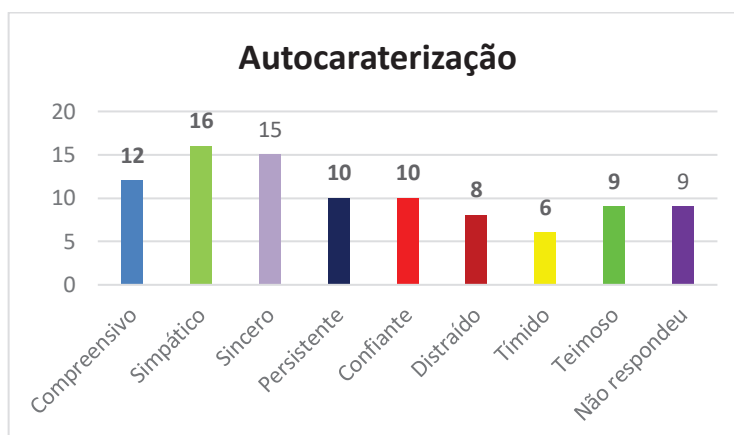


Gráfico 4 - Autocaraterização dos alunos

Por fim, importa destacar a capacidade que todos os alunos mostraram ao serem capazes de se autocriticarem e de se autocaracterizarem. As respostas que os alunos registaram (gráfico 7), foram totalmente ao encontro das observações anteriormente registadas e anotadas.

Tabela 2 - Horário da Turma

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9:00 - 10:00	Português	Português	Português	Matemática	Português
10:00 - 10:30		Apoio ao Estudo			
10:30 - 11:00					
11:00 - 12:00	Expressões	Matemática	Matemática	Português	Expressões
12:00 - 12:30					
12:30 - 13:00		Apoio ao Estudo		Apoio ao Estudo	
13:00 - 14:30					
14:30 - 15:00	Estudo do Meio		Estudo do Meio		Matemática
15:00 - 16:00		Inglês		Inglês	
16:00 - 16:30					
16:30 - 17:30	Matemática	AEC - AFD	Of. Compl. Programação	AEC - Música	AEC Programação
17:30 - 18:20					

## 2.5. Funcionamento da PES 1º CEB

A PES 1º CEB teve a duração de 15 semanas, tendo-se iniciado no dia 19 de fevereiro e terminado no dia 15 de junho de 2018. Tal como na PSEPE, toda esta Prática foi desenvolvida individualmente, havendo um período de duas semanas de observação e as restantes de implementação das unidades didáticas. Importa, no entanto, esclarecer que a implementação de unidades didáticas era feita alternadamente, semana sim, semana não, sendo que entre cada semana de implementação era feita uma reflexão dos aspetos a melhorar com o professor cooperante.

Semanalmente, a PES 1º CEB decorria nas terças, quartas e quintas-feiras, sendo que o professor estagiário deveria fazer exatamente o mesmo horário do professor cooperante. Apresentamos, por isso, o horário realizado pelo professor estagiário:

Tabela 3 - Horário do professor estagiário

Horas	2ª feira	3ª feira	4ª feira	5ª feira	6ª feira
9:00 - 10:00	Português	Português	Português	Matemática	Português
10:00 - 10:30		Apoio ao Estudo			
10:30 - 11:00					
11:00 - 12:00	Expressões	Matemática	Matemática	Português	Expressões
12:00 - 12:30					
12:30 - 13:00		Apoio ao Estudo		Apoio ao Estudo	
13:00 - 14:30					
14:30 - 15:00	Estudo do Meio		Estudo do Meio		Matemática
15:00 - 16:00		Inglês		Inglês	
16:00 - 16:30					
16:30 - 17:30	Matemática	AEC - AFD	Of. Compl. Programação	AEC - Música	AEC Programação
17:30 - 18:20					

Nas semanas de implementação eram construídas Unidades Didáticas, que mais à frente neste RE explicaremos as suas partes e respetivos constituintes. A título de exemplo apresentamos algumas Unidades Didáticas (Apêndices C, E, F, G e H), uma vez que as mesmas servirão também para contextualizar as etapas de investigação..

Apresentamos, em seguida, a tabela que mostra a organização das semanas da PES 1º CEB:

Tabela 4 - Funcionamento e Organização da PES 1º CEB

Atividades Propostas	Semanas															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	
	19.02.2018 – 23.02.2018	26.02.2018 – 03.03.2018	05.03.2018 – 09.03.2018	12.03.2018 – 16.03.2018	19.03.2018 – 23.03.2018	09.04.2018 – 13.04.2018	16.04.2018 – 20.04.2018	23.04.2018 – 27.04.2018	30.04.2018 – 04.05.2018	07.05.2018 – 11.05.2018	14.05.2018 – 18.05.2018	21.05.2018 – 25.05.2018	28.05.2018 – 01.06.2018	04.06.2018 – 08.06.2018	11.06.2018 – 15.06.2018	03.07.2018
Apresentação da PES 1º CEB																
Caracterização do Contexto Educativo (Período de Observação)																
Desenvolvimento e Implementação de Unidades Didáticas					UD 1	UD2		UD3		UD4		UD5		UD6	UD7	
Período de Reflexão e/ou Aperfeiçoamento																
Entrega do dossiê individual final à Equipa de Supervisão																

### 2.5.1. Período de Observação

Assim como na PSEPE, a PES 1º CEB teve um pequeno período de observação. Neste sentido, este período tornou-se essencial com a vista a um conhecimento da instituição e, principalmente, a um conhecimento mais pormenorizado das características da turma bem como das práticas e das metodologias de trabalho usadas pelo professor cooperante.

Apresentamos, de seguida, a reflexão final referente às duas semanas de observação.

#### 2.5.1.1. Reflexão do período de observação

Zinke & Gomes (2015) citando Silva & Aragão (2012), afirmam que “o ato de observar é fundamental para analisar e compreender as relações dos sujeitos entre si e com o meio em que vivem” (p. 3). Neste sentido, um professor deve estar constantemente a observar os seus alunos, pois as circunstâncias, o meio, podem sofrer alterações que influenciem as atitudes e os comportamentos dos mesmos.

Podemos concluir que não pode haver reflexão sem observação, ou, não pode haver agentes reflexivos se também não forem agentes observadores, tal como aliás referem, Zinke & Gomes ao afirmarem que “a prática de observação nos leva a uma percepção mais profunda acerca das complexidades existentes na escola e na própria prática docente, abrindo um espaço de reflexão” (2015, p. 3).

Assim, o período de observação foi muito positivo para a PES 1º CEB, pois contribuiu para uma melhor planificação das atividades no período de implementação, não esquecendo, claro, que mesmo durante o período de implementação a observação deve ser uma das etapas sempre presente.

Algo observado neste período foi o facto de o professor cooperante se pautar por regras, atitudes e valores e era sempre isso que procurava passar para os alunos. Por outras palavras, ele procurava sempre lembrar as regras e a importância das mesmas, não só na vida da sala de aula, mas também no viver em sociedade. Neste sentido, podemos dizer que o professor cooperante tinha um perfil que impunha a sua autoridade, não no sentido de autoritarismo, mas sim no sentido de firmeza em que, tal como já foi suprarreferido, o professor cooperante transmitia firmeza e segurança o que, por conseguinte, ajudava os alunos a pensarem sobre a ordem das coisas. É neste sentido que aponta Galland (2010) quando afirma que “o principal distintivo entre um professor com autoridade de um professor autoritário foi a liberdade de expressão dos alunos” (p. 32). Torna-se, por isso, crucial defender que a autoridade de um professor está inteiramente relacionada com a proximidade desse professor com os seus alunos (p. 33).

Sendo assim, um professor que exerce a autoridade na sala de aula é, por exemplo, conforme observado, alguém que não deixa passar nenhuma situação relevante sem uma “resposta”, quer seja a situação positiva (mas fora do habitual), ou negativa (não tão habitual da parte dos alunos), merece sempre uma intervenção e resposta do professor que exerce a sua autoridade na sala de aula.

Finalmente, um aspeto importante registado neste período de observação foi o princípio do realismo, utilizado pelo Professor Cooperante. Este princípio defende que quanto mais reais forem os conteúdos e as estratégias a abordar, maiores e mais eficazes serão as aprendizagens dos alunos.

### **2.5.2. Instrumentos de Planificação do Professor**

Em todo o trabalho do professor estagiário e investigador foram utilizados essencialmente dois instrumentos de planificação: os Programas e as Metas Curriculares do 1º CEB bem como a elaboração e construção de Unidades Didáticas.

Neste sentido, apresentamos em seguida alguns fundamentos didatológicos essenciais para a construção de unidades didáticas bem como uma breve apresentação, explicação e função de cada uma das partes constituintes das nossas unidades didáticas.

### 2.5.2.1. Unidade Didática: Fundamentos didatológicos da didática integrada

Segundo Pais (2012), a didática integrada assume, cada vez mais, um papel relevante no ensino, principalmente no 1º CEB. O autor afirma ainda que os últimos estudos realizados realçam “a importância da integração didático-curricular como forma e opção metodológica de abordagem aos processos de ensino aprendizagem” (p. 38).

Como fundamentos didatológicos da didática integrada importa referir que esta metodologia assenta na construção de uma unidade didática ou unidade de programação, sendo que esta assenta “num conjunto de opções metodológico-estratégicas” lógicas e interligadas entre si. (Pais, 2012, p. 39).

O mesmo autor defende ainda que os principais fundamentos que devem ser tidos em conta na construção de uma unidade didática são:

- **Forma específica de relacionar a seleção do conteúdo programático** – sequenciação didática estabelecendo uma relação entre o tempo de ensino e o tempo de aprendizagem;
- **Coerência metodológica interna** – toda a unidade didática deve ser uma só, ou seja, “*tudo deve estar ligado com tudo*”. Os princípios que permitem que uma unidade didática tenha uma coerência são:
  - **Unidade didática** – a primeira coisa a ser pensada é o tema integrador. Por outras palavras, antes de se contruir tudo aquilo **que se quer fazer** deve pensar-se naquilo **sobre que se quer falar**.
  - **Elemento integrador** – o elemento integrador pode ser qualquer coisa, desde que não seja infantilizado e que possibilite a ligação, a relação, a proximidade ou a intra e interdisciplinaridade de todas as atividades planeadas na unidade didática.
  - **Percursos de ensino e aprendizagem** – definidos o tema e o elemento integrador, são pensadas e planeadas as atividades/tarefas/desafios que se quer implementar. Posto isto, cria-se uma lógica, um caminho de quando é que queremos que essas mesmas atividades sejam implementadas. A isto chamamos de **percursos de ensino e aprendizagem**.

Por fim, segundo Pais (2012), o importante não é defender e fundamentar se a metodologia de Didática Integrada é melhor ou pior, entenda-se, mais ou menos eficaz no ensino [embora, realmente, os estudos e os resultados mostrem, cada vez mais, a sua importância]. Para o autor, o importante a salientar é que esta é mais uma metodologia de ensino que potencia as aprendizagens dos alunos, bem como o desenvolvimento e aperfeiçoamento das suas mais variadas capacidades cognitivas e motoras – que é o mais importante (p. 40).

### 2.5.2.2. Unidade Didática - Partes Constituintes da Matriz Pedagógica

Apresentamos em seguida as partes constituintes da matriz que foi utilizada nas semanas de implementação.

Cada unidade didática tinha uma capa de apresentação. Como mostra a figura 17, na capa estavam os diferentes elementos de identificação: número da unidade didática, a data de aplicação, o título e o autor da mesma, a identificação dos professores supervisores e um espaço para ilustração (esta era opcional, sendo que se fosse utilizada teria que ver com o tema da unidade).

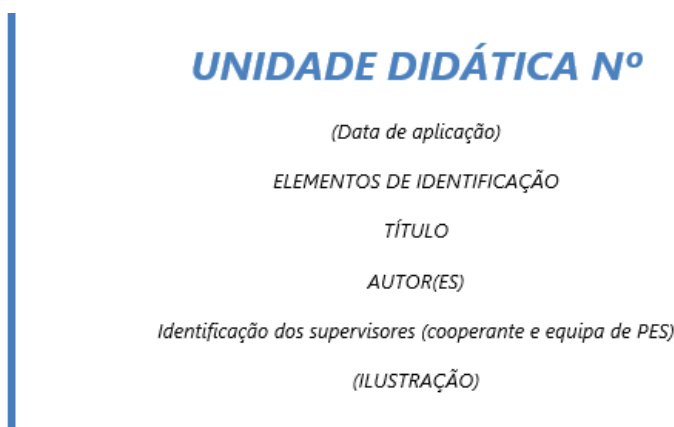


Figura 17- Capa da Unidade Didática

Logo depois da capa surgia uma página para a introdução e contextualização didática da unidade didática. Essencialmente, neste local pretendia-se a apresentação da unidade e a forma de organização da mesma e, principalmente em relação à contextualização didática, deveria ser feita uma pequena caracterização da turma em relação ao percurso dos alunos quanto aos conteúdos de aprendizagem propostos, uma identificação clara dos pré-requisitos dos alunos e ainda a menção de quais os princípios e opções metodológicas adotadas na unidade didática.

PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA					
Seleção do conteúdo programático					
Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares					
Estudo do Meio					
Blocos	Conteúdos	Objetivos específicos	Descritores desempenho	Atitudes, valores e normas	Avaliação
Português					
Domínios /Subdomínios	Conteúdos	Metas Curriculares		Atitudes, valores e normas	Avaliação
		Objetivos	Descritores de desempenho		

Figura 18 - Sequenciação do conteúdo programático por áreas curriculares

Na figura 18 vemos a sequenciação do conteúdo programático. Esta seleção do conteúdo estava dividida por áreas curriculares e, para o preenchimento correto da tabela, deveríamos consultar os programas e/ou as metas curriculares dessas mesmas áreas curriculares. Na coluna da Avaliação (que mais à frente veio a chamar-se Produtos de Aprendizagem) deveríamos identificar aquilo que era esperado que os alunos adquirissem no final da Unidade Didática.

Elementos de integração didática	
<p><b>Tema integrador e vocabulário:</b></p> <p>Explicitação do tema e do vocabulário específico a trabalhar explicitamente durante a unidade: (palavras e expressões a trabalhar explicitamente nas diferentes áreas curriculares)</p>	
<p><b>Elemento(s) integrador(es):</b></p> <p>(só descrição do objeto ou objetos didáticos a explicitação da execução será feita em cada aula na ação didática 1)</p>	
<p><b>Princípios de avaliação</b></p> <p>(Explicitação dos procedimentos e instrumentos a utilizar para monitorizar a aprendizagem dos alunos)</p>	

Figura 19 - Elementos de integração didática

Nesta parte da Unidade Didática (figura 19), tínhamos de identificar o vocabulário específico a trabalhar na Unidade, o elemento integrador e a fundamentação para a sua escolha, os princípios de avaliação e os recursos didáticos que seriam utilizados na implementação da Unidade Didática.

Por fim, a última parte da Unidade Didática era o Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem.

Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem	
Guiões de aula	
Aula 1 - Terça-Feira, __/__/__	
<p><b>SUMÁRIO I</b></p> <p>(explicitação obrigatória dos conteúdos a lecionar)</p>	
<p>Ação didática 1 - Motivação</p>	<p>Procedimentos de execução</p> <p>1.1. 1.2. 1.3.</p>
<p>Ação didática 2 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</p> <p>[Identificação obrigatória da área ou áreas envolvidas, da finalidade didática para cada área envolvida (o que se espera que os alunos aprendam), da metodologia base (trabalho em</p>	<p>Procedimentos de execução</p> <p>Manhã: Atividade 2.1  Atividade 2.2  Atividade 2.3 .../....</p>

Figura 20 - Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem

Tal como mostra a figura 20 era nesta parte da Unidade Didática onde eram apresentadas e descritas detalhadamente as atividades que seriam implementadas ao

longo da Unidade Didática. Esta parte iniciava-se sempre por um sumário inerente à aula a lecionar.

### 2.5.3. Período de Implementação

Apresentamos em seguida, na tabela 5, o cronograma das semanas de implementação das Unidades Didáticas.

**Tabela 5** - Cronograma das Semanas de Implementação e de Reflexão/Aperfeiçoamento

Semana	Unidade Didática	Título/Tema Integrador
20 a 22 de março de 2018	Unidade Didática Nº.1	“APRENDER COM O MAR”
10 a 12 de abril de 2018	Unidade Didática Nº.2	“APRENDEMOS CAMINHANDO”
17 a 19 de abril de 2018		Período de Reflexão e/ou Aperfeiçoamento
24 e 26 de abril de 2018	Unidade Didática Nº.3	“FLORESCER AS APRENDIZAGENS”
2 e 3 de maio de 2018		Período de Reflexão e/ou Aperfeiçoamento
8 a 10 de maio de 2018	Unidade Didática Nº.4	“OS RECADOS DA APRENDIZAGEM”
15 a 17 de maio de 2018		Período de Reflexão e/ou Aperfeiçoamento
22 a 26 de maio de 2018	Unidade Didática Nº.5	“HISTORIADOR DAS APRENDIZAGENS”
29 a 30 de maio de 2018		Período de Reflexão e/ou Aperfeiçoamento
5 a 7 de junho de 2018	Unidade Didática Nº.6	“A NATUREZA DAS APRENDIZAGENS”
12 a 14 de junho de 2018	Unidade Didática Nº.7	“AS APRENDIZAGENS NA HISTÓRIA”

Apresentamos em seguida uma breve descrição de cada semana de implementação, entenda-se, de cada Unidade Didática. Visto que esta investigação foi realizada no 1ºCEB na área do Estudo Meio, mais propriamente no Estudo do Meio Social (História de Portugal), iremos apresentar unicamente os conteúdos lecionados da área do Estudo do Meio, bem como a respetiva reflexão da semana.

### 2.5.3.1. Unidade Didática N°1 (20 a 22 de março de 2018)

**Título** – “Aprender com o Mar”

**Tema integrador:** “À descoberta do mar e da água”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado foi uma imagem do mar que ligou todas as áreas, através da história abordada no Português tendo esta servido de base para os restantes conteúdos de Matemática e Estudo do Meio.

**Conteúdos de Estudo do Meio:**

- Os efeitos da temperatura sobre a água (fenómenos de mudança de estados da água);
- O ciclo da água.

#### **Reflexão de implementação da UD 1:**

No final desta semana de implementação, percebemos que foi uma semana positiva. Foram, no entanto, verificados dois aspetos impreterivelmente a melhorar:

- **Estudar mais a tabuada** – não está em questão o não saber a tabuada, mas é importantíssimo que “saia mais cantada”, isto é, que se esteja menos tempo a pensar; que ele esteja “mais na ponta da língua”;
- **Adaptar algumas das estratégias pensadas** – nesta UD houve alguns momentos em que era pedido aos alunos que registassem os conteúdos nos diferentes *powerpoint's*. Alguns alunos terminavam rapidamente o registo, mas outros eram bem mais lentos o que, por conseguinte, fez com que algum tempo fosse perdido aquando a utilização destas estratégias.

Em relação à organização e controlo do tempo, cremos que, no geral, esta gestão foi bem feita pois não foi necessário acelerar nenhuma atividade por falta de tempo ou por tempo a mais.

Por fim, importa salientar que o comportamento da turma surpreendeu positivamente. No período de observação foi verificado que a turma era um pouco irrequieta e com momentos de alguma agitação, algo confirmado também pelo professor cooperante. No entanto, no período de implementação desta unidade didática a turma esteve, no geral, com comportamentos adequados às situações propostas, empenhada e participativa em todas as atividades.

### 2.5.3.2. Unidade Didática N°2 (10 a 12 de abril de 2018)

**Título e tema integrador** – “Aprendemos Caminhando”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado foi a imagem de um príncipe que representava o mesmo do conto “A princesa e a ervilha”, de Hans Christian Andersen. Através deste elemento, foi incidida a sua jornada na procura da princesa

genuína e autêntica, o que permitiu a ligação de todas as áreas de conhecimento. É, na verdade, no caminhar à procura daquilo que ambicionamos e desejamos que novas aprendizagens surgem nas nossas vidas.

### **Conteúdos de Estudo do Meio:**

- A dilatação de sólidos, líquidos e gases;
- A água subterrânea.

### **Reflexão de implementação da UD 2:**

Nesta semana, os alunos foram desafiados a transformar uma história narrativa em diálogo e, no final, apresentá-lo à turma. Este desafio fez alterar um pouco a planificação inicial no sentido em que a elaboração do diálogo excedeu o tempo previsto. Contudo, achámos ser essencial substituir uma outra atividade de escrita pelo momento de representação dos *teatros* construídos pelos alunos.

Foi, sem dúvida, a melhor opção tomada! Os alunos envolveram-se de tal forma nesta atividade que no dia das representações, sem que tivesse sido solicitado, trouxeram diferentes adereços, roupas e até desenharam os seus cenários no quadro.

Algo importante a refletir foi o facto de um aluno ter representado, sem qualquer tipo de complexo, uma personagem feminina, assumindo vigorosamente esse papel (desde as roupas e adereços até aos gestos e à própria fala). Destacámos esta situação, pois em crianças desta idade não é muito vulgar assumirem um papel relacionado com o sexo contrário, principalmente um menino representar o papel de menina.

Por fim, pela razão suprarreferida, nesta semana foi possível apreender a ideia de que um professor não deve estar completamente preso à sua planificação. É óbvio que é necessário que a faça e que a tenha presente, mas nunca deve deixar de lado e sem resposta determinadas situações que aconteçam na sala de aula ou determinados pedidos que os alunos possam fazer.

### **2.5.3.3. Unidade Didática Nº3 (24 e 26 de abril de 2018)**

#### **Título e tema integrador** – “Florescer as Aprendizagens”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado foi a imagem de uma flor que representava em simultâneo a flor da história “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago. Nesta semana, o elemento integrador foi afixado no quadro da sala, mas sem pétalas (flor despida). As pétalas foram colocadas pelos alunos posteriormente, aquando da construção da fábula do conto (cada pétala correspondia a uma ação do conto). A flor, já completa, no final dos percursos de aprendizagens, foi colocado dentro do painel do metro quadrado dando, assim, origem ao painel: “*A maior flor do mundo*”. Por tudo isto, foi um elemento integrador que, para além de interligar as diferentes

áreas, permitiu ainda o trabalho ativo dos alunos sobre ele o que potenciou uma interdisciplinaridade de todo o trabalho desenvolvido nesta unidade didática. Este elemento integrador deu ainda origem ao nome desta UD, no sentido em que os alunos ao completarem a flor, ao colocarem a flor no metro quadrado (...) estavam a descobrir e aplicar novas aprendizagens, isto é, estavam a florescer as [suas] aprendizagens.

### **Conteúdos de Estudo do Meio:**

- Maiores rios de Portugal (internacionais e nacionais);
- Passado Nacional: Personagens e factos da história nacional.

### **Reflexão de implementação da UD 3:**

Os conteúdos e os objetivos previamente planificados foram, de uma maneira geral, cumpridos, uma vez que todos os alunos atingiram as metas previstas.

É importante refletirmos sobre a atividade da construção da fábula da história abordada. Como planificado, o elemento integrador foi uma flor em papel de cenário sem pétalas, que seria completada na atividade da construção da fábula, entenda-se, com as ações da história. Positivamente, esta atividade potenciou a interdisciplinaridade e também a relação com as diferentes áreas a serem abordadas na UD. Negativamente, verificámos que as pétalas da flor foram mal elaboradas visto que, a certa altura, ao colocarmos as pétalas na flor, algumas ficaram com as frases viradas ao contrário.

Em relação aos conteúdos matemáticos, há a destacar o facto de ter sido levado um metro quadrado (dividido em 100 decímetros quadrados) para aula. Isto permitiu que os alunos mais facilmente compreendessem os conteúdos e as relações entre os diferentes múltiplos e submúltiplos.

Finalmente, tal como sucedeu na implementação da UD anterior, confirmámos que um professor não pode estar completamente preso à sua planificação. É importante que o professor esteja sempre atento ao decorrer da sua ação bem como às reações dos seus alunos, para que em momento algum deixe de responder e satisfazer as necessidades dos alunos.

## **2.5.3.4. Unidade Didática N°4 (8 a 10 de maio de 2018)**

**Título** – “Os Recados da Aprendizagem”

**Tema integrador:** “Solidariedade”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado nesta UD foi a palavra “recado” e o seu significado. A escolha deste elemento integrador ia ao encontro do tema integrador escolhido (a solidariedade). No final desta UD, na ação didática de encerramento de aula, cada aluno teria que criar um recado solidário para a comunidade escolar. Este elemento integrador não era tão habitual no sentido em que

não tinha um suporte visível (como uma imagem ou em três dimensões), mas, em contrapartida, permitiu a interligação de todas as áreas entre si e, principalmente, com o tema integrador, possibilitando assim que, no final desta UD, os alunos ficassem mais consciencializados do conceito de solidariedade e da importância de ser solidário.

### **Conteúdos de Estudo do Meio:**

- Aspectos das costas:
  - Aspectos da costa portuguesa.

### **Reflexão de implementação da UD 4:**

Nesta UD surgiu o projeto “Jogar para Aprender”. A ideia deste projeto era potenciar as aprendizagens finais dos alunos e, em simultâneo, desenvolver o espírito de competição positiva e de cooperação entre toda a turma, o que veio a acontecer. Os jogos deste projeto permitiram ainda avaliar os conhecimentos que os alunos tinham ou não, sem que os mesmos se “apercebessem” que estavam a ser avaliados.

Na abordagem à história “Historia com Recadinho”, de Luísa Dacosta, há a refletir que a mesma tinha pormenores de difícil perceção bem como a presença de bastantes palavras mais complicadas e desconhecidas, até mesmo para nós professores que, em alguns casos, tivemos a necessidade de pesquisar em dicionário. Neste sentido, cremos que, embora a lição/moral da história seja totalmente adequada a esta faixa etária, a história em si é de grau de dificuldade relativamente elevada para crianças com 9/10 anos. Portanto, esta história deverá ser mais uma vez abordada no decorrer do ano letivo.

Finalmente, importa ainda destacar que esta semana de implementação foi um desafio para o professor estagiário. Nos segundo e terceiro dias desta implementação, o professor cooperante não pôde estar presente e, a dada altura, senti que isso poderia ser prejudicial à implementação desta UD. Contudo, a verdade é que na sala de aula, nas diversas atividades, toda a turma foi bastante respeitadora e teve sempre bem presente as regras da e na sala de aula.

Por conseguinte e em jeito de conclusão, nesta implementação foi notório o crescimento enquanto futuro professor quer na melhor prestação e postura na sala de aula, quer no melhor controlo do grupo e do tempo.

### **2.5.3.5. Unidade Didática Nº5 (22 a 25 de maio de 2018)**

**Título** - “Historiador das Aprendizagens”

**Tema integrador:** “A História e o Passado Nacional”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado nesta UD foi a imagem da personagem Nuno Álvares Pereira. A escolha deste elemento integrador foi ao

encontro de toda a sequência da UD e, principalmente, foi ao encontro do principal objetivo desta Investigação, ou seja, perceber qual o potencial didático da personagem histórica heroificada para o ensino da História de Portugal no 1º CEB.

### **Conteúdos de Estudo do Meio:**

- Visita de estudo ao Mosteiro da Batalha e ao CIBA;
- A crise de 1383/85;
- A Batalha de Aljubarrota.

### **Reflexão de implementação da UD 5:**

Esta UD foi construída com base na visita de estudo e, por conseguinte, grande parte da sua implementação consistiu em atividades para observação e recolha de dados para a investigação que estávamos a desenvolver.

O único aspeto menos positivo a referir nesta semana foi o facto de não ter havido efetivamente uma preparação da visita de estudo. É certo que houve um momento de apresentação do Mosteiro da Batalha, bem como a lecionação das matérias históricas referentes a este local, mas não houve, verdadeiramente, o “antes da visita”, por exemplo, com a construção de um panfleto com o percurso e atividades da visita.

Embora mais à frente neste RE apresentemos os resultados, a análise e as conclusões da nossa investigação, podemos já mencionar que com as atividades implementadas nesta UD, concluímos que a figura histórica heroificada pode influenciar positivamente a aprendizagem da História de Portugal no 1ºCEB.

Normalmente, quando se leciona algum conteúdo – período – histórico, faz-se “contando a história” do que aconteceu nesse determinado período e as personagens históricas vão “aparecendo” com as suas ações. Em contrapartida, nesta implementação, partimos da personagem (heroificada) e sua ação e importância no seu período de vida, e por quê.

Para avaliarmos e tirarmos as conclusões possíveis, começámos com a aplicação de uma ficha diagnóstica sobre o período de vida de Nuno Álvares Pereira (o nosso herói) e, no final da implementação, essa mesma ficha voltou a ser aplicada. Os resultados foram deveras incomparáveis. No momento diagnóstico os resultados foram francamente maus, e no momento final foram deveras positivos (sobre este ponto apresentamos mais à frente neste RE todos os detalhes).

Por fim, importa refletirmos sobre algo muito importante e que, às vezes, é esquecido pelos professores. cremos que a possibilidade das crianças contactarem com a realidade, ou seja, com os locais onde tudo aconteceu, terá potenciado também estes resultados o que, mais uma vez, comprova a importância do princípio da realidade no processo de ensino-aprendizagem.

### 2.5.3.6. Unidade Didática Nº6 (5 a 7 de junho de 2018)

**Título** – “A Natureza das Aprendizagens”

**Tema integrador:** “O Meio Ambiente”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado nesta UD foi o Dia Mundial do Ambiente (5 de junho), com o auxílio de uma imagem alusiva a este dia. Mais uma vez, apresentámos um elemento integrador não tão usual. Contudo, e sendo esta uma UD que foi elaborada através da metodologia de trabalho projeto, este elemento integrador fundamenta e interliga todas as atividades do projeto «Por Um Ambiente Melhor».

**Conteúdos de Estudo do Meio:**

- O Meio Ambiente (qualidade do Ambiente);
- A poluição:
  - Tipos de poluição.

Visto que esta foi uma UD elaborada sob a metodologia de trabalho projeto, apresentamos a mesma, a título de exemplo (Apêndice C).

**Reflexão de implementação da UD 6:**

Visto que esta UD foi construída com base na metodologia de trabalho projeto, antes da sua elaboração teve que haver um momento de pesquisa e fundamentação teórica sobre esta metodologia.

Neste sentido, importa referir que esta metodologia de trabalho possibilitou o trabalho de pesquisa por parte dos alunos, bem como a metodologia de trabalho em grupo o que, por sua vez, desafiou o professor a pensar em algumas estratégias diferentes do habitual para que o controlo do grupo fosse assegurado. Assim, é de salientar que os alunos participaram e empenharam-se de forma motivada e entusiasmada, quer nos momentos de pesquisa quer nos momentos de trabalho de grupo (construção do livro e do cartaz).

Os objetivos e aprendizagens previamente planificados foram atingidos, pela grande maioria dos alunos, o que nos permite defender a ideia de que a metodologia de trabalho por projeto pode também ser benéfica no 1º CEB.

Para concluir, importa refletirmos um pouco sobre a essência do significado do trabalho por projeto. Podemos concluir que, como suprarreferimos, esta é uma metodologia potenciadora de aprendizagens pela descoberta. Contudo, para que um trabalho projeto seja, na verdade, um trabalho de projeto eficaz e capaz de potenciar o desenvolvimento e aperfeiçoamento de aprendizagens, de capacidades e de conhecimentos nas crianças, ele deve prolongar-se por algum período de tempo. Cremos que um projeto para um, dois, três dias não é, na sua essência, verdadeiramente um projeto.

### **2.5.3.7. Unidade Didática N°7 (12 a 14 de junho de 2018)**

**Título** – “As Aprendizagens na História”

**Tema integrador:** “Uma História de Heróis”

**Elemento integrador:** O elemento integrador utilizado nesta UD foi novamente a imagem da personagem Nuno Álvares Pereira. Novamente, a escolha deste elemento integrador ia ao encontro do principal objetivo desta investigação que era perceber qual o potencial didático da personagem histórica heroificada para o ensino da História de Portugal no 1º CEB.

**Conteúdos de Estudo do Meio:**

- O Passado Nacional:
  - Factos e figuras da história nacional;
- Fontes de energia renováveis e não renováveis.

#### **Reflexão de implementação da UD 7:**

Sendo esta a última semana de implementação, decidimos desafiar-nos a nós próprios e, por isso, saímos da “zona de conforto”. Neste sentido, esta UD foi construída sob a metodologia de trabalho por temas. Apresentamos esta UD a título de exemplo (Apêndice H).

Para a elaboração desta UD foi necessária uma pesquisa acerca do Ensino nos países nórdicos onde o trabalho com os alunos é feito por temas, e as diferentes áreas curriculares trabalham esse tema. Embora com o tempo muito limitado, tentamos, nestes três dias finais, implementar algo semelhante.

A grande ameaça a estes dias de implementação era, sem dúvida, o facto de se tratar do período final de aulas e a turma já ter realizado todas as provas de avaliação. Por conseguinte, perspectivávamos que a turma pudesse estar pouco motivada e menos interessada. No entanto, isso não se verificou. Em relação à motivação, à participação e ao empenho nas tarefas, os alunos continuaram exatamente com a mesma atitude até então.

Neste momento, atrevemo-nos a defender que esta é também uma metodologia de trabalho que motiva os alunos e potencia positivamente as aprendizagens dos mesmos. Não só por ser, em si mesma, diferente, mas, essencialmente, porque, à semelhança, por exemplo, do trabalho por projeto, potenciar o trabalho autónomo e de pesquisa dos alunos o que, no final, possibilita, uma aprendizagem pela descoberta e não tanto uma exposição de conteúdos por parte do professor.

Como já foi referenciado, o tempo não foi muito e, portanto, alguns temas foram abordados de forma mais superficial, mas não deixaram de marcar os alunos.

Desta implementação importa destacar uma oportunidade de adaptação do planificado logo no primeiro dia. Visto que neste primeiro dia de implementação foram

abordados os poemas de Matilde Rosa Araújo que falam dos animais, a dada altura, os alunos começaram a questionar sobre o mundo animal e sobre a natureza e começaram a relacionar com a semana anterior onde havíamos falado sobre a importância da perseverança do Ambiente.

Por conseguinte, olhando às questões dos alunos, mas principalmente ao entusiasmo com que as faziam, mostrando a ânsia de falarem e saberem mais sobre o mundo animal, decidimos encurtar o que tínhamos planificado para a análise e interpretação dos poemas e optámos por outro caminho: o diálogo sobre o ambiente, a natureza, o mundo animal e os diferentes “mistérios” que o mundo animal tem para nós.

Poderia ter sido um risco, mas, a verdade é que nos intervalos seguintes e durante a semana os alunos não falavam de outra coisa que não os poemas e os “mistérios” e lições que os animais podem dar ao Homem.

Por fim, importa destacar que esta implementação foi muito positiva e conseguiu atingir um nível bastante satisfatório, tendo em conta o perfil do professor do 1º CEB. Há e continuará a haver, certamente, aspetos a melhorar (seja em questões de planificação, seja em questões de execução) enquanto professor. Neste sentido, é importante não deixarmos nunca a reflexão de lado. A reflexão deve fazer parte da vida de um professor. Consideramos que um professor deve ser **reflexivo e investigador** e não avaliativo e investigador, porque, às vezes, quando se avalia não se está a refletir, mas sempre que se reflete está-se a avaliar.

## 2.6. Reflexão global da PES 1º CEB

*“Tenho pensamentos que se pudesse revelá-los e fazê-los viver, acrescentariam nova luminosidade às estrelas, nova beleza ao mundo e maior amor no coração dos homens”.*

Fernando Pessoa

Para além das reflexões semanais, consideramos imprescindível uma reflexão global desta prática supervisionada. Não é fácil lembrar todo o percurso, a nossa memória, por vezes, é a nossa maior inimiga. Todavia, uma coisa é certa, concluímos este percurso de forma honesta e positiva. Somos, hoje, melhores pessoas e melhores profissionais. Ficam as memórias, ficam as saudades. Se abríssemos o coração em vez de fazermos uma reflexão pragmática, os leitores compreenderiam perfeitamente o que o autor suprarreferido defendia ao afirmar que se revelasse todos os seus pensamentos era “maior [o] amor no coração dos homens”. É assim que nos sentimos.

Esta PES tornou-se crucial para nosso desenvolvimento e crescimento enquanto pessoas e profissionais.

Segundo Barbosa (2013), “a reflexão é, numa fase inicial do percurso profissional, um caminho para o professor formar as suas próprias metodologias de ensino,

verificando a veracidade das escolhas feitas” (p. 20). Foi nesta lógica que os momentos de reflexão foram pautados por um diálogo aberto, realista e sincero entre o estagiário e o professor cooperante. Da mesma forma que se elogiava determinadas atividades, estratégias e/ou avaliações, também se alertava e corrigia em relação a outras.

Acreditamos, portanto, que somos hoje melhores [futuros] profissionais de Ensino do que quando iniciámos esta Prática.

Para Campos (2016), “a motivação depende, de certo modo, do docente uma vez que o mesmo deve propor atividades e problemas que suscitam o interesse e a curiosidade investigativa das crianças” (p. 11). Este foi o nosso grande auto desafio.

Nesta PES foi desenvolvida a capacidade de motivar os alunos. Por isso, foi importante conhecer o melhor possível o grupo a fim de planificarmos e implementar tarefas que fizessem “despertar na criança interesse/motivação que estimule a atividade mental na criança” (Campos, 2016, p. 12). Só assim conseguiríamos atingir todos os objetivos e aprendizagens previstas.

Finalmente, tal como mencionámos na reflexão global da PSEPE, cremos que também a PES 1º CEB pode ser caracterizada como uma *máquina de frequências cardíacas*, no sentido em que teve momentos altos e momentos baixos, mas que todos eles contribuíram profundamente para o crescimento pessoal, social e profissional.

No 1º CEB, a criança [o aluno] é e deve ser sempre, sem dúvida, o centro principal da nossa ação. Neste sentido, mais do que as planificações, mais do que as reflexões, mais do que as atividades – que também contribuíram, claro – foram eles, os alunos, o principal pêndulo e âncora do nosso crescimento e desenvolvimento.

## Capítulo II - Enquadramento da Problemática



Neste capítulo pretendemos apresentar o enquadramento teórico que fundamentou a investigação que desenvolvemos.

Para que este enquadramento fosse completo e variado, procurámos em diferentes tipos de documentos, destacando estudos relacionados, direta ou indiretamente, com esta temática.

## 1. O *Herói*

“O *Herói* é o campeão do bem, o restaurador da ordem, por vezes até o “polícia” do cosmos. Contra ele, bem pode desencadear-se as forças do mal e da treva; acaba por sair vencedor, visto que os deuses não podem permitir que o excesso triunfe, pois assim o cosmos arruinar-se-ia. Os deuses não podem aceitar nem a desordem nem a injustiça. Os homens também não. O que explica a veneração quase sagrada com que rodeamos o *herói*: tem à sua volta como que uma auréola de divindade. Os homens têm uma necessidade interior de *heróis*” (Martins, 2011, p.27 citando Chagas, 2008, p. 159).

Embora o conceito de *herói* seja, de facto, um conceito muito abrangente, tem uma característica importantíssima: destacamos e/ou apelidamos alguém como/de *herói* quando esse alguém se destaca na nossa vida.

Assim, é compreensível defendermos que o *herói* é uma pessoa corajosa ou autora de grandes feitos e que provoca admiração.

Se “os homens têm uma necessidade interior de *heróis*” (Martins, 2011, p. 27), o que dizer então das crianças? As crianças têm na figura do *herói* um exemplo, uma figura que, de certa forma, os motiva a viver o seu dia-a-dia. Elas querem crescer e, um dia, tornarem-se iguais ao seu *herói*.

O *herói* torna-se, portanto, numa divindade para a qual as crianças olham e veneram porque o *herói* é aquele que tudo o que faz é bem e para o bem, dando o equilíbrio de que o universo necessita, visto que ele é “capaz de resolver o conflito em que o indivíduo se debate” (Fontes, 2013, p. 18).

### 1.1. Definição de *Herói* - diferentes perspetivas

O conceito de *herói* é, talvez, dos atuais conceitos mais comentados e abordados nas nossas sociedades e, por conseguinte, tem levado a que surjam alguns estudos subordinados a esta temática. É um conceito muito complexo que envolve diferentes dimensões para a sua definição, isto é, definir *herói* pode envolver critérios linguísticos, mas também pode envolver fatores históricos e/ou culturais.

A figura do *herói* motiva-nos e fascina-nos, pois, esta figura “personifica o desejo da figura ideal do ser humano” (Erlacher, 2009, p. 78). Está disposto para se confrontar com todas as dificuldades e vencê-las (Álvares, Curado & Guimarães de Sousa, 2012, p. 10). Podemos encontrar aqui o *herói* como um super-homem, como um semideus.

Portugal é um país que tem na sua história inúmeras alusões à(s) figura(s) histórica(s), elevando-as a heroínas, com um papel importante na sua história. Por exemplo, para Martins (2011), “os *Lusíadas* apresentam um herói coletivo – o povo português” (p. 29).

Segundo Pinto (2014), “o herói era uma figura simbólica do culto do ideal que o regime [Estado Novo] considerava salutar para Portugal” (p. 35). Ora, sem entrarmos em juízos de valores em relação ao regime do Estado Novo, podemos interrogar-nos sobre qual seria a motivação do regime em destacar o *herói*, a figura histórica, no “culto do ideal” em Portugal? Então sobrevalorizava-se aquilo que era português, pelo que, neste sentido, o *herói* interligava-se com o “culto do ideal” do Estado Novo exatamente porque heroificava as figuras históricas e «transformavam» Portugal e o povo português num grande país e num grande povo.

Pinto (2014) defende ainda que “a construção de uma sociedade ‘ideal’ (...) tendo por base o exemplo da genialidade dos heróis era um dos objetivos principais da política ideológica do Estado Novo” (p. 35). Ideologias à parte, podemos considerar que os currículos dos nossos dias poderiam dar ao *herói* – figura histórica – um papel salutar e crucial para a aprendizagem da história do nosso país. Cremos que podemos afirmar que a figura do *herói* é importante para a história de um país e, por conseguinte, para a nossa história como pessoas, como cidadãos.

No fundo, para os autores mencionados, podemos defender que o *herói* pode ser uma figura histórica e que essa figura – *herói histórico* – pode muito bem ser o nosso *herói pessoal*.

Uma outra perspetiva do conceito de *herói* é-nos dada por Erlacher (2009). A autora, no seu estudo, refere que as exigências e solicitações feitas pela sociedade, através da escola, tornavam o professor um herói (p. 78). Aqui deparamo-nos com o facto de que a figura do *herói* pode ser alguém da nossa sociedade, do nosso meio envolvente (se um professor consegue formar um determinado número de alunos de uma forma extraordinária, diremos que é um *herói*; se o nosso médico consegue salvar-nos, entenda-se, curar-nos de alguma doença grave, diremos que é um *herói*, o *nosso herói*; se um determinado desportista português se destaca pelo mundo fora, diremos que é um *herói*; ...).

A ideia supramencionada foi também defendida por Bomfim (2015) que afirma que “o piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna pode ser visto como o arquétipo do herói nacional por ter dado grande contribuição no que diz respeito à mudança na autoimagem do cidadão brasileiro” (p. 72). As vitórias, as conquistas e as aparições do piloto fizeram com que o povo brasileiro o recordasse de forma heroica, de tal maneira, que muitos desejam ser como ele.

Cremos ainda que quando falamos no conceito de *herói* outros conceitos podem ser facilmente equiparados e associados. Por exemplo, quando falamos no nosso *ídolo* estamos, no fundo, a falar do nosso *herói*. Bomfim (2015) afirma que “o ídolo é sempre um referencial para o seu fã” e que “o fã se identifica com seu ídolo e, ao mesmo tempo,

projete nele seus desejos” (p. 67). O ídolo tem o seu fã, mas o herói tem também o seu seguidor. Também quando falamos no “melhor do mundo”, estamos a falar num *herói*. Em alguns casos, quando invocamos a divindade estamos a pensar na divindade como o nosso *herói*, aquele que é capaz de nos ajudar.

Embora sem pormenorizarmos demasiado, importa referir que a ideia de *herói*, ao longo dos tempos, passou por diferentes conjeturas o que nos leva a poder categorizar este termo: *herói* guerreiro, *herói* artista, *herói* romancista, *herói* coletivo, entre outros (Pinto, 2014, pp. 151-153).

O conceito de *herói* está ainda ligado ao conceito de *mito*. Nos tempos atuais é comum o conceito de *mito* ser usado “para designar ícones da cultura de massas, sejam personalidades desportivas, da música, do cinema ou da política” (Fontes, 2013, p. 10).

Por fim, Erlacher (2009) defende que a grande variedade de perspetivas e definições de *herói* assenta no facto de que este conceito terá surgido simultaneamente com os conceitos de *lenda* e de *mito* (p. 78).

#### 1.1.1. *Herói*: definição de dicionários

Através dos dicionários consultados (Costa, Sampaio e Melo, 1986; Machado, 1977), podemos caracterizar e definir o *herói* como (i) um guerreiro; (ii) qualquer homem de coragem e talento; (iii) um semideus ou tornado em semideus; (iv) uma personagem nascida de um ser divino e outro mortal; e, (v) o nome que os Gregos davam aos grandes homens divinizados.

Etimologicamente, podemos definir *herói* como vindo “do grego *hérōs*, especialmente em referência aos chefes gregos em frente de Troia”, posteriormente designado “qualquer guerreiro, homem de nascimento nobre, de coragem, de talento; semideus; qualquer homem tornado semideus, pelo latim *herōe*”.

#### 1.1.2. *Herói*: a história e conceito popular

Este conceito de *herói* tem-se como “popular” no sentido em que, como sabemos, a maior parte da população, independentemente da sua idade, tem acesso a ele e, de certa forma, uma relevante parte dessa população tem em si destacado o seu herói.

Erlacher (2009, citando Brandão, 2005), defende ainda que um *herói* é aquele que tem a necessidade de lutar, mas que, independentemente das dificuldades que possa encontrar no dia-a-dia, acaba por conseguir resolver tudo sozinho e sair vencedor (p. 78). Esta ideia é também defendida por Álvares, Curado & Guimarães de Sousa (2012) quando dizem que o *herói* é “aquele que está disponível para o decisivo encontra com a alteridade radical” (p. 10).

É, portanto, pertinente pensarmos e compreendermos um pouco das «famosas» personagens e figuras da TV ou da BD, e até mesmo de jogos, que se destacaram de tal

forma na sociedade de hoje, que, na sua grande maioria, representam os *heróis* [ídolos] das crianças de hoje fazendo, por conseguinte, parte do imaginário da cultura popular.

Podemos, de certa forma, afirmar que, em determinados momentos e aspetos ou particularidades, os super-heróis de hoje (Homem-Aranha, Capitão-América, Super-Homem, entre outros), são os substitutos dos *heróis* da Antiguidade, como Hércules e Zeus (Martins, 2011, p. 31).

É correto, então, dizermos que os super-heróis da TV e da BD marcaram, de certa forma, aquilo que são os valores da cidadania atualmente. Martins (2011) defende até que esses valores “influenciarão, de alguma forma, o conceito de herói” (p. 31). Erlacher (2009) partilhava desta mesma ideia, pois, ao citar Muller (1992), a autora defendia que o *herói* é aquele que nos mostra valores e virtudes humanas mais maduras (pp. 78-79).

Existe na vida das pessoas, nos cinemas e na literatura de todo o mundo uma grande variedade e quantidade de super-heróis desde 1938 (History, 2019), com o primeiro Super-Homem. Alguns deles têm até mais do que uma história (*as Sagas dos super-heróis*), e alguns até se cruzam na defesa da sua nação (exemplo: *Os Vingadores*, que junta o *Capitão-América*, *Homem de Ferro*, *Hulk*, entre outros).

Podemos considerar que os heróis têm continuado «a sua existência» devido à importância que assumem na vida das pessoas, principalmente na vida das crianças. É a figura heroica que influencia as atitudes e, em alguns casos, a tomada de decisão.

Defendemos claramente que enquanto houver pessoas – crianças – continuará a haver heróis. Nesta perspetiva, a génese da nossa investigação assenta na convicção de que a figura do *herói* para as crianças do Ensino Básico possa ser uma determinada figura histórica da História de Portugal.

Neste sentido, apresentamos em seguida alguma fundamentação sobre o conceito de *figura histórica* e a sua relação com o conceito do *herói*, chegando ao pressuposto da nossa investigação da *figura histórica heroificada*.

## 2. A Figura Histórica

“A evocação de figuras constitui uma necessidade de ilustrar a memória coletiva, processo que permite que elas não caiam no esquecimento. Esta evocação assegura uma função de comunicação social mas também uma função pedagógica e didática que permite fazer compreender valores e partilhar uma cultura que é comum” (Pinto, 2014, p. 28).

A figura histórica assume uma importância crucial no estudo da história de qualquer nação. Ao conhecermos as figuras históricas estamos a conhecer a História do País.

Se considerarmos que o conceito de *histórica* significa algo que nos recorda algum facto histórico, então a *figura histórica* é alguém que nos faz recordar um ou mais acontecimentos históricos.

Dentro desta linha, Pinto (2014) afirmava que “a História sempre se apoiou nas grandes figuras que se destacaram”, pois ao pensarmos e mencionarmos as grandes figuras históricas estamos a recordar em simultâneo os acontecimentos em que essas figuras foram parte ativa (p. 8). Defendemos, portanto, que é impossível conhecermos verdadeiramente a história do nosso País sem conhecermos as suas figuras históricas, pois, na verdade, foram (e são) essas figuras que fizeram com que os acontecimentos da História ocorressem, destacando-se pelas suas ações, as suas escolhas ou até mesmo das suas ideias ou pensamentos.

Por exemplo, o Regime do Estado Novo evocou e recordou as figuras históricas do nosso País “para demonstrar modelos de honra, dever e sacrifício para com a pátria” com o objetivo de que todo o povo olhasse para estes exemplos e servisse Portugal com a mesma coragem “quando o dever assim o exigisse” (Pinto, 2014, p. 103). Mais uma vez, não pretendemos ajuizar os ideais políticos do Regime. Antes, queremos destacar o papel que a figura histórica assumiu há algumas décadas.

A mesma autora afirma que as figuras históricas “constituíam o exemplo integral de amor à pátria e à justiça, de obediência ao dever e ao sacrifício” (p. 103). No fundo, na alusão à figura histórica descrevia-se e caracterizava-se o que era “ser português”. Ao recordarmos as figuras históricas estamos a recordar a história do nosso País e estamos, em simultâneo a recordar o que é *ser português* (p. 149).

Assentando na ideia que a evocação, entenda-se, a recordação da figura histórica tem “uma função pedagógica e didática que permite fazer compreender valores e partilhar uma cultura que é comum” (Pinto, 2014, p. 28), procuramos heroificar a figura histórica, a fim de a tornar importante e presente no dia-a-dia escolar dos alunos.

Uma vez que a investigação a desenvolver tinha que contemplar aprendizagens do Estudo do Meio Social, nomeadamente, da História de Portugal, procurámos utilizar a vantagem pedagógica e didática que a figura história favorece. Ao heroificarmos a figura histórica, pensamos, estaríamos a potenciar as aprendizagens dos acontecimentos históricos a estudar.

Neste sentido, apresentamos em seguida a relação entre o conceito de *herói* e o conceito de *figura de histórica*.

## 2.1. A figura histórica heroificada

“O herói é sempre uma imagem do passado que é reconhecido no presente, contrariamente às figuras que não gozam de reconhecimento e caem no esquecimento” (Pinto, 2014, p. 150).

A realidade da figura histórica é, sem dúvida, o esquecimento. Nos dias atuais, para além do que se aprende e conversa nas salas de aula, praticamente não há alusões a qualquer figura histórica do nosso País, salvo aquelas que, porventura, tenham algum dia do calendário dedicado a si e, mesmo isso, não é garantia de que sejam lembrados e recordados.

Quando reconhecemos e valorizamos as grandes figuras que engrandeceram a nossa história, estamos a valorizar a nação no seu todo (país e pessoas). Neste sentido, na nossa investigação, procurámos heroificar a figura histórica de forma a torná-la num *herói*, ou seja, numa imagem do passado que é reconhecida no presente.

“A interpretação do passado nacional passava sobretudo pela evocação da exemplaridade dos grandes vultos, numa tentativa de criar um sentimento de gratidão e de admiração por estas personagens” (Pinto, 2014, p. 163).

Ao tentarmos inculcar nas crianças [e nas pessoas] este sentimento de gratidão e de admiração pelas figuras históricas estamos a torná-las heroínas.

As ações de luta, de coragem e de proteção do *herói* também fazem com que a vida, a felicidade, a realidade no seu mundo continue. O *herói* defende aquilo que é nosso de forma a que não desapareça. Semelhantemente, ao evocarmos e recordarmos a figura histórica estamos a atribuir-lhe características e méritos sem quais a história nacional não nos tinha trazido até hoje.

### 2.1.1. A figura histórica heroificada: Nuno Álvares Pereira

Visto que a nossa investigação assentou muito na figura de Nuno Álvares Pereira, considerado como uma figura heroica da História de Portugal, achamos pertinente deixar alguma fundamentação que nos mostra que foi uma das mais importantes figuras do nosso país e, para alguns autores, também ele faz parte da galeria de *heróis nacionais*.

D. Nuno Álvares Pereira, nasceu a 24.6.1360 em Santarém e faleceu em Lisboa, em 1.11.1431 (Chorão *et al*, 2001, p. 414).

Segundo Chorão *et al* (2001), podemos considerar Nuno Álvares Pereira como um “herói e santo português” (p. 414).

“Como em Julho os Castelhanos passam a fronteira e avançam no sentido da capital, insiste o Condestável [Nuno Álvares Pereira] em que se marche imediatamente a cortar-lhes o passo. Ele

mesmo dispõe as tropas em lugar adequado e faz construir engenhoso dispositivo de fortificação e defesa” (Chorão *et al*, 2001, p. 141).

Na citação supra, vemos que Nuno Álvares Pereira teve um papel fundamental na Batalha de Aljubarrota. Graças aos seus dotes de grande estratégia, conseguiu “construir engenhoso dispositivo de fortificação e defesa”, isto é, a *famosa* tática do quadrado. cremos, portanto, que Nuno Álvares Pereira é uma figura histórica de relevo na história nacional, uma vez que ele se tornou *herói* na luta pela independência nacional.

Esta mesma ideia é defendida por Pinto (2014), uma vez que considera que “Nun’Álvares Pereira é a memória de um passado glorioso pautado pela luta heroica em favor da independência nacional” (p. 171).

“Além de inspiração para o futuro, ele [Nuno Álvares Pereira] é também o garante da continuidade da conservação de uma identidade construída ao longo de gerações, uma identidade nacional baseada no culto das glórias do passado” (Pinto, 2014, p. 171).

Nuno Álvares Pereira foi deveras importante na História de Portugal, desde os seus feitos militares até ao seu reconhecimento religioso.

É um dos exemplos eficazes do que defendemos no ponto anterior: quando evocamos e recordamos uma figura histórica estamos simultaneamente a recordar e a (re)conhecer os acontecimentos históricos dos quais essa figura fez parte ativa.

Desta forma, com o exemplo de Nuno Álvares Pereira quisemos mostrar que ao heroificar a figura histórica a probabilidade de aquisição de aprendizagens históricas nas crianças do 1º CEB é muito maior. Poderíamos, certamente, aplicar este mesmo estudo com outra figura histórica, noutra período da História de Portugal, que certamente os resultados seriam idênticos.



## Capítulo III - Metodologia



Nos capítulos anteriores fizemos a apresentação e caracterização das práticas supervisionadas bem como a revisão bibliográfica e enquadramento teórico relacionado com o tema que fundamenta a investigação. Posto isto, apresentamos agora a metodologia escolhida para o desenrolar de toda a investigação.

É pertinente começar este capítulo com a defesa de que sem investigação é impossível existir desenvolvimento de competências pedagógicas. Cremos que a investigação é, sem dúvida, um elemento chave para dar resposta a diversos problemas que sejam identificados, por exemplo, através da observação. No caso específico da Educação, cremos que a investigação é um elemento chave para o desenvolvimento de competências pedagógicas essenciais para dar resposta aos problemas identificados neste contexto.

O nosso estudo está inserido na investigação qualitativa ou, se preferirmos, no paradigma interpretativo-qualitativo, no sentido em que se trata de um estudo de caso. Tal como é característico da investigação qualitativa, é fundamental interpretar e analisar os dados de forma rigorosa.

Importante também salientar que “a investigação qualitativa é (...) considerada um campo interdisciplinar e transdisciplinar” (Aires, 2015, p. 13). Um dos aspetos mais importantes no Ensino atual – e que mais tem sido discutido – é a interdisciplinaridade.

## 1. Questões de Investigação e Objetivos

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico, na PES 1º CEB, foi realizada a investigação que se enquadrou na área do Estudo do Meio Social, mais propriamente na área da História de Portugal.

A nossa investigação tinha como temática “Uma História com os Heróis” e como problemática “O papel da figura histórica no Ensino atual”. Posto isto, a questão-problema que guiou toda a investigação foi: “A figura histórica *heroificada* influencia positivamente a aprendizagem da História de Portugal?”.

A figura do *herói* está muito presente na vida das crianças, assumindo o papel de referência na vida das mesmas. Por isso, achamos pertinente refletir sobre a importância que o *herói* pode ter nas aprendizagens das crianças.

Para o desenvolvimento desta investigação delineamos os seguintes objetivos:

- Recorrer a diferentes atividades pedagógicas no Ensino da História de Portugal;
- Desenvolver o conhecimento da história nacional pelas crianças do 1.º ciclo;
- Identificar figuras históricas *heroicas*;
- Motivar os alunos para a aprendizagem da História de Portugal, com recurso à figura histórica;
- Avaliar o contributo e o potencial didático do *herói* no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal.

Desta forma, pretendemos relevar as potencialidades didáticas da figura histórica *heroificada* no ensino da História de Portugal no 1º CEB e, por conseguinte, levar os professores do 1º CEB a criarem percursos de ensino-aprendizagem que vão ao encontro do caminho utilizado na nossa investigação, sem que os objetivos e conteúdos do Programa sejam adulterados e que as aprendizagens por parte das crianças sejam, também, adquiridas.

## 2. Participantes na Investigação

Na presente investigação, não podemos considerar a existência de uma amostra, mas, sim, a indicação de «participantes», exatamente pelo facto de dizerem respeito ao grupo de crianças que foi atribuído ao investigador, no âmbito da PES 1º CEB.

Desta forma, os participantes nesta investigação foi a turma do 4ºB da EBI João Roiz de Castelo Branco. Como já mencionámos anteriormente, este grupo era constituído por 28 alunos (15 raparigas e 13 rapazes) com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Importa salientar ainda a participação do professor cooperante da PES 1º CEB, bem como alguma colaboração de outra professora do mesmo ciclo e ano de ensino dessa mesma escola.

## 3. Metodologia qualitativa: justificação das opções metodológicas

Como já referimos na introdução deste capítulo, “a investigação qualitativa é (...) considerada um campo interdisciplinar e transdisciplinar” (Aires, 2015, p. 15). Neste sentido, e tendo em conta que uma das características principais do 1º CEB é a **interdisciplinaridade**, considerámos pertinente o uso desta metodologia nesta investigação.

Segundo Toscano (2017), a metodologia qualitativa “tem-se mostrado ser a mais adequada às investigações em contexto educativo” (p. 80). Por conseguinte, sendo esta investigação em contexto educativo consideramos que esta metodologia é mais adequada.

Para Jorge (2008), “na investigação qualitativa o investigador pode ser considerado como o ‘instrumento’, por excelência, de recolha de dados” (p. 129). Neste sentido, é importante que o investigador assuma importantes capacidades e aptidões, pois estas assumem um papel determinante na investigação (Jorge, 2009, p. 129, citando Richardson, 2000, p. 925). O investigador tem de ter ainda a consciência de que tem de informar os participantes [os alunos], apresentando-lhes de forma clara quais são as finalidades da pesquisa, da investigação.

Na abordagem qualitativa, os investigadores devem considerar também tudo o que acontece, ou seja, todo o processo é importante e considerável e não apenas o produto e resultados finais. Por outras palavras, segundo Ponciano (2018, citando Bell, 2008), podemos dizer que “os investigadores qualitativos estão interessados em compreender as percepções individuais do mundo. Procuram compreensão, em vez de estatísticas” (p. 105).

A investigação qualitativa caracteriza-se, essencialmente, por quatro etapas: a recolha, a análise, a descrição e a interpretação dos dados (Cotrim, 2018, p. 71).

Importa ainda referir que nesta abordagem investigativa o ambiente natural é a fonte direta dos dados, sendo que estes são analisados de forma indutiva. O processo assume maior importância que o produto, sendo o significado de importância vital (Afonso, 2017, p. 114-115).

Finalmente, queremos ainda salientar que a nossa investigação, para além do paradigma qualitativo, assenta numa abordagem construtivista. Para Cardoso (2013), na abordagem construtivista espera-se que o aluno construa ativamente o seu próprio conhecimento (p. 230). Esta abordagem defende ainda, segundo o mesmo autor, o uso de debates, de discussões, de partilhas de conhecimento. Nesta investigação munimo-nos da utilização, por exemplo, do *Focus Group* que possibilitou seguir todos os aspetos referidos.

Sendo assim, a presente investigação assume um cariz qualitativo no sentido em que tem como contexto de investigação um ambiente natural a sala de aula de uma escola.

### **3.1. O Estudo de Caso**

Como já dissemos, o estudo de caso enquadra-se na investigação qualitativa. Não há uma só definição para o conceito de *estudo de caso* havendo variadas definições para este conceito.

Para Cardoso (2013), o estudo de caso é uma metodologia motivadora para as crianças/alunos (p. 168). Neste sentido, cremos que esta deveria ser a metodologia basilar na conceção do nosso estudo.

“Investigadores de várias disciplinas usam o método de investigação do estudo de caso para desenvolver teoria, para produzir nova teoria, para contestar ou desafiar teoria, para explicar uma situação, para estabelecer uma base de aplicação de soluções para situações, para explorar, ou para descrever um objecto ou fenómeno” (Dooley, 2002, p. 343-344).

Percebemos, pois, que o estudo de caso é muito adequado, uma vez que pode ser aplicado a situações humanas e/ou a contextos contemporâneos da vida real. Desta forma, podemos dizer que um estudo de caso serve para o investigador, usando métodos qualitativos, explicar, descrever e explorar um fenómeno.

Também Oris (2013) afirma que um “estudo de caso é uma metodologia de investigação particularmente apropriada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos”.

Oliveira, Maçada & Goldoni (2009), afirmam ainda que o estudo de caso deve ser utilizado “quando o conhecimento sobre o fenômeno é pequeno” (p. 36). Embora a temática do *herói*, como já referenciámos neste RE, seja um dos temas mais debatidos, a verdade é que não têm sido muito exploradas as vantagens educativo-pedagógicas da figura do herói.

Para Barbosa (2012, citando Guba e Lincoln, 1994), o estudo de caso tem como principal objetivo “relatar os factos como sucederam, descrever situações ou factos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso” (p. 76). Assim, ao utilizarmos o estudo de caso na nossa investigação procurámos perceber o papel da figura do *herói* na aprendizagem da História de Portugal nos alunos do 1º CEB.

Segundo Martins (2017), a metodologia do estudo de caso tem, de forma geral, quatro características importantes e fundamentais:

- a) **Credibilidade** – capacidade dos participantes confirmarem os dados;
- b) **Transferibilidade** – capacidade de os resultados do estudo serem aplicados noutros contextos;
- c) **Consistência** – capacidade de investigadores externos seguirem o método utilizado pelo investigador;
- d) **Aplicabilidade** – capacidade de outros investigadores confirmarem as construções do investigador.

Importa ainda mencionar que durante o decorrer da investigação, em certos momentos, houve a necessidade de alterar ou modificar por completo algumas etapas. Esta é também uma das características do estudo de caso, isto é, sempre que o investigador se aperceba que determinada ação/abordagem não é a mais adequada pode, e deverá alterá-la.

Por tudo isto, considerámos o estudo de caso o mais indicado para a esta investigação no sentido em que nos permite que o fenómeno seja estudo com base em situações contemporâneas, situações que estejam a acontecer ou que já tenham acontecido e que sejam importantes para as questões da investigação e até porque, tal como afirma Soares (2010, citando Serrano, 2004) “o estudo de caso oferece inúmeras possibilidades de estudo, compreensão e melhoria da realidade social e profissional, por isso no campo da investigação em educação o uso deste método é crescente” (p. 50).

## 3.2. Técnicas e Instrumentos de Recolha dos Dados

“(…) A selecção das técnicas a utilizar durante o processo de pesquisa constitui uma etapa que o investigador não pode minimizar, pois destas depende a concretização dos objectivos do trabalho de campo (…)” (Aires, 2011, p. 24).

Ao analisar esta afirmação de Aires, percebemos que as técnicas a utilizar devem ir ao encontro das necessidades do investigador e da própria investigação.

Existe uma grande variedade de técnicas de recolha e análise de dados. Desta forma, na nossa investigação usámos a observação participante e as notas de campo, o *Focus Group* (grupo focal) e um teste (ficha) para recolha de dados. A escolha de todas estas técnicas relaciona-se com a percepção de que eram as que nos ajudariam a atingir os objetivos previstos para a nossa investigação.

Em relação à análise de dados, destacamos a utilização da triangulação de dados como a principal técnica de análise utilizada na nossa investigação.

Não obstante, importa salientar que o próprio investigador assume um papel importante, pois é ele quem vai recolher e analisar os dados. Portanto, importa que o investigador analise concretamente os dados e, no nosso caso de investigação qualitativa, as sensações e reações dos participantes, que vai observando e anotando.

Apresentamos, de seguida, detalhadamente, um pequeno enquadramento teórico sobre cada uma das técnicas, de forma a “justificarmos” as nossas escolhas. Posteriormente, apresentamos também os procedimentos éticos necessários na nossa investigação.

### 3.2.1. Observação Participante

Creemos que, seja qual for o tipo de estudo e até mesmo a metodologia a ser utilizada, a observação é uma das técnicas que deve ser sempre utilizada, pois “constitui uma técnica básica de pesquisa” (Aires, 2015, p. 25). Para investigarmos temos que observar o nosso objeto/a amostra de estudo. Por outras palavras, como poderíamos investigar se não olhássemos para o que estamos a investigar? A observação é, portanto, importante para determinar o que está a acontecer e ver aquilo que os indivíduos estão a fazer.

Segundo Orris (2013), a observação é uma “técnica de coleta de dados, que não consiste em apenas ver ou ouvir, mas em examinar fatos ou fenómenos que se desejam estudar”. O mesmo autor afirma que o “grau de participação do observador é muito relevante” sendo, portanto, essencial a planificação de como observar.

Desta forma, o tipo de observação utilizada foi a observação participante. Sabemos que ninguém aprende se não gostar do que está a aprender e também se não se sentir feliz nessas aprendizagens. Por outras palavras, os alunos devem estar motivados nas aprendizagens sem terem medo de errar nas suas respostas (Cardoso, 2013, p. 93). Por

consequente, cremos que é essencial observar participando e interagindo com as crianças e, durante essa interação, sermos capazes de observar e recolher o máximo de informações possíveis.

A observação participante é, talvez, a tipologia observacional mais utilizada nos estudos e investigações ao nível da Educação.

Este tipo de observação consiste numa “estratégia de campo que combina ao mesmo tempo a participação ativa com os sujeitos, a observação intensiva em ambientes naturais, entrevistas abertas informais e análise documental” (Moreira citado por Oliveira, 2008, p. 8). Assim, percebemos que a observação participante implica claramente a participação do investigador em contacto direto com os participantes da investigação.

Finalmente, convém salientar que, embora nesta técnica observacional o investigador assuma um papel ativo, a sua presença, contudo, não pode influenciar o comportamento dos sujeitos observados. Caso contrário, poderá “deitar por terra o rigor da investigação” (Toscano, 2017, p. 84). Por isto, Toscano (2017) afirma ainda que “o olhar do observador/investigador deverá ser neutro para com os sujeitos observados” (p. 84).

### **3.2.1.1. Notas de Campo**

Quando falamos em observação [participante] temos de pensar naturalmente nas notas que devem ser registadas pelo investigador. Nesta nossa investigação, as mesmas foram elaboradas.

As notas de campo são “registos feitos pelo investigador após uma observação, uma entrevista ou qualquer outra sessão de investigação que permitam ao investigador desenvolver mais a visão da realidade” (Richardson, 2000 citado por Jorge, 2008, p. 139). Desta forma, podemos afirmar que as notas de campo, para além de incluírem apontamentos de carácter descritivo, devem incluir também “ideias, estratégias, reflexões e palpites do investigador sobre aquilo que lhe foi dado ouvir, ver e sentir durante a recolha de dados, incluindo os sentimentos (...) do investigador acerca da investigação e dos vários intervenientes” (Jorge, 2008, p. 139).

Visto que o uso das notas de campo permite ao observador/investigador registar aquilo que considera importante e que a sua memória poderia não guardar, é necessário salientar que as mesmas devem ser redigidas o mais próximo possível da observação para que a perda de informação seja evitada.

Por fim, podemos considerar a existência de duas partes nas notas de campo: a parte inteiramente descritiva e a parte reflexiva. A parte descritiva engloba o registo detalhado de tudo o que aconteceu (descrição física, aspetos que realçam dos sujeitos, reconstrução dos diálogos, ...). Já a parte reflexiva permite ao investigador registar o seu ponto de vista, as suas ideias, as suas preocupações momentâneas, as suas

especulações e sentimentos, incertezas e dúvidas, surpresas e decepções (Bogdan e Biklen, 1994 citados por Lopes, 2017, p. 82).

### **3.2.2. Focus Group (Grupo Focal / Grupo de Discussão)**

Segundo Aires (2015), “o grupo de discussão é uma técnica de recolha de informação normalmente utilizada pelos investigadores qualitativos” (p. 38) e pode ser utilizada em diferentes momentos do processo de investigação (Silva, Veloso & Keating, 2014, p. 177).

O *focus group* tem como essência o facto de promover a interação direta entre os participantes e o investigador, com o objetivo de recolher dados relacionados e focados num tema específico, daí nomear-se *grupo focal* (Iervolino & Pelicioni, 2001, p. 116).

Através do grupo focal, a recolha de dados baseia-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. Para que esta recolha de dados seja frutífera, geralmente, a discussão/debate de um grupo focal não deve ultrapassar a hora e meia (Iervolino & Pelicioni, 2001, p. 116).

Importa ainda salientar que este instrumento tem vindo a ganhar o seu espaço na investigação qualitativa, nomeadamente na investigação em Educação, no sentido em que permite que no grupo de discussão não haja diferenças, isto é, a fala é dirigida para uma conversação entre iguais onde é privilegiado o que uma determinada fala tem de comum e de articulável com a fala dos outros (Aires, 2015, p. 40). No fundo, “trata-se de um processo de interação onde se podem observar dinâmicas e relações sociais num dado momento e contexto social” (Duarte, et.al., 2012, p. 9).

Podemos ainda definir *focus group* como um conjunto de “discussões guiadas ou não guiadas tendo em vista um tópico específico, relevante para o investigador” (Berg, 1998, p. 100 citado por Duarte et. al., 2012, p. 7).

Podemos defender, portanto, que o *focus group* é um tipo de entrevista realizada em grupo, com pessoas com algumas semelhanças e distingue-se pelo facto de ser dirigido à recolha de dados qualitativos.

Por tudo isto, considerámos importante, em algumas etapas da nossa investigação a utilização desta técnica de recolha de dados que, para além dos dados propriamente ditos, permitiu-nos a observação de reações e sentimentos que, de certa forma, nos ajudaram na análise dos dados e na elaboração das conclusões finais.

### **3.2.3. Testes**

Na nossa investigação recorreremos ainda ao uso de testes (diagnóstico e formativo) para comparação e análise de resultados para obtermos conclusões que dessem resposta à nossa questão-problema.

Segundo Lemos (1990), “os testes são o instrumento mais usado na medição da aprendizagem” (p. 26). Neste sentido, e tendo em conta que esta investigação envolvia também aprendizagens que os alunos tinham que adquirir, achámos pertinente a utilização de testes, não no sentido literal de avaliar aprendizagens, mas, principalmente, percebermos os conhecimentos que os alunos tinham antes da intervenção do professor-investigador e os que tinham depois dessa intervenção.

É importante salientarmos que um teste, para além de dever ter uma linguagem clara e perceptível, deve ter em conta as quatro características que fazem de um teste bem construído e com qualidade: validade, diferencialidade, fidelidade e objetividade. Em relação ao aspeto da validade, o teste deve ir ao encontro dos objetivos previstos; a diferencialidade de um teste mostra-nos que os conhecimentos adquiridos só podem ser realizados pelos alunos que alcançaram os objetivos; a fidelidade de um teste diz respeito ao facto de a construção do mesmo dever obedecer e responder a todos os objetivos a avaliar no mesmo; finalmente, a objetividade do teste diz que não deve haver dúvidas quanto ao critério de sucesso do aluno na resolução do mesmo (Lemos, 1990, p. 39).

Quanto ao tratamento e análise de resultados de um teste é feito “para determinar dois aspectos: a dispersão dos resultados e a tendência central dos mesmos” (Lemos, 1990, p. 49). Foi com esta consciência que procedemos à aplicação do teste em determinadas fases do processo da investigação. Embora construído com o principal objetivo de fornecer dados para a nossa investigação, a verdade é que o mesmo foi também importante para avaliação de aprendizagens por parte dos alunos.

### **3.3. Análise de Dados e Procedimentos Éticos na Investigação**

A análise de dados “consiste num processo de averiguação e organização de todos os dados que foram reunidos através das diferentes técnicas de recolha de dados, tendo como objetivo promover a compreensão dos mesmos” (Heitor, 2013, p. 133 citado por Afonso, 2017, p. 121).

Assim, o processo de análise de dados trata de organizar todos os dados recolhidos através dos diferentes instrumentos de recolha de dados, “de modo a compreender os próprios dados e permitir apresentar os mesmos à comunidade” (Afonso, 2017, p. 121).

O facto de utilizarmos várias fontes e vários instrumentos de recolha de dados permitiu-nos chegar a conclusões, à partida, mais credíveis. A esta estratégia de análise e validação de resultados, oriundos de diversos instrumentos de recolha de dados, chamamos de triangulação de dados (metodológica).

Como bem sabemos, toda e qualquer investigação deve considerar sempre os procedimentos éticos e legais que lhe estão associados. Numa investigação em educação, em que os intervenientes/participantes são crianças, mais importante e crucial se tornam esses mesmos procedimentos ético-legais (Ponciano, 2018, p. 113).

Neste sentido, importa referir que, em primeiro lugar, os pais dos alunos foram questionados sobre se autorizavam, ou não, a participação dos seus educandos. Este pedido de autorização foi realizado na reunião de pais pelo professor cooperante. Todos os alunos foram autorizados a participar. Contudo, importa ainda acrescentar que os próprios alunos foram interrogados se queriam participar nesta investigação, à qual todos responderam afirmativamente.

Importa ainda referir que toda e qualquer informação recolhida dos participantes é de estrita confidencialidade, garantindo-se o respeito a todos os participantes, bem como o seu anonimato através de um processo de codificação.

Em suma, salientamos que esta nossa investigação nunca seria possível sem os seus intervenientes [os alunos]. Por isso, em momento algum foi esquecido que, mais do que os resultados e conclusões obtidos, o bem-estar dos alunos foi sempre a maior e principal prioridade.

### **3.3.1. Triangulação de Dados**

Fígaro (2014) afirma que “a triangulação metodológica [de dados] é adotada quando se utilizam diferentes métodos de investigação para a recolha de dados e a análise do objeto em estudo” (p. 128). Assim, podemos dizer que a triangulação de dados corresponde à recolha de dados recorrendo a diferentes fontes e à sua intrusão no momento de análise desses mesmos dados.

Este tipo de análise de dados tem-se mostrado muito eficaz no sentido em que tem permitido recolher informações de fontes, espaços e tempos diferentes e também porque possibilita a triangulação de teorias de distintas áreas do conhecimento. Por esta razão, a triangulação torna-se um caminho seguro para a validação da investigação.

Assim, podemos proferir que a triangulação metodológica possibilita um excedente de informação proveniente de diferentes níveis e áreas do conhecimento o que, para além de assegurar a validação da investigação, pode contribuir para a qualidade da mesma.

Por conseguinte, esta técnica de análise de dados é utilizada na presente investigação de forma a analisar, integrada e comparativamente, todo o material e informações recolhidas durante a implementação das etapas desta investigação, a fim de evidenciar as respostas aos objetivos do estudo, previamente definidos.



## **Capítulo IV - Apresentação, Análise e Tratamento dos Dados**



Neste capítulo pretendemos apresentar, analisar e tratar os dados recolhidos ao longo das etapas de implementação da investigação realizada.

Neste sentido, o mesmo encontra-se dividido em três partes. Na primeira, procuramos mostrar a organização e cronograma das etapas de implementação, de forma a enquadrá-las no contexto da PSEPE.

Numa segunda parte, apresentamos a descrição de todas as etapas de implementação da investigação. Ao longo desta mesma descrição, serão também apresentados alguns dos registos de observação obtidos ao longo das etapas, tais como reações, atitudes e/ou comportamentos das crianças.

Finalmente, na última parte, apresentamos a análise e o tratamento dos dados obtidos ao longo das etapas na nossa investigação.

## 1. Organização das Etapas de Implementação

Na tabela 6, apresentamos o cronograma das etapas de implementação da nossa investigação.

Tabela 6 - Cronograma das Etapas de Implementação

Semana	Unidade Didática	Etapas de Implementação
20 a 22 de março de 2018	Unidade Didática Nº.1	
10 a 12 de abril de 2018	Unidade Didática Nº.2	
17 a 19 de abril de 2018		
24 e 26 de abril de 2018	Unidade Didática Nº.3	<b>Etapa 1 – Focus Group: “As figuras históricas nacionais”</b>
2 e 3 de maio de 2018		
8 a 10 de maio de 2018	Unidade Didática Nº.4	<b>Etapa 2 – Focus Group: “O que é, para ti, um herói?”</b>
15 a 17 de maio de 2018		
22 a 26 de maio de 2018	Unidade Didática Nº.5	<b>Etapa 3 – “Historiador das Aprendizagens”</b>
29 a 30 de maio de 2018		
5 a 7 de junho de 2018	Unidade Didática Nº.6	
12 a 14 de junho de 2018	Unidade Didática Nº.7	<b>Etapa 4 – “O Herói Histórico”</b>

Como mostra a tabela anterior, a nossa investigação contempla 4 etapas de implementação, sendo que as últimas duas dividem-se em diferentes momentos, como em seguida explicamos. Para uma melhor contextualização didática das etapas de implementação, apresentamos em apêndices (E, F, G e H) todas as unidades didáticas onde a investigação está inserida.

É de salientar que todas as etapas se integravam nas unidades didáticas, isto é, as mesmas faziam parte das planificações semanais e diárias do estagiário estando, por isso, quase sempre, interligadas com a restante matéria a lecionar à turma, até porque parte da nossa investigação coincidiu com uma matéria de Estudo do Meio Social a lecionar à turma. Isto aconteceu porque o tempo disponível não era muito e, de forma a recolhermos o maior número de dados possíveis, decidimos optar por este caminho.

## 2. Descrição das etapas de implementação

### 2.1. Primeira etapa: “As figuras históricas nacionais”

Esta primeira etapa inseriu-se na UD 3 e decorreu no dia 24.04.2018. Nesta etapa utilizámos a técnica do *Focus Group* para a recolha de dados. Importa, contudo, referir que, em vez de os alunos responderem oralmente em diálogo (como norma desta técnica), optámos, numa primeira fase, pelo registo escrito das respostas por parte dos alunos, a fim de evitar as possíveis, e normalmente habituais, repetições das respostas. Procurámos com esta estratégia obter respostas mais diversificadas da parte de todos os alunos. Depois, no final da atividade, discutimos com as crianças as suas respostas, principalmente na primeira questão em que tentámos perceber o que os levava a nomear as figuras (caraterísticas, utensílios normalmente atribuídos a determinadas figuras históricas, ...).

Esta etapa consistiu em projetar um conjunto de cinco perguntas (Apêndice D), às quais os alunos registavam, num período determinado de tempo, as respostas na sua folha.

Neste primeiro momento de implementação da investigação tínhamos como objetivos:

- Motivar as crianças para a aprendizagem da História de Portugal com recurso à figura histórica;
- Desenvolver o conhecimento histórico nacional das crianças;
- Descobrir as figuras históricas *heroicas*;
- Motivar as crianças para a aprendizagem da História de Portugal com recurso à figura do *herói*;
- Avaliar o contributo e potencial didático do *herói* no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal.

Em sùmula, nesta etapa procurámos introduzir, de forma sucinta, todos os conceitos que iríamos abordar ao longo de toda a investigação.

Posto isto, começámos por projetar 4 imagens de figuras históricas (figura 21) – uma de cada vez – e os alunos tinham de registar nas suas folhas quem estava representado em cada uma dessas imagens/figuras.



Figura 21 - Figuras Históricas

Neste primeiro momento, importa mencionar a grande alegria que as crianças sentiram. Desde a apresentação do tema da nossa investigação que logo se verificou uma grande motivação da parte dos alunos. Talvez pelo facto de o tema ter que ver com os *heróis* tenha originado esta reação da parte das crianças. Quando surge esta primeira questão, a mesma motivação voltou a verificar-se e observámos ainda que os alunos se sentiram altamente desafiados a tentarem responder, de tal maneira que todos eles não deixavam que o colega do lado visse a resposta (e, na verdade, o que pretendíamos era que as respostas não fossem nem vistas nem copiadas uns pelos outros).

A segunda questão levou os alunos a registarem, pelo menos, mais duas personagens históricas que conhecessem. Nesta questão, voltou a observar-se o agrado das crianças visto que, tal como algumas referiram, podiam enumerar “as pessoas que gostavam mais da História de Portugal”.

Na terceira questão levámos os alunos a responder à questão: “Consideras que as personagens que observámos nas imagens anteriores foram importantes para o nosso País? Sim ou não?” e, em seguida, a justificar a sua resposta. Neste momento, verificámos algumas dificuldades da parte das crianças, principalmente quando tiverem que justificar a sua resposta.

A resolução da quarta questão decorreu de forma muito célere, pois tratava-se de algo muito pessoal para a turma. Nesta questão, os alunos tinham de identificar quem eram os seus heróis, dando dois exemplos. Importa, desde já, salientar o facto de a esta questão a maioria dos alunos ter identificado os seus familiares como os seus heróis, havendo pouca referência a heróis da BD (algo que, de certa forma, nos surpreendeu).

A última questão era: “As personagens atrás identificadas podem ser consideradas heróis? Por quê?”. Esta era mais uma questão em que os alunos eram desafiados a redigirem as suas opiniões. Na resolução desta questão, observámos os alunos afincados em quererem justificar plausivelmente o por quê de terem considerado as personagens como *heróis*.

Finalmente, importa referir que esta primeira etapa norteou o caminho levado a cabo na nossa investigação. Depois de conversarmos com o Professor Cooperante, e de ele ter informado que mais à frente (na UD 5) a turma iria ter uma visita de estudo ao Mosteiro da Batalha e ao Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota (CIBA), decidimos, então, que a figura de Nuno Álvares Pereira iria ser o *herói incógnito* da nossa investigação. Por outras palavras, a partir deste momento (e visto que já nesta primeira etapa usámos a figura de Nuno Álvares Pereira) toda a turma foi desafiada a descobrir *qual era o nosso herói*. Neste sentido, a figura de Nuno Álvares Pereira utilizada na primeira questão desta etapa foi a mesma que foi utilizada ao longo de toda a investigação e, muitas vezes, utilizada como elemento integrador em algumas das UD seguintes.

## **2.2. Segunda Etapa: “O que é, para ti, um herói?”**

Esta etapa de implementação inseriu-se na UD 4 e decorreu no dia 10.05.2018 e também utilizámos a técnica do *Focus Group* para a recolha de dados.

Tal como aconteceu na primeira etapa, optámos por distribuir uma folha onde os alunos redigiam as suas respostas de forma a evitarmos repetições de respostas, tendo depois discutido, já em grupo, as respostas que deram.

A reação dos alunos foi, mais uma vez, positiva. Sentiram-se novamente desafiados e, visto que a resposta era também pessoal e individual, faziam de tudo para que o colega do lado não visse a sua resposta. Por conseguinte, cremos que obtivemos respostas mais expressivas por parte dos alunos.

## **2.3. Terceira Etapa - Visita de Estudo ao MB e ao CIBA**

Esta etapa da nossa investigação incidiu em toda a UD 5 (Apêndice G) e teve como ponto central a visita de estudo ao MB e ao CIBA, no dia 24 de maio de 2018. Visto que esta etapa se inseriu numa UD de três dias, a mesma dividiu-se também em três partes/momentos.

Neste sentido, podemos afirmar que esta etapa foi simultaneamente o momento basilar da nossa investigação no sentido em que foi então que recolhemos mais dados para podermos responder à nossa questão-problema.

Assim, ao longo de todos os momentos desta terceira etapa os alunos sentiram-se animados, motivados e desafiados, pois sabiam que tudo o que iríamos fazer tinha em

vista a preparação da visita de estudo e, principalmente, a descoberta do nosso *herói*, que tinha de ser conhecido e identificado no dia de visita de estudo.

Antes de descrevermos detalhadamente toda esta etapa de investigação, importa salientarmos o entusiasmo de toda a turma no dia da visita de estudo, pois todos os alunos, sem exceção, assim que entraram no autocarro referiram que aquele era o dia em que tinham de descobrir e identificar quem era o nosso *herói*.

### 1º. Momento: Apresentação da imagem de Nuno Álvares Pereira

Começamos esta UD e etapa de investigação por projetar exatamente a mesma imagem de Nuno Álvares Pereira que fora utilizada na primeira etapa desta investigação (figura 22).



Figura 22 - Nuno Álvares Pereira

Nos guiões de aprendizagem os alunos tinham esta imagem e, mais uma vez, foram desafiados a descobrir de quem se tratava. Foram dados dois minutos para que os alunos registassem as suas respostas. Importa referir que não foi feita nenhuma correção, pois o objetivo era chegarmos ao fim desta etapa de investigação e eles próprios descobrirem o “nosso” *herói*, isto é, descobrirem de quem se tratava.

Em seguida, foi apresentada uma pequena descrição biográfica *heroificada* desta figura histórica. Os alunos copiavam para os seus guiões, mas sem nunca alterarem a sua resposta anterior (para isso, o professor-investigador, com a ajuda do Professor Cooperante, “trancou” as respostas de todos os alunos).

Mais uma vez observámos a motivação dos alunos a fim de responderem positivamente a este desafio. Verificámos uma certa competição entre os alunos para verem quem acertava, ou não.

Posteriormente ao momento de registo da biografia da personagem, 2/3 alunos começaram a expressar-se, referindo que «afinal» já sabiam quem era o “nosso” *herói* e que tinham respondido mal à questão inicial. Neste sentido, incentivámos e

desafiámos esses alunos a ficarem em silêncio e, quando voltassem a ser interrogados em relação à imagem, teriam a oportunidade de retificar as suas respostas.

2.º Momento: Realização de uma ficha de trabalho diagnóstica para aferir conhecimentos sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota (Apêndice I).

As fichas foram distribuídas por todos os alunos e foram dados exatamente trinta minutos (nem mais, nem menos) para a sua realização.

Refira-se que nesta mesma ficha voltou a estar presente a mesma imagem (figura 22) do *herói* que trabalhámos e os alunos voltaram a ser interrogados sobre quem se tratava.

Entre o segundo e o terceiro momentos desta terceira etapa da investigação, foi realizada uma pequena apresentação do MB bem como a leitura e interpretação da “Lenda da Padeira de Aljubarrota” e a lecionação da matéria histórica em questão, com vista à preparação da visita de estudo. Contudo, importa salientar que sempre que era necessário referirmos o nome, uma ação, etc., de Nuno Álvares Pereira, nunca mencionávamos o nome, substituindo-o sempre pela expressão «*o nosso herói*».

É de salientar que toda a turma se encontrava bastante motivada e, principalmente, mostraram uma enorme vontade em fazer pesquisas relacionadas com esta temática.

No dia da visita de estudo, assim que chegaram ao autocarro, a maioria dos alunos começou a referir que tinham feito pesquisas (para além da matéria dada na sala) sobre este tema e que achavam já terem descoberto quem era o herói. Ao sermos confrontados com esta situação, pedimos aos alunos para que não identificassem naquele momento de quem se tratava, mas que durante a visita de estudo, assim que “o vissem”, o identificassem imediatamente (o que realmente aconteceu)!

3.º Momento: Realização de uma ficha de trabalho de consolidação de conhecimentos sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota (Apêndice J).

No dia seguinte à visita de estudo, dirigimo-nos à sala de aula para aplicar esta ficha de trabalho. Foi implementada exatamente como a aplicada antes da visita de estudo. Ou seja, os alunos tinham apenas trinta minutos para responderem a toda a ficha.

Posteriormente, procedemos à correção de ambas as fichas para comparação de resultados e recolha de dados que respondessem à questão-problema inicialmente formulada (detalhadamente mais à frente neste RE).

Assim que chegámos à sala de aula, todos os alunos ficaram entusiasmados, pois segundo eles próprios referiram, já se encontravam melhor preparados para responder à ficha e para identificarem quem era o “nosso” *herói*. E foi assim que

aconteceu, pois esta questão, na ficha de consolidação foi respondida corretamente por toda a turma.

No final da realização da ficha, perguntámos a toda a turma: “Quem é, então, o nosso herói histórico?”. Praticamente em coro responderam: «O Condestável Nuno Álvares Pereira”. A achamos interessante o facto de os alunos terem referido o pormenor de *condestável*, já que esta designação praticamente não foi referida na nossa intervenção.

Acreditamos, portanto, que este é um dos sinais de que realmente a forma como elaborámos as diferentes fases da investigação e respetivas estratégias potenciou uma atitude pesquisadora por parte dos alunos. Por outro lado, cremos que esta atitude pesquisadora criada nos alunos os levou a participarem ativamente em todos os momentos da visita de estudo, a fim de conseguirem obter os resultados esperados no último momento desta etapa da investigação.

## 2.4. Última etapa - “O Herói Histórico”

A última etapa de implementação desta investigação coincidiu também com a última UD que aplicámos na PES 1º CEB (Apêndice H). Esta implementação decorreu no dia 14 de junho de 2018 e tinha como principal objetivo perceber qual a influência que a figura histórica *heroificada* (Nuno Álvares Pereira) teve, ou não, nas aprendizagens de toda a turma. Desta forma, a mesma dividiu-se em dois momentos:

### 1.º Momento: Caraterização do herói histórico (Nuno Álvares Pereira)

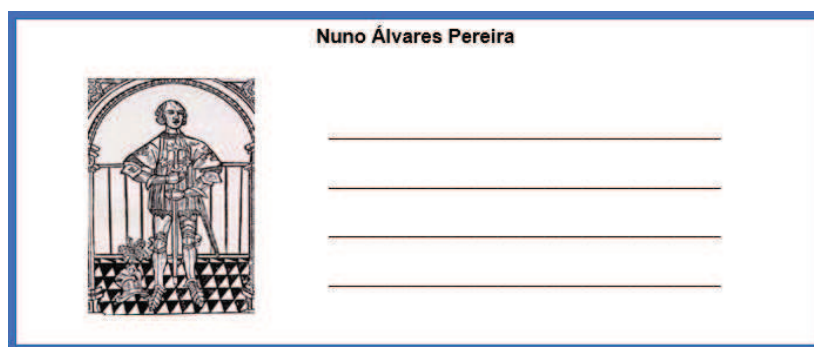


Figura 23 - Caraterização Nuno Álvares Pereira

Neste primeiro momento era pretendido que cada aluno redigisse na tira de papel que lhe fora distribuída (figura 23) quatro adjetivos que, na sua opinião, identificavam e caraterizavam Nuno Álvares Pereira.

### 2.º Momento: Comparação do herói histórico com:

- a) Um herói de BD
- b) Uma qualquer figura pública (famoso, jogador, ator, cantor, ...)

Para cada uma destas comparações os alunos tinham obrigatoriamente que justificar as suas respostas. Neste sentido, procurámos perceber, através das

justificações de respostas, a influência que a figura histórica, bem como todas as etapas da investigação, tiveram nas aprendizagens da turma.

### 3. Análise e Tratamento dos Dados

#### 3.1. Dados recolhidos da primeira etapa (Apêndice D)

Importa começar por referir que nesta primeira etapa de implementação faltaram dois alunos, pelo que os dados a seguir apresentados referem-se apenas a 26 alunos.

A fim de procedermos a uma análise mais concreta, ao analisarmos as respostas dadas pelos alunos, procurámos encontrar *categorias* que agrupem as respostas dadas pelos alunos, por forma a melhor percebermos o sentido das suas escolhas.

Na análise considerámos apenas as questões que nos forneceram mais indicações e dados para ir ao encontro do que se formulou na questão-problema. Assim, nas tabelas abaixo apresentadas resumimos todos os dados que este *Focus Group* nos forneceu.

Tabela 7 - Etapa 1 - dados da primeira questão

1 – Observa as imagens. Consegues identificar de quem se trata?	
Respostas	Frequência Absoluta
Imagem 1: <b>D. Afonso Henriques</b>	24
Imagem 2: <b>Fernão Magalhães</b>	3
Imagem 3: <b>Vasco da Gama</b>	13
Imagem 4: <b>Nuno Álvares Pereira</b>	0

Como mostra a tabela 7, as duas imagens que mais dificuldades ofereceram à turma foram as imagens de Fernão Magalhães (com apenas 3 alunos a identificarem-na) e de Nuno Álvares Pereira, a qual ninguém identificou.

O facto de não ter havido um único aluno a identificar a imagem de Nuno Álvares Pereira levou-nos a escolher esta figura histórica para o desenvolvimento da investigação que pretendíamos realizar.

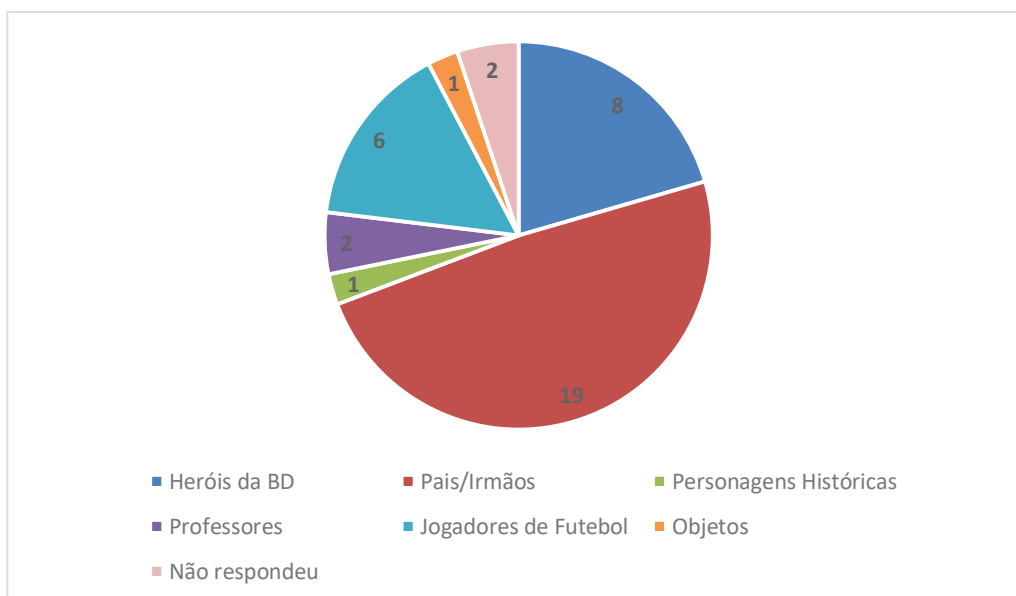


Gráfico 5 - Etapa 1 - dados da quarta questão

Destacámos a questão 4 pois, como nos mostra o gráfico 5, quando interrogados sobre quem são os seus heróis (podendo escolher dois exemplos), verificámos que a maioria da turma referiu os seus pais e/ou irmãos. Esta questão tornou-se pertinente para nós, no sentido em que a resposta mais evidente não foi aquela que prevíamos e, por conseguinte, permitiu-nos apontar para um outro ponto de vista e conceito de *herói* (como referido anteriormente neste RE).

Finalmente, a última questão desta primeira etapa levou os alunos a justificarem se as figuras apresentadas na primeira questão poderiam ser consideradas *heróis* ou não. Apresentamos na tabela 8 os dados recolhidos desta questão:

Tabela 8 - Etapa 1 - dados da última questão

Categorias de Resposta	Frequência
Sem eles Portugal não existiria.	10
São salvadores.	5
São pessoas importantes.	3
Fizeram coisas históricas.	4
Todos podem ser heróis.	1
Não salvaram, não são heróis.	1
Não respondeu.	2

Observando a tabela 8, verificamos que cerca de um terço da turma (10 alunos) afirma que as personagens apresentadas nas imagens podem ser consideradas heróis pois “sem eles Portugal não existiria”.

Nesta questão, de certa forma, retirámos logo os primeiros dados que vão ao encontro da nossa questão-problema. O facto de estes alunos terem feito esta associação, mostra-nos que já atribuem estreita relação entre os acontecimentos históricos e as figuras históricas.

Finalmente, importa salientar que praticamente toda a turma (23 alunos) considerou as referidas figuras como *heróis*, independentemente de terem dado outras justificações.

### 3.2. Dados recolhidos da segunda etapa

Importa referir desde já que nesta segunda etapa de implementação voltámos a não contar com a presença de toda a turma, uma vez que faltou um aluno. Assim, os dados abaixo apresentados dizem respeito às respostas de 27 alunos.

Nesta etapa, os alunos responderam à questão: «O que é, para ti, um *herói*?». Apresentamos na tabela 9 os dados recolhidos sobre esta questão:

Tabela 9 - Dados recolhidos na etapa 2

Categorias de Resposta	Frequência
Ajudador	12
Pessoa fascinante	1
Salvador / Protetor	8
Corajoso	4
Vingador	1
Especial e nunca desiste	1

Ao analisarmos a tabela 9, percebemos que, à exceção de um aluno, toda a turma atribuí ao *herói* expressões com conotações positivas com a utilização de adjetivos positivos, dos quais destacamos «ajudador» (12) e «salvador/protetor» (8).

Destacámos estes adjetivos uma vez que estão relacionados com atitudes e/ou ações das figuras históricas ao longo de toda a história nacional. Assim, é perceptível que os alunos associaram a resposta desta questão às suas respostas dadas na primeira etapa, pois foi possível observarmos como que uma continuidade de respostas entre uma e outra etapa.

### 3.3. Dados recolhidos da terceira etapa

Nesta etapa de implementação já pudemos contar com a presença de todos os alunos (28) da turma.

Como referimos anteriormente neste RE, esta foi a etapa em que mais dados foram recolhidos para darmos resposta à questão-problema inicialmente formulada.

#### 1.º momento: Apresentação de uma imagem de Nuno Álvares Pereira

Visto que os alunos tinham que tentar identificar a imagem de Nuno Álvares Pereira e redigir as suas respostas nos guiões de aprendizagem, tornou-se difícil termos registo que *comprove* o facto de, mais uma vez, neste momento, nenhum dos alunos ter sido capaz de identificar Nuno Álvares.

É pertinente lembrar que a imagem usada nesta etapa foi exatamente a mesma que foi utilizada na primeira etapa de implementação (figura 22). Neste sentido, salientamos que toda a turma identificou claramente que as duas imagens eram a mesma, ou seja, que retratavam a mesma pessoa não sendo, contudo, capazes de nomearem essa pessoa.

No que aos dois momentos seguintes desta etapa diz respeito, importa referir que analisámos de forma comparativa os resultados obtidos pelos alunos para um melhor tratamento dos dados.

#### 2.º e 3.º momentos: Implementação das fichas (testes) de trabalho sobre a temática (Apêndices I e J).

Mais uma vez, importa mencionar que também na análise das fichas apenas procedemos ao tratamento de dados das questões que tinham que ver diretamente com a nossa temática e questão-problema.

Tabela 10 - Cotação por questões de ambas as fichas

Questão p/ pontos	Ficha Diagnóstica	Ficha Formativa
1.1.	75	107
1.2.	90	145
1.3.	33	95
2.	20	280
2.1.1.	65	115
2.1.2.	240	250
3.1.	144	180
3.2.	45	221
3.3.	65	115

Ao analisarmos a tabela 10 percebemos que da ficha diagnóstica para a ficha formativa houve um aumento de cotação em todas as perguntas. Como podemos observar, por exemplo, nas questões 1.3., 2.1., 2.1.1., 3.2. e 3.3., a cotação aumentou para praticamente o dobro.

Na ficha diagnóstica as questões mais acertadas foram as questões 2.1.2. e 3.1., sendo que nas restantes as pontuações estão abaixo dos 100 pontos. Por sua vez, na ficha formativa, as questões mais pontuadas foram a 2., 2.1.2. e a 3.2., todas com cotações acima dos 200 pontos, principalmente a questão 2., em que foi atingida a pontuação máxima (280 pontos), ou seja, todos os alunos da turma responderam acertadamente a esta questão.

Ainda de referir que na ficha formativa, à exceção da questão 1.3., todas as outras questões têm cotações acima dos 100 pontos.

Em relação à cotação total das fichas, a diferença também é bastante relevante. Na ficha diagnóstica, a turma obteve uma pontuação total de 777 pontos e na ficha formativa a pontuação total foi de 1508 pontos, o dobro praticamente.

Importa destacarmos ainda duas questões presentes nas fichas, no sentido em que ambas pediam como resposta o nosso *herói* – Nuno Álvares Pereira.

Tabela 11 - Dados recolhidos da questão 2

	Ficha Diagnóstica	Ficha Formativa
Nº. respostas certas	2	28
Nº. respostas erradas	26	0

Na questão n.º 2 de ambas as fichas, era pedido aos alunos que observassem a figura (imagem de Nuno Álvares Pereira – figura 22) e tentassem identificar de quem se tratava.

Como nos mostra a tabela 11, na realização da ficha diagnóstica apenas dois alunos foram capazes de responder corretamente. Em contrapartida, na ficha formativa toda a turma (28 alunos) respondeu corretamente. Ou seja, no momento final de implementação da investigação toda a turma reconhecia o *herói* como sendo Nuno Álvares Pereira.

Queremos ainda destacar a questão 3.2., na qual os alunos tinham de identificar um dos *heróis* na Batalha de Aljubarrota. Neste sentido, é de salientar que nesta questão também era aceite como resposta «D. João, Mestre de Avis.

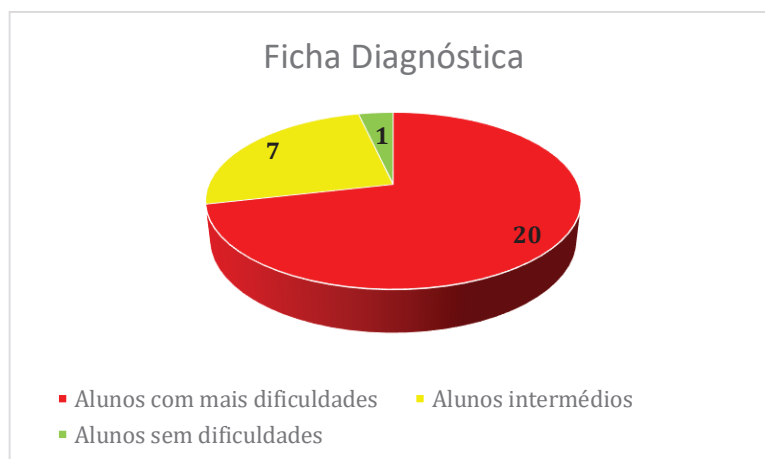
Tabela 12 - Dados recolhidos da questão 3.2.

	Ficha Diagnóstica	Ficha Formativa
Nº. respostas certas (Nuno Álvares Pereira)	5	26
Nº. respostas parcialmente corretas (D. João, Mestre de Aviz)	5	1
Nº. respostas erradas	18	1

Observando a tabela 12 percebemos que o número de respostas erradas diminuiu bastante da ficha diagnóstica (18) para a ficha formativa (1). Para além desta diminuição, é de destacar o facto de que, na ficha formativa, 26 alunos responderam de forma acertada, ou seja, indicaram Nuno Álvares Pereira como um dos *heróis* da Batalha de Aljubarrota.

Creemos, por isso, que, de certa forma, o *herói* histórico tornou-se, durante o período de tempo do trabalho que realizámos, no *herói* da turma em estudo.

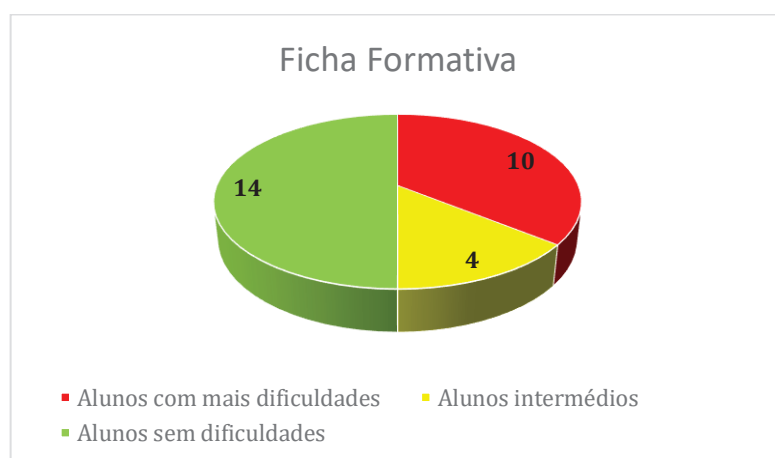
Finalmente, importa fazermos a comparação das duas fichas no que diz respeito às dificuldades sentidas pelos alunos durante a realização das mesmas.



**Gráfico 6** - Dificuldades dos alunos na realização da ficha diagnóstica

Ao observarmos o gráfico 6, concluímos que:

- Apenas um aluno não sentiu dificuldades;
- Cerca de três quartos da turma (20) teve imensas dificuldades na realização da ficha diagnóstica. Importa referir que a maioria destes alunos obtiveram resultados de nível fraco e/ou insuficiente;
- Sete alunos ficaram numa posição intermédia, tendo obtido resultados próximos do nível bom.



**Gráfico 7** - Dificuldades dos alunos na realização da ficha formativa

Atentando, agora, no gráfico 7 podemos retirar as seguintes conclusões:

- O número de alunos com mais dificuldades reduziu para metade (10), sendo que, ao contrário do que aconteceu nos resultados da ficha diagnóstica, os resultados destes alunos já se encontravam bem mais perto do nível suficiente.
- O número de alunos sem dificuldades, por sua vez, aumentou de 1 para 14, tendo a maioria destes atingido o nível de muito bom. Cabe destacar que destes 14 alunos sem dificuldades, 2 atingiram o nível de excelente, sendo que um destes dois alunos obteve a cotação máxima da ficha (90 pontos).

### 3.4. Dados recolhidos da última etapa

Também nesta última etapa foi-nos possível contar com a presença de todos os alunos da turma (28).

Como já referimos anteriormente neste RE, no primeiro momento desta etapa, de uma lista de diferentes adjetivos, os alunos tinham de escolher quatro que, segundo eles próprios, caracterizassem a figura de Nuno Álvares Pereira.

Posto isto, uma vez que os alunos tinham de escolher quatro adjetivos, na análise e tratamento destes dados, optámos por destacar apenas os quatro mais escolhidos por parte dos alunos. São eles:

- **Coragem** – 21 alunos;
- **Sabedoria** – 16 alunos;
- **Estratégia** – 15 alunos;
- **Determinação** – 14 alunos.

Ao olharmos para estes dados, concluímos que os alunos escolheram maioritariamente adjetivos que caracterizam um qualquer *herói*. Por conseguinte, cremos, a figura histórica *heroificada* pode potenciar as aprendizagens dos alunos (mais detalhado e fundamentado no próximo capítulo deste RE).

No segundo momento desta etapa era pedido aos alunos que, tendo em conta os adjetivos escolhidos, comparassem a figura de Nuno Álvares Pereira com qualquer outra figura da História de Portugal. As respostas dadas pelos alunos foram: D. João, Mestre de Avis (1); Bartolomeu Dias (1); Viriato (1); Infante D. Henrique (1); D. Dinis (2) e D. Afonso Henriques (26).

Infelizmente, a maioria dos alunos não conseguiu justificar de forma coerente as suas respostas. No entanto, aqueles que o conseguiram fazer apontavam como justificação que se não fosse Nuno Álvares Pereira, no seu tempo, Portugal não existiria. Também no tempo das personagens escolhidas o mesmo teria acontecido se eles não tivessem existido. Com estas respostas, pudemos concluir que a turma percebeu o papel importante da figura histórica (*heroificada*).

Por fim, no último momento de implementação era pedido aos alunos que comparassem a figura de Nuno Álvares Pereira com qualquer outra pessoa/figura «atual» à sua escolha. Ao analisarmos as respostas dadas pelos alunos, percebemos que 4 alunos não fazem comparação alguma, pois afirmaram não ter qualquer herói/heroína. Em contrapartida, 12 alunos compararam Nuno Álvares Pereira com algum jogador/treinador de futebol e outros 12 alunos fizeram esta comparação com um herói/heroína de BD. É de salientar que esta é a primeira vez em toda a investigação que há uma relevante associação entre a figura histórica e uma figura de BD.



## **Capítulo V - Conclusões e Reflexão Final**



Neste capítulo pretendemos apresentar uma reflexão final da investigação desenvolvida apresentando as principais conclusões obtidas, as limitações identificadas e, também apresentando algumas sugestões para futuras investigações na área da História de Portugal em contexto educativo ou sobre a temática dos heróis.

O conceito de *herói* é, sem dúvida, um conceito muito abrangente e muito presente nas sociedades atuais.

Ao longo deste RE procurámos definir este conceito de forma a contextualizá-lo e a enquadrá-lo na presente investigação. Assim, percebemos desde logo que os *heróis* estarão sempre presentes no imaginário das pessoas.

Procurámos, assim, estabelecer uma ligação entre o conceito de *herói* e o conceito de *figura histórica* e percebermos se a figura histórica heroificada potencia positivamente a aprendizagem da História de Portugal no 1.º CEB.

Neste sentido, importa salientar que desde o primeiro momento de implementação do trabalho realizado percebemos que a motivação das crianças mudou completamente ao serem informadas sobre a temática que iríamos abordar e trabalhar.

Para Campos (2016), a motivação é fundamental para despertar e estimular a “atividade mental da criança” (p.12). Por conseguinte, a nossa metodologia de trabalho motivou as crianças de tal modo que em momento algum se sentiram menos confiantes. Mesmo nos momentos em que se sentiram com mais dificuldades, nunca perderam a motivação.

Desde cedo a turma percebeu que Portugal é um país de heróis (Martins, 2011, p.29). Desta forma, procurámos trazer à memória das crianças a importância que as figuras históricas tiveram no desenrolar de toda a história nacional.

Não pretendemos, de todo, fazer uma generalização com as nossas conclusões. Por outro lado, consideramos estas conclusões positivas e que, poderão levar a que outros profissionais de Educação – e não só – possam seguir este caminho, pelo menos no processo de ensino-aprendizagem da História.

Ao trabalharmos o conceito de *herói* com as crianças apercebemo-nos (como já referimos no capítulo anterior deste RE) que elas atribuíram conotações positivas a um *herói*. Ora, partindo do pressuposto que falamos bem de quem gostamos, acreditámos que era essencial heroificar as figuras históricas de forma a torná-las mais «presentes» no quotidiano e nas aprendizagens das crianças.

Destacamos, por isso, o facto de que enquanto num momento inicial os alunos consideravam os seus familiares os seus *heróis*, no final do trabalho realizado já comparavam a figura de Nuno Álvares Pereira com outras figuras da História de Portugal (por exemplo, D. Afonso Henriques) ou com heróis da BD. Claro que a figura histórica não tem superpoderes como os *heróis* da BD, contudo cremos que os alunos

perceberam que não foram os acontecimentos que fizeram as figuras, mas, antes, as figuras históricas que tiveram um papel nos acontecimentos históricos.

Acreditamos, portanto, que o ensino da História poderia ter resultados mais positivos se fosse dado, junto dos alunos do 1.º ciclo, maior ênfase às figuras históricas (heroificadas) em paralelo com os acontecimentos propriamente ditos, visto que valorizam a aventura e as figuras que se destacam por ações excepcionais e pelas suas atitudes [humanização da História].

Concluimos ainda que esta metodologia de trabalho estimula nas crianças uma atitude pesquisadora. Por outras palavras, mais do que uma aprendizagem tradicional e expositiva, a metodologia por nós utilizada potencia uma aprendizagem exploratória e por descoberta.

Esta metodologia de aprendizagem foi defendida de forma categórica por Bruner (Präss, 2012, p.20). Para Präss (2012), “A ideia é que os estudantes modifiquem continuamente as representações mentais do que vêm construindo” (p.24). Sendo assim, acreditamos que este aspeto dá-nos alguma garantia de que a metodologia utilizada na investigação potencia as aprendizagens dos alunos, uma vez que potencia também a construção e desenvolvimento do espírito crítico dos alunos.

Quando atentamos nos resultados obtidos pela turma na aplicação das duas fichas que realizámos (apêndices I e J), facilmente concluimos da positiva evolução que houve em todos os alunos. Em primeiro lugar, as cotações obtidas aumentaram de questão para questão, o que por si só já mostra o crescimento do conhecimento dos alunos.

Por outro lado, as respostas dadas pelos alunos foram deveras importantes e distintas nos dois momentos. Num primeiro momento, não foram capazes de descrever o acontecimento histórico (do qual já tinham conhecimento). No entanto, ao heroificarmos a figura histórica (Nuno Álvares Pereira) e ao potenciarmos nos alunos tudo o que atrás já referimos, as respostas foram claramente melhores. Por outras palavras, se interrogássemos, hoje, a turma onde realizámos a investigação sobre a Batalha de Aljubarrota talvez a resposta não fosse tão completa como a que nos dariam se fossem levados a falar do “nosso” *herói*.

Aquando da aplicação da segunda ficha o número de alunos com dificuldades passou de 20 (gráfico 6) para 10 (gráfico 7), assim como o número de alunos sem dificuldades aumentou de forma significativa (de 1 para 14 alunos). A intervenção que realizámos e o trabalho que desenvolvemos levou claramente a uma melhoria de resultados e, mais do que os resultados propriamente ditos, levou a aprendizagens mais eficazes por parte dos alunos.

Em suma, acreditamos que temos condições para podermos defender que a figura histórica heroificada pode influenciar positivamente a aprendizagem da História de Portugal no 1.º CEB.

Como já referimos, não nos é possível (nem o pretendemos) fazer conclusões generalizadas, mas da forma que trabalhámos e os resultados obtidos permitem-nos

afirmar que o conceito de *herói* aliado ao conceito de *figura histórica* são potenciais didáticos no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1.º CEB.

Todas as investigações têm sempre as suas limitações que, mais ou menos, influenciam o decorrer das mesmas.

No decorrer desta investigação verificaram-se algumas limitações que, de certa forma, condicionaram a sua implementação. Em primeiro lugar, torna-se necessário referir que a inexperiência do investigador, em certas tomadas de decisão, tornou-se também uma limitação. No entanto, salientamos que estas tomadas de decisão foram sempre alvo de reflexões profundas de forma a não descurar o caminho e os objetivos delineados para a investigação.

O tempo da PES 1.º CEB foi, talvez, a principal limitação sentida. A aplicação do trabalho investigativo tinha de se integrar, em simultâneo, com a lecionação dos conteúdos das outras áreas curriculares o que, por conseguinte, nos obrigava a uma disciplina rigorosa com o tempo.

Creemos que não há investigações fechadas em si mesmas. Todas as investigações podem, quando novamente aplicadas, sofrerem algumas alterações e/ou complementos para que resultados mais realistas sejam atingidos. Por isso, esta investigação pode servir de base para futuros trabalhos que se enquadrem nesta área temática.

Uma das sugestões que propomos é que as atividades sejam realizadas com duas figuras históricas de períodos diferentes, de modo a que sejam comparados os resultados, verificando se se chega a resultados semelhantes.

Por outro lado, caso as investigações futuras sejam feitas em contextos educativos semelhantes ao nosso, sugerimos também que se questione a turma, no final do processo de implementação, sobre qual a disciplina preferida e qual a que preferem menos, de forma a percebermos que importância a História (Estudo do Meio, no caso do 1.º CEB) tem para as crianças antes e depois da investigação.

Por fim, consideramos que esta análise poderá ser feita em outros níveis de ensino, recorrendo a outro tipo de estratégias e técnicas, consoante os objetivos pré-estabelecidos no início das investigações.



## Referências Bibliográficas

Afonso, M. S. A. (2017). *Oficina de grandezas e medida – Uma proposta criativa*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Agrupamento de Escolas Amato Lusitano (2015). *Projeto Educativo*. Castelo Branco.

Agrupamento de Escolas Amato Lusitano (s/d.). *Plano de Estudo e de Desenvolvimento do Currículo do Agrupamento*. Castelo Branco.

Álvares, C., Curado, A. L. & Guimarães de Sousa, S. (2012). *Figuras do Herói – Literatura, Cinema, Banda Desenhada*. Universidade do Minho: Lúnus.

Alves, D. L. S. (2017). *Observação e Registro – Possibilidades e Reflexões para professores de creche*. Acedido a 15 de outubro de 2018, em: <http://fc.unesp.br//Home/ensino/pos-graduacao/programas/mestradoprofissionalemducacaoparaeducacaobasica/produ-to-deise-livro.pdf>.

Barbosa, A. (2012). *A Relação e a Comunicação Interpessoais entre o Supervisor Pedagógico e o Aluno Estagiário – Um Estudo de Caso*. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação João de Deus. Acedido a 26 de setembro de 2018, em: <http://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/2472/1/AnaMariaBarbosa.pdf>.

Barbosa, P. M. P. (2013). *Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Bragança, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Bomfim, D. (2015). Como Nasce um Ídolo: o Mito e suas Narrativas. *Revista Opinião Filosófica*, 06(1), 65-76. Acedido a 22 de outubro de 2018, em: <http://periodico.abavaresco.com.br/index.php/opiniaofilosofica/article/download/383/327>

Campos, I. I. F. (2016). *A motivação no processo educativo: relação entre os interesses e a aprendizagem da criança*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti: Relatório de Estágio.

Cardoso, J. R. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa, Portugal: Guerra e Paz, Editores, S. A.

Carrando, K. A. (2017). *As Potencialidades da utilização em Contexto Educativo do «QR Code» no 1º. Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Chorão, J. B. (coord.), Leitão, A., Colaço, J. & Vicente, G. (2001). *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. Editorial Verbo. Lisboa/São Paulo.

Costa, J. A. & Sampaio e Melo, A. (1986). *Dicionário da Língua Portuguesa*. (6.ª ed.). Porto: Porto Editora.

Cotrim, M. S. P. (2018). *O contributo da literatura infantil na desconstrução do estereótipo de família tradicional*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Dooley, L. M. (2002). Case Study Research and Theory Building. *Advances in Developing Human Resources*, (4), 335-354.

Duarte, A., Veloso, L., Sebastião, J. & Marques, J. (2012). Os *Focus Group* dinâmicos na Sociologia da Educação: Virtudes e Potencialidades. Acedido a 29 de outubro de 2018, em: [http://historico.aps.pt/vii\\_congresso/papers/finais/PAP1112\\_ed.pdf](http://historico.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP1112_ed.pdf)

Duarte, J. (2009). *O Jogo e a Criança – Estudo de Caso*. Escola Superior João de Deus: Relatório de Estágio.

Duarte, T. (2009). A Possibilidade da Investigação a 3: Reflexões sobre a Triangulação (Metodológica). Lisboa: Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Acedido a 31 de outubro de 2018, em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/1319/3/CIES-WP60%20Duarte.pdf>

Erlacher, A. C. (2009). *Entre o herói e a vítima: Sobre a responsabilidade do professor no/pelo ensino de Língua Inglesa na Escola Pública*. (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo, São Paulo.

Félix, M. I. V. (2015). *A importância das histórias na Educação Pré-Escolar*. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Fígaro, R. (2014). A triangulação metodológica em pesquisas sobre Comunicação no mundo do trabalho. *Revista Fronteiras – estudos mediáticos*, 16(2), 124-131. doi: 10.4013/fem.2014.162.06

Fontes, V. J. O. (2013). *O Potencial Didático dos Mitos e das Lendas na Educação Histórica*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras: Relatório de Estágio.

Galland, F. B. (2010). *A autoridade do professor e o prestígio da sua profissão*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências: Relatório de Estágio.

Herói. (2017). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa. Priberam Informática, S.A.. Acedido a 25 de junho de 2017, em: <http://www.priberam.pt/>

Histórica. (2018). *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Lisboa. Priberam Informática, S.A.. Acedido a 23 de outubro de 2018, em: <http://www.priberam.pt/>

History. (2019). *Super-Homem faz sua primeira aparição*. Acedido a 11 de fevereiro de 2019, em: <https://seuhistory.com/hoje-na-historia/super-homem-faz-sua-primeira-aparicao>

Iervolino, S. A. & Pelicioni, M. C. F. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Ver.Esc.Enf. USP*, 35(2), 115-121. Acedido a 29 de outubro de 2018, em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v35n2/v35n2a03.pdf>

Jorge, F. R. D. G. F. (2008). *Formação Inicial de Professores do Ensino Básico: Um percurso centrado na história da matemática*. Tese de Doutoramento em Didática. Universidade de Aveiro: Departamento de Didáctica e Tecnologia Educativa. Acedido a 26 de outubro de 2018, em: <http://hdl.handle.net/10400.11/4526>

Lemos, V. V. (1990). *O Critério do Sucesso – Técnicas de Avaliação da Aprendizagem*. 4.<sup>a</sup> ed. Lisboa. Portugal. Texto Editora, Lda.

Lopes, A. T. D. (2017). *O Contributo da utilização do Skype para a melhoria das aprendizagens em contexto de Educação Pré-Escolar*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Machado, J. P. (1977). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 3.<sup>a</sup> ed., 5.<sup>o</sup> volume. Lisboa: Livros Horizonte.

Martins, E. C. (2017). *O Estudo de Caso*. Papper fornecido pelo docente.

Martins, H. H. T. S. (2004). Metodologia qualitativa de pesquisa. *Educação e Pesquisa*, 30(2), 289-300. Acedido a 26 de outubro de 2018, em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n2/v30n2a07.pdf>

Martins, M. D. F. (2011). *O conceito de herói em narrativas de alunos chineses de Português Língua Não Materna*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta, Lisboa.

Meirinhos, M. & Osório, A. (2010). O estudo de caso como estratégia de Investigação em Educação. *Eduser: revista de educação*. 2(2), 49-65. Acedido a 23 de outubro de 2018, em: <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3961/1/O%20estudo%20de%20caso%20como%20estrat%C3%A9gia%20de%20investiga%C3%A7%C3%A3o%20em%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf>

Mónico, L., Alferes, V., Castro, P. & Parreira, P. (26 de julho de 2017). A Observação Participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, pp. 724-733.

Oliveira, C. (2008). Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. *Educação, Cultura, Linguagem e Arte*, 1-16.

Oliveira, M., Maçada, A. C. G. & Goldoni, V. (2009). Forças e Fraquezas na Aplicação do Estudo de Caso na Área de Sistemas de Informação. *Revista de Gestão, USP*. 16(1), 33-49. Acedido a 23 de outubro de 2018, em: <https://www.revistas.usp.br/rege/article/download/36660/39381/>

Orris, E. (2013). *Definição do que é Estudo de Caso e observação direta*. Acedido a 25 de junho de 2017, em: <http://profeltonorris.wordpress.com/2013/10/18/definicao-do-que-e-estudo-de-caso-e-observacao-direta/>

Pais, A. P. (2012). Fundamentos didatológicos para a construção de unidades curriculares integradas. *Da Investigação às Práticas*, 2(2), 37-52.

Pinto, O. M. P. R. M. (2014). *Portugal, pátria de heróis: a figura histórica em contexto educativo (1926-1974)*. (Tese de Doutoramento). Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.

Ponciano, J. B. G. N. (2018). *O impacto de atividades digitais através do Edilim com crianças do Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Prá, D. P. (2011). *A Importância do Espaço/Ambiente na Educação Infantil*. Trabalho de Conclusão em Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação. Porto Alegre. Brasil.

Präss, A. R. (2012). *Teorias de Aprendizagem*. Acedido a 26 de novembro de 2018, em: <http://fisica.net/monografias/Teorias de Aprendizagem.pdf>.

Silva, I. L. (coord.), Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

Silva, I. S., Veloso, A. L., & Keating, J. B. (2014). *Focus group: Considerações teóricas e metodológicas*. *Revista Lusófona da Educação*, 26, 175-190. Acedido a 29 de outubro de 2018, em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rle/n26/n26a12.pdf>

Silva, G. B. (2014). *O Papel da Motivação para a Aprendizagem Escolar*. Universidade Estadual da Paraíba: Monografia de Especialização.

Soares, M. J. B. S. (2010). *Promoção de Competências de Leitura – Um Estudo de Caso com uma criança com Síndrome de Down*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Trabalho de Projeto.

Tavares, S. D. (2015). *O Brincar como Meio de Aprendizagem no Jardim-de-Infância*. Escola Superior de Educação Paula Frassinetti: Relatório de Estágio.

Toscano, C. S. S. (2017). *O Contributo da aplicação digital Kahoot! no processo de ensino/aprendizagem no âmbito da Prática Supervisionada no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Instituto Politécnico de Castelo Branco, Escola Superior de Educação: Relatório de Estágio.

Vieira, I. M. A. (2013). *A autoavaliação como instrumento de regulação da aprendizagem*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Aberta, Lisboa.

Zinke, I. A. & Gomes, D. (2015). *A prática de observação e a sua importância na formação do professor de geografia*. Educere – XII Congresso Nacional de Educação. pp. 28654-28663.

## Legislação Consultada

Despacho Conjunto nº 268/97, de 25 de agosto. (1997). *Definição dos requisitos pedagógicos e técnicas para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar.*

## Apêndices



## **Apêndice A - Planificação Quinzenal da PSEPE**



**Planificação Quinzenal – de 13 a 23 de novembro de 2017**

**Tema: Portugal (Zona Centro): Música, Dança e Trajes**

Área de Conteúdo	Domínios e subdomínios	Aprendizagens a promover
<p><b>Área de Formação Pessoal e Social</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Construção da Identidade e da Autoestima</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer e valorizar laços de pertença cultural.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Independência e autonomia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber cuidar de si e responsabilizar-se pela sua segurança e bem-estar;</li> <li>• Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Consciência de si como aprendiz</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</li> <li>• Cooperar com outros no processo de aprendizagem.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Convivência democrática e cidadania</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o respeito pelo outro e pelas suas opiniões, numa atitude de partilha e de responsabilidade social;</li> <li>• Conhecer e valorizar manifestações de património cultural, reconhecendo a necessidade da sua preservação.</li> </ul>
<b>Área de Expressão e Comunicação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Educação Artística <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio das Artes Visuais</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Reconhecer e mobilizar elementos da comunicação visual, tanto na produção e apreciação das suas produções, como em imagens que observa.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Música</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar e descrever os sons que ouve (fenómenos sonoros/música) quanto às suas características rítmicas, melódicas, dinâmicas, tímbricas e formais.</li> <li>• Valorizar a música como fator de identidade social e cultural.</li> </ul>
	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Subdomínio da Dança</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o sentido rítmico e de relação do corpo com o espaço e com os outros.</li> <li>• Expressar, através da dança, sentimentos e emoções em diferentes situações.</li> <li>• Refletir sobre os movimentos rítmicos e as coreografias que experimenta e/ou observa.</li> <li>• Apreciar diferentes manifestações coreográficas usando linguagem específica e adequada.</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Comunicação Oral</li> <li>○ Abordagem à escrita</li> </ul> <p><i>Funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização em contexto.</i></p> <p><i>Identificação de convenções da escrita.</i></p> </li> <li>• Domínio da Matemática             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ Geometria</li> <li>○ Interesse e Curiosidade pela Matemática (Despertar na criança o desejo de saber mais e compreender melhor).</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</li> <li>• Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação (produção e funcionalidade).</li> <li>• Identificar funções no uso da leitura e da escrita.</li> <li>• Estabelecer relações entre a escrita e a mensagem oral.</li> <li>• Identificar pontos de reconhecimento locais e usar mapas simples.</li> <li>• Sentir-se competente para lidar com noções matemáticas e resolver problemas.</li> </ul>
--	---	---

<b>Área do Conhecimento do Mundo</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Abordagem às Ciências<ul style="list-style-type: none"><li>○ Conhecimento do mundo social</li></ul></li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Reconhecer unidades básicas do tempo diário, semanal e anual, compreendendo a influência que têm na sua vida.</li><li>• Conhecer elementos centrais da sua comunidade realçando aspetos físicos, sociais e culturais e identificando algumas semelhanças e diferenças com outras comunidades.</li><li>• Conhecer e respeitar a diversidade cultural.</li></ul>
--------------------------------------	---	--

## **Apêndice B - Planificação Diária da PSEPE**



Planificação Diária – segunda-feira, 13 de novembro de 2017	
Atividades/Materiais	Aprendizagens que podem ser observadas
<p><b>Atividade 1:</b> Audição da canção: «<i>Fado dos Passarinhos (Passarinho da Ribeira)</i>»</p> <p>❖ <b>Áreas e Domínios de conteúdos:</b>                      - <u>Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Educação Artística (Música) &amp; Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.</p> <p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Música: “<i>Fado dos Passarinhos</i>”</li> <li>• Computador</li> <li>• Letra da canção</li> <li>• Cartão com uma pequena definição de <i>fado</i>.</li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Escuta e visualiza atentamente o vídeo da canção.</li> <li>• Contribui para o funcionamento do grupo, fazendo propostas e colaborando na procura de soluções.</li> <li>• Espera pela sua vez na intervenção nos diálogos, dando oportunidades aos outros para intervirem.</li> <li>• Comenta a música que ouve manifestando as suas opiniões e utilizando vocabulário adequado.</li> <li>• Faz perguntas sobre novas palavras e usa novo vocabulário.</li> <li>• Ouve atentamente poesias, mostrando prazer e satisfação.</li> <li>• Identifica algumas manifestações do património cultural de outros meios.</li> </ul>

<p><b>Atividade 2:</b> Exploração da letra da canção!</p> <p>❖ <b>Áreas e Domínios de conteúdos:</b> - <u>Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita &amp; Domínio da Educação Física.</p> <p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Letra da canção</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Revela confiança em experimentar atividades novas, propor ideias e falar em grupo.</li><li>• Encarrega-se das tarefas que se comprometeu realizar, executando-as de forma cada vez mais autónoma.</li><li>• Apropria-se da diversidade de possibilidades motoras, criando ou imaginando outras, propondo-as ao grupo.</li><li>• Ouve atentamente o que o Educador diz, repetindo de forma correta, mostrando prazer e satisfação.</li></ul>
<p><b>Atividade 3:</b> Construção de um «painel» de pictogramas com palavras iniciadas por “F”.</p> <p>❖ <b>Áreas e Domínios de conteúdos:</b> - <u>Expressão e Comunicação:</u> Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (Consciência Linguística e Funcionalidade da linguagem escrita e sua utilização em contexto e Identificação de convenções de escrita) &amp; Domínio da Educação Artística (Artes Visuais).</p> <p><u>Materiais:</u></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• 1 cartolina</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Descobre e refere palavras que começam da mesma forma.</li><li>• Pedes aos adultos que lhe leiam ou escrevam numa situação concreta, para responder a uma necessidade.</li><li>• Nas suas tentativas de leitura, aponta para o texto escrito com o dedo, segundo a orientação da escrita e fazendo alguma correspondência entre a emissão oral e o escrito.</li><li>• Tem prazer em explorar e mobilizar, nas suas produções, modalidades diversificadas de expressão visual, neste caso a pintura.</li></ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Modelos de pictogramas para serem preenchidos.</li> <li>• 1 tubo de cola</li> <li>• Pioneses.</li> </ul>	
<p><b>Estratégias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vamos buscar o grupo das crianças para a nossa sala.</li> <li>• Receção/Acolhimento das crianças. Início da rotina diária.</li> <li>• Atividades livres (até que todo o grupo chegue).</li> <li>• Por volta das 9h30min vamos sentar no cantinho e iniciamos a nossa planificação diária.</li> <li>• Depois das crianças estarem sentadas nos bancos habituais, o Educador Estagiário promove um pequeno diálogo motivacional com as crianças acerca do fim de semana, dando-lhes oportunidade de contar uma situação que queiram partilhar com os amigos.</li> <li>• Depois desta pequena conversa inicial, as crianças irão ouvir a música “Fado dos Passarinhos” uma vez, sem acesso ao vídeo. Nesta primeira vez, o Educador Estagiário pede às crianças que escutem o som do(s) instrumento(s) que se ouve(m) “atrás” da voz do cantor (fadista).</li> <li>• Posteriormente, procede-se à segunda audição da mesma canção, agora acompanhada com a visualização do vídeo da mesma afim de as crianças visualizarem os instrumentos à medida que vão ouvindo a canção.</li> <li>• Concluída a visualização do vídeo, o Educador Estagiário deverá dizer às crianças o nome dos dois instrumentos presentes: a guitarra clássica e a guitarra portuguesa. Contudo, deverá dizer às crianças que no dia seguinte falaremos mais sobre estes instrumentos. Posto isto, o Educador Estagiário interroga as crianças se se lembram de ter ouvido recentemente alguma música com um estilo semelhante à que acabaram de ouvir. É esperado que as crianças digam que sim e mencionem a canção “Corre Mondego”. Caso as crianças estejam com alguma dificuldade, o Educador Estagiário deve dar algumas pistas/ajudas.</li> <li>• Posto isto, o Educador Estagiário pergunta às crianças se também ainda se lembram do nome do estilo musical a que pertencem estas duas músicas. Espera-se que as crianças digam que é ao <b>fado</b>. Caso as crianças não se lembrem do fado deverá ser o Educador Estagiário a dizê-lo.</li> <li>• Em seguida, o Educador Estagiário dá uma explicação muito sintética às crianças do que é o fado, tendo essa explicação presente em cartolina que, depois de abordada, vai pedir ao chefe do dia que escolha um lugar na sala onde a colocar.</li> <li>• Posteriormente, inicia-se a exploração à letra da canção. Para começar, o Educador Estagiário lê, pausadamente, todo o poema da canção. Em seguida, o Educador Estagiário fará uma leitura verso-a-verso e as crianças terão de repeti-lo.             <ul style="list-style-type: none"> <li>○ A cada verso/quadra o Educador Estagiário deve introduzir um movimento motor, como por exemplo, bater palmas, ir abaixo, pés juntos, marchar, entre outros.</li> </ul> </li> </ul>	

- Cantar a canção uma vez.
- Depois disto, o Educador Estagiário interroga as crianças: **“Será que algum menino ou menina me sabe dizer por que letra começa a palavra «Fado»?”** Esta é uma pergunta desafiante o que levará as crianças a pensarem bastante. Poderá haver uma ou outra criança que diga “F”; caso não aconteça, deverá ser o Educador Estagiário a dizê-lo.
- Posto isto, o Educador Estagiário pede a cada criança que diga uma palavra *qualquer* que também comece por “F” e regista as palavras no quadro branco.
  - Deve ser passada para as crianças a regra: **“Não podemos repetir a mesma palavra que um amigo disser!”**
  - Depois das palavras estarem todas registadas no quadro, **em letras maiúsculas**, o Educador Estagiário lê as palavras, uma a uma, e as crianças terão de repetir.
- Em seguida, o Educador Estagiário mostra o exemplo/modelo de pictograma que traz já feito de casa e explica às crianças que, cada uma delas vai fazer um pictograma com a sua palavra.
  - O Educador Estagiário deve explicar às crianças que um pictograma é, de uma forma simples, um desenho associado a uma palavra.
  - Assim, as crianças devem perceber que cada uma delas vai construir um pictograma com a palavra que disseram e foi escrita no quadro.
- Brincadeiras livres:
  - O Educador Estagiário desloca-se para uma das mesas da sala, preferencialmente junto ao quadro, e vai chamando duas crianças de cada vez para construírem o seu pictograma.
  - Quando todas as crianças tiverem construído o seu pictograma, o Educador Estagiário deve construir o painel dos pictogramas e, um pouco antes de almoço mostrá-lo às crianças.
- Por volta das 11h45/50min, o Educadora Estagiário pede às crianças que arrumem os brinquedos e, comecem a fazer a sua higiene pessoal.
  - Conforme as crianças vão ficando prontas, dirigem-se para o cantinho e sentam-se.
  - Assim que todas as crianças estiverem sentadas, o Educador Estagiário mostra o painel dos pictogramas que elas estiveram a fazer ao longo da manhã e afixa-o numa das paredes da sala (podendo pedir sugestão às crianças de onde o afixar).
    - Caso, por algum motivo, não seja possível ter este momento, é importante que o painel seja mostrado às crianças, pela Educadora Cooperante, à tarde ou pelo Educador Estagiário na manhã seguinte.
- Por volta das 12h15min, as crianças dirigem-se para o refeitório para irem almoçar.
- Almoço.
- Fim do dia de estágio.

Planificação Diária – segunda-feira, 8 de janeiro de 2018		
Áreas (Domínios/Subdomínios)	Aprendizagens que podem ser observadas	Atividades/Materiais
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Área de Expressão e Comunicação:</b> <b>Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita:</b> Subdomínio da Comunicação Oral e Prazer e motivação para ler e escrever.</li> <li>• <b>Área de Formação Pessoal e Social:</b> <b>Domínio da Construção de Identidade e da Autoestima.</b></li> </ul>	<p>A criança:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Relata acontecimentos, mostrando progressão não só na clareza do discurso como no respeito pela sequência dos acontecimentos, recontando corretamente a história ouvida.</li> <li>• Ouve atentamente a história, mostrando prazer e satisfação.</li> <li>• Reconhece a sua pertença à sua família, identificando e valorizando traços da sua cultura familiar.</li> </ul>	<p><b>Atividade 1</b> – Leitura e exploração da história: “A melhor família”, presente no livro «<i>A minha família e eu</i>», de María Mañeru.</p> <p><b>Materiais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Livro da história.</li> <li>• Saco de plástico (saco das surpresas).</li> </ul>
<b>Atividade 2 – Construção da moldura “A minha família”</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Área da Expressão e Comunicação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ <b>Domínio da Educação Artística:</b> Subdomínio das Artes Visuais.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem prazer em explorar e utilizar a pintura nas suas produções, recorrendo a diferentes elementos da linguagem plástica (cores, linhas, formas).</li> <li>• Representa e recria plasticamente temas e pessoas, recorrendo aos lápis de cor e ao desenho.</li> </ul>	<p><b>Atividade 2.1</b> – Desenho de “<i>A minha família</i>” (agregado familiar de cada criança).</p> <p><b>Materiais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• 14 folhas A4 brancas, em papel cavalete</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lápis de cor</li> <li>• Canetas de feltro</li> <li>• Lápis de carvão</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Área da Expressão e Comunicação:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>○ <b>Domínio da Educação Artística:</b> Subdomínio das Artes Visuais.</li> <li>○ <b>Domínio da Matemática:</b> Subdomínio dos Números e Operações.</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem prazer em explorar e utilizar nas suas produções a colagem, na construção da sua “casa”.</li> <li>• Identifica, numa contagem, que a quantidade total corresponde à última palavra número (termo) que disse.</li> <li>• Usa o nome dos números e, posteriormente numerais escritos, para representar quantidades.</li> <li>• Começa a relacionar a adição com o combinar de dois grupos de objetos.</li> </ul>	<p><b>Atividade 2.2</b> – Construção da casa (moldura) para “<i>A casa da minha família</i>”</p> <p><b>Materiais:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Modelo da casa (já feito pelo Educador Estagiário)</li> <li>• Cola branca</li> <li>• Pincéis</li> <li>• 100 paus de gelado (6 para cada criança).</li> <li>• 14 folhas brancas, tamanho A6</li> <li>• Carimbos numéricos.</li> <li>• 14 cartolinas</li> </ul>
<p><b>Estratégias:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Vamos buscar o grupo das crianças para a nossa sala.</li> <li>• Receção/Acolhimento das crianças. Início da rotina diária.</li> <li>• Atividades livres (até que todo o grupo chegue).</li> <li>• Por volta das 9h30min vamos sentar no cantinho, já previamente preparado pelo Educador Estagiário no meio da sala, e iniciamos a nossa planificação diária. <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ <b>Nota:</b> Os bancos estão dispostos em círculo.</li> </ul> </li> <li>• Depois das crianças estarem sentadas, o Educador Estagiário mostra às crianças um saco (dentro do saco encontra-se o livro da história).</li> </ul>		

- Interroga as crianças se querem saber o que se encontra dentro do saco. (Naturalmente, as crianças dirão que sim). Neste momento, o Educador Estagiário pede-lhes que cantem a música da *Caixinha das Surpresas*, mas, em vez de cantarem «caixinha», cantam «saquinho».
  - À medida que as crianças vão cantando a canção, o Educador Estagiário vai retirando, devagar, o livro de dentro do saco.
- Posto isto, o Educador Estagiário informa as crianças de que vai contar uma pequena história. De forma a incentivar o silêncio das crianças, o Educador Estagiário pode dizer algo do género: *“Silêncio, que se vai contar uma história!”*
  - O Educador Estagiário conta a história **“A melhor família”**.
- No final da história, procede-se à exploração da mesma.
  - Aqui, o Educador Estagiário faz uma pergunta a cada criança, no sentido de verificar a atenção e/ou a compreensão das mesmas.
    - **Nota:** De forma a motivar a atenção/participação das crianças, o Educador Estagiário promove um pequeno jogo em que a criança que estiver atenta e responder corretamente vê o seu nome escrito no quadro.
- Concluída a exploração da história, o Educador Estagiário informa as crianças de que irão desenhar e pintar, numa folha branca, os elementos que da sua família que vivem consigo.
  - Neste momento, o Educador Estagiário diz às crianças que, depois de fazerem o desenho, vão ainda construir *“as suas casas”*.
- As crianças dirigem-se para brincadeiras livres e serão chamadas **duas a duas** para poderem realizar a atividade.
- Assim que todas as crianças tiverem feito o seu desenho, inicia-se a atividade seguinte da construção do molde da sua casa..
  - Esta atividade será feita **individualmente**, visto que, depois da construção da mesma, o molde é também colado numa cartolina onde será feita uma abordagem matemática com o molde e o número de paus presentes no telhado (2) e os da base da casa (4), procurando desenvolver nas crianças a noção da adição, como o total de elementos de dois conjuntos diferentes (neste caso, telhado e base).
    - O primeiro passo da atividade é a construção do molde da casa.
    - O segundo passo é a colagem da folha branca no molde.
    - O terceiro passo é a criança desenhar na folha branca as janelas e a porta da casa,
    - O quarto passo é, com o carimbo correto, a criança identificar/assinalar quantos elementos constituem o seu agregado familiar.
      - Para este passo, o Educador Estagiário interroga a criança: **“Então, e quantas pessoas moram contigo?”**.
    - **Nota:** Visto que esta atividade tem de ser feita individualmente, é certo que não será concluída da parte da manhã. Neste sentido, ela poderá ser continuada na parte da tarde pela Educadora Cooperante e/ou, se houver necessidade, também num período da manhã seguinte, pois a planificação do dia seguinte já prevê esta possibilidade.
- Por volta das 11h45/50min, as crianças começam a arrumar os brinquedos e a fazerem a sua higiene para que, por volta das 12h15min, possam ir almoçar.
- Almoço.
- Fim de manhã de estágio.



## **Apêndice C - Unidade Didática: Metodologia de Trabalho- Projeto**



## **UNIDADE DIDÁTICA Nº6**

5 a 7 de junho de 2018

### **ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

#### **TÍTULO:**

**“A NATUREZA DAS APRENDIZAGENS”**



#### **Equipa de Supervisão:**

Professor Doutor António Pais

Professor Doutor Paulo Afonso

Professora Dolores Alveirinho

Professora Doutora Madalena Leitão

#### **AUTOR:**

Ivo Oliveira

**Professor Cooperante:** Mário  
Vicente



**Unidade temática:** “A Natureza das Aprendizagens”

## INTRODUÇÃO

Esta unidade didática será aplicada ao 4.º B da Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo e é construída com base no tema central “*O Meio Ambiente*” e, em consequência, o título desta unidade é «*A Natureza das Aprendizagens*», no sentido em que o culminar desta unidade será a elaboração de um cartaz de turma sobre a importância de perseverar o ambiente natural.

Para que as aprendizagens sejam, potencialmente, mais eficazes, a implementação desta unidade didática assenta em dois trabalhos de projeto: *Projeto “Jogar para Aprender”*, em que é dada continuidade ao projeto conjunto das turmas 4ºA e 4ºB e o *Projeto “Por Um Ambiente Melhor”* que, com a interdisciplinaridade entre as áreas curriculares, tem como produto final a elaboração e afixação de um cartaz de turma sobre o referido tema.

Neste sentido, a unidade didática encontra-se dividida em três partes:

- Parte A – Instrumentos do Professor: todos os recursos didáticos que serão utilizados pelo professor onde se encontra, por isso, a planificação esquemática em relação aos conteúdos a abordar na semana bem como os passos/as etapas de ambos os projetos. Em todos os momentos desta unidade serão trabalhadas as áreas de Português, de Matemática, de Estudo do Meio e de Expressão Plástica.
- Parte B – Instrumentos do Aluno: todos os instrumentos de aprendizagem que os alunos utilizarão como, por exemplo, fichas de trabalho e guião do aluno.
- Parte C – Reflexão: reflexão do professor em relação à forma como a implementação prática da unidade decorreu, bem como a explicitação dos aspetos positivos e os aspetos negativos, a melhorar nas próximas unidades didáticas.

## FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

Nesta unidade didática serão trabalhados os seguintes conteúdos:

- Português: texto instrucional (que servirá de instrução para a construção do cartaz final), e revisão dos conteúdos relacionados com o grau dos adjetivos.
- Matemática: volume: revisão de conteúdos; unidades de medida de volume e de capacidade e relações entre ambas.
- Estudo do Meio: O Meio Ambiente e os tipos de poluição.

Neste sentido, a turma deve ter conhecimentos prévios relacionados com o grau dos adjetivos, bem como conhecer e identificar o metro cúbico e os seus múltiplos e submúltiplos e respetiva relação. Quanto ao Estudo do Meio, embora não seja previsto que os alunos saibam nomear os tipos de poluição, é esperado que sejam capazes de estabelecer diálogo sobre a temática do Ambiente e dos prejuízos da poluição.

Assim, para além de ser necessário que os conhecimentos acima mencionados estejam presentes nas mentes dos alunos é também crucial que a turma tenha como pré-requisitos: uma boa capacidade leitora, para uma melhor compreensão do tipo de texto que será abordado, bem como conhecimento das tabuadas para que mais facilmente se muna dos novos conteúdos.

Finalmente, importa mencionar que, enquanto professor, e como a estrutura e organização desta unidade didática mostra, utilizarei maioritariamente uma metodologia orientadora do trabalho de grupo, alternando com céleres momentos de exposição de conteúdos.

### **Hora da Leitura (*Corpus textual*):**

Texto Instrucional: elaborado pelo professor estagiário.





5 de junho  
Dia Mundial do  
Ambiente

**Projeto: «Jogar Para Aprender»**

Matemática:

- Unidades de Medida de Volume e de

Gramática:

- Grau dos

**Jogo 1:**  
“A Inteligência”

**Jogo 2:**  
“Qualificas?”

**Projeto: «Por Um Ambiente Melhor»**

Português:

- Texto Instrucional

Estudo do Meio:

- O Meio Ambiente
- Poluição:
  - tipos de poluição

Expressão Plástica:

**Cartaz: «Por Um Ambiente Melhor»**

**Livro: «Por Um Ambiente Melhor»**

## PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA

### Seleção do conteúdo programático

#### Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares

#### Estudo do Meio

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Descritores desempenho</i>	<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade.	<p>O Meio Ambiente (Qualidade do Ambiente)</p> <p>A Poluição: tipos de poluição.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar e observar alguns fatores que contribuem para a degradação do ambiente.</li> <li>- Reconhecer a importância das florestas para uma melhor quantidade do ambiente.</li> <li>- Identificar os tipos de poluição existentes.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identifica lixeiras, indústrias..., como fatores que degradam o ambiente.</li> <li>- Identifica a poluição atmosférica, aquática, sonora e ambiental como tipos de poluição.</li> <li>- Identifica os esgotos, os automóveis, o efeito de estufa, as fluentes industriais, entre outros, como aspetos que promovem os diferentes tipos de poluição.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação com os colegas</li> <li>• Participação e Empenho</li> <li>• Motivação</li> <li>• Atenção</li> <li>• Criatividade</li> <li>• Interesse pelas atividades</li> <li>• Respeito</li> </ul>	<p>Pesquisas autónomas.</p> <p>Cartaz sobre o Ambiente.</p>

#### Português

<i>Domínios /Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>		
<p>Oralidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Oral</li> <li>• Compreensão Oral</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação essencial, acessória.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar para aprender e construir conhecimentos.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Distingue informação essencial de acessória.</li> </ul>	<p>Cooperação com os colegas</p>	<p>Ficha de Leitura</p>

<p>Leitura e Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura</li> <li>• Escrita</li> </ul> <p>Educação Literária</p> <p>Gramática:</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ideias-chave de um texto ouvido.</li> <li>- Vocabulário: variedade e precisão.</li> <li>- Fluência de Leitura: velocidade, precisão e prosódia.</li> <li>- Texto instrucional</li> <li>- Vocabulário: alargamento temático.</li> <li>- Tema e assunto de um texto.</li> <li>- Pesquisa e registo de informação.</li> <li>- Ortografia e Pontuação (texto).</li> <li>- Produção de texto expositivo: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planificação</li> <li>• Textualização</li> <li>• Revisão</li> </ul> </li> </ul> <p>Leitura e audição</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler corretamente, em voz alta e em silêncio, o texto instrucional.</li> <li>- Organizar os conhecimentos do texto.</li> <li>- Elaborar e aprofundar ideias e conhecimentos.</li> <li>- Desenvolver o conhecimento da ortografia.</li> <li>- Planificar a escrita de textos.</li> <li>- Redigir corretamente.</li> <li>- Rever a estrutura do texto e ortografia e pontuação do mesmo.</li> <li>- Ler e ouvir textos literários.</li> <li>- Compreender o essencial do texto escutado e lido.</li> <li>- Reconhecer os adjetivos como uma classe de palavras.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identifica os passos do texto como as diferentes etapas de um processo.</li> <li>- Lê corretamente o texto instrucional.</li> <li>- Procura informação em suportes variados, segundo os objetivos de pesquisa previamente definidos.</li> <li>- Regista ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as.</li> <li>- Utiliza uma caligrafia legível, respeitando as regras de ortografia e pontuação;</li> <li>- Respeita a estrutura de um texto expositivo: introdução, desenvolvimento, conclusão.</li> <li>- Ouve ler e lê corretamente o texto instrucional.</li> <li>- Identifica o desenrolar das etapas do texto instrucional.</li> <li>- Responde, oralmente e por escrito, a questões sobre o texto.</li> </ul>	<p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<p>Pesquisas autónomas</p> <p>Texto Expositivo</p> <p>Ficha de Leitura</p>
--	--	--	--	---	--

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Classe de Palavras</li> <li>• Morfologia e Lexicologia</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Adjetivos</li> <li>- Grau dos adjetivos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Integrar palavras que pertencem à classe dos adjetivos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identifica, nas frases, os adjetivos.</li> <li>- Identifica os graus dos adjetivos.</li> <li>- Procede a alterações de grau.</li> </ul>		Jogo: "Qualificas?"
<b>Matemática</b>					
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores desempenho</i>		
Geometria e Medida <ul style="list-style-type: none"> <li>• Medida</li> </ul>	Volume Capacidade	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhecer o metro cúbico como a unidade de medida de volume principal.</li> <li>- Reconhecer o litro como unidade de medida de capacidade principal.</li> <li>- Medir volumes e capacidades.</li> </ul>	O aluno: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Conhece os múltiplos e submúltiplos do metro cúbico.</li> <li>- Conhece os múltiplos e submúltiplos do litro.</li> <li>- Reconhecer e aplicar a fórmula de cálculo de medida de volume de um cubo e de um paralelepípedo.</li> <li>- Reconhece a correspondência entre o decímetro cúbico e o litro;</li> <li>- Relaciona as unidades de medida de capacidade com as unidades de medida de volume.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação com os colegas</li> <li>• Participação e Empenho</li> <li>• Motivação</li> <li>• Atenção</li> <li>• Criatividade</li> <li>• Interesse pelas atividades</li> <li>• Respeito</li> </ul>	Jogo: "Inteligência Cúbica 2"

### **Expressão e Educação Plástica**

<b>Blocos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Descritores de Desempenho</b>	<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
Bloco 3 – Exploração de Técnicas Diversas de Expressão	Cartazes	- Construir um cartaz, fazendo composições com fim comunicativo (usando a imagem e a palavra).	O aluno: - Faz um esboço da construção do cartaz, para servir de modelo à construção final. - Pesquisa a informação necessária para o cartaz. - Recorta e cola os diferentes elementos necessários. - Escreve e/ou desenha os elementos necessários.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Participação e Empenho</li> <li>• Motivação</li> <li>• Atenção</li> <li>• Criatividade</li> <li>• Interesse pelas atividades</li> <li>• Respeito</li> </ul>	Cartaz sobre o Meio Ambiente.

### **Elementos de integração didática**

**Tema integrador:** «O Meio Ambiente»

**Vocabulário:**

- Português: Etapas; Texto Instrucional; Graus dos adjetivos.
- Matemática: Volume (metro cúbico e seus múltiplos e submúltiplos); Capacidade (litro e seus múltiplos e submúltiplos).
- Estudo do Meio: Natureza; Ambiente; Poluição Atmosférica, Sonora, Visual e Ambiental.

**Recursos a utilizar:**

- Guião do aluno;
- Modelo texto instrucional (receita);
- PowerPoint dos conteúdos matemáticos;
- Ficha de interpretação (de leitura);

**Elemento integrador:** Dia Mundial do Ambiente (5 de junho) – imagem.

O elemento integrador desta unidade didática é o Dia Mundial do Ambiente. Embora não sendo um elemento integrador “habitual”, a verdade é que esta unidade, nomeadamente o projeto «*Por Um Ambiente Melhor*», surgem exatamente porque o primeiro dia de implementação desta unidade coincide com o Dia Mundial do Ambiente. Neste sentido, é desta temática que surgem todas as atividades dos projetos.



### **Princípios de avaliação**

A avaliação será feita através da observação direta e participante da parte do professor. A avaliação deve ser um todo, isto é, o conjunto das atitudes, dos valores e das aprendizagens adquiridas.

O tipo de avaliação a usar é a avaliação contínua durante os três dias para os quais esta planificação está elaborada. Durante o realizar das atividades, o professor observa como os alunos estão a interagir com os outros e também as aprendizagens que eles estão a adquirir ou não.

Haverá ainda uma ficha leitura para ajudar na análise, compreensão e interpretação do texto. Ainda a referir que dar-se-á continuidade ao projeto “Jogar para Aprender” com mais dois jogos. O primeiro jogo (“*Inteligência Cúbica 2*”) permitirá ao professor perceber como estão os conhecimentos dos alunos em relação aos conteúdos relacionados com o volume e a sua relação com as medidas de capacidade. Por sua vez, o segundo jogo (“*Qualificas?*”) possibilitará a avaliação formativa dos alunos em relação à identificação e utilização dos graus dos adjetivos.

A avaliação da área curricular de Estudo do Meio (conteúdos relacionados com o Meio Ambiente e os tipos de poluição) será feita através de outro projeto (*Projeto “Por Um Ambiente Melhor”*) que tem como produto final a construção de um cartaz e de um livro de turma relacionados com os referidos conteúdos. Assim, com a realização de todas as tarefas ao longo de todo o trabalho de projeto (que engloba diversas áreas curriculares) o professor conseguirá aferir se os alunos estão a perceber os conteúdos de Estudo do Meio, sempre com intrínseca ligação com as restantes áreas do conhecimento. Será, por isso, uma aprendizagem pela descoberta em vez de uma aprendizagem expositiva.

Importa ainda referir que, no final destes dias de implementação, o professor realizará uma avaliação formativa, classificando qualitativamente cada aluno – em relação às aprendizagens desta unidade didática – no seu guião do aluno.

- Folhas de respostas para os jogos do projeto “Jogar para Aprender”;
- Materiais necessários para a construção do cartaz:
  - Cartolinas;
  - Cola;
  - Tesoura;
  - Lápis de cor, de carvão;
  - *Bost-it*

## Projeto “Jogar Para Aprender”

### 1 - Autores

Este projeto tem como autores os professores estagiários Ivo Oliveira e Daniela Miguel das turmas 4ºB e 4ºA, respetivamente.

### 2 - Resumo

Como já referenciado, este projeto *nasceu* com o objetivo de motivar e potenciar as aprendizagens dos alunos das referidas turmas, através de jogos que, além de lúdicos, são também didáticos.

Os temas/conteúdos a abordar nos jogos deste projeto surgem à medida que os professores titulares de turma nos refiram os conteúdos a lecionar nas diferentes semanas.

### 3- Introdução/Fundamentação Teórica

#### 3.1 - *Brinquedo e Educação: na escola e no lar*

Várias pesquisas enfatizam que o brincar como instrumento motivador é fundamental para o treino das habilidades cognitivas, verbais e sociais da criança. Este é, sem dúvida, o ponto crucial conclusivo a que vários teóricos chegam.

Para Piaget (1951), o brincar tem extremo destaque, pois este considera que o conhecimento não deriva do desempenho da criança com fenómenos externos, mas sim com a interação através do meio ambiente. Evidencia também que, neste sentido, o brincar é parte ativa e interativa do desenvolvimento intelectual da criança podendo esta assimilar a informação predominante, porém, compreendendo-a à sua maneira.

Assim sendo, este julga que o jogo socio-dramático ou de representação de papéis é a mais alta manifestação do jogo simbólico, pois possibilita fortalecer habilidades como a audição, classificação de sons, identificação e verbalização, dando base para interpretação de várias experiências.

No ponto de vista de Vygostsky (1967), o brincar ganha uma nova dimensão visto que este considera-o importante na situação imaginária da criança, sendo que esta é criada pela criança e preenche necessidades que mudam de acordo com a idade (tipos de brinquedos e brincadeiras), e no estabelecimento de regras, pois mesmo não estando explicitamente presentes no brincar, a própria criança desenvolve mecanismos e diretrizes que ajudam a delinear o tipo de brincadeira/jogo.

Para Denzin (1975), a atividade lúdica é um meio de ensinar a criança a colocar-se na perspectiva do outro, no sentido em que esta se inicia na representação de papéis do mundo adulto que irá desempenhar mais tarde, tornando-a capaz de ter empatia.

Freud (1922) e alguns dos seus seguidos, como Klein (1982) e Aberastury (1972), denotam que o brincar é um meio de aliviar a criança de experiências dolorosas e criar fantasias para atender às necessidades não satisfeitas.

Existem outros teóricos, como Kamii e Devries (1991), que chamam a atenção para o brincar em grupo. Este tem valor acrescido para crianças pequenas, mais novas, que aprendem mais através de jogos e brincadeiras do que com exercícios. Para que o jogo/brincadeira se revele útil existem critérios que se devem ter em consideração como o nível de interesse correlacionado com o tipo de idade, a participação de todos os jogadores do princípio ao fim e que possa permitir uma autoavaliação.

Como se veio a perceber com estas pesquisas, o brincar é um fator importante para o desenvolvimento da criança e, sendo a escola um dos meios desse desenvolvimento, é também um fator importante na educação atual.

Existem professores que têm ainda restrições à utilização de jogos e brinquedos na sala de aula, sendo as crianças, por conseguinte, desencorajadas à interação social com amigos, pois esta é considerada perturbadora na aula.

Salomão, Martini, & Jordão (2007), afirmam que os professores devem começar a ver a criança/o aluno como um ser que absorve novas informações através de experiências concretas como o brincar/jogar.

Para pedagogos, de Platão a Schiller e de Comenius a Rousseau, o jogo ou brinquedo é o método mais eficiente de aprendizagem para a criança/o aluno. Porém, existe diferenças entre *aprender a brincar* e *brincar para aprender*.

Contudo, o brincar e a escola nunca estiveram em plena concordância. Para muito professores, o brincar é um passatempo, um momento de descontração e, por isso, não encorajam as crianças a terem brincadeiras espontâneas o que, às vezes, bloqueia a sua imaginação e habilidades para solucionar problemas (Saracho, 1991).

Os professores têm dificuldade em justificar as atividades lúdicas no ensino. Neste sentido, é de extrema relevância que os professores entendam que podem organizar e apresentar materiais e experiências para desenvolver conceitos ou temas que queiram abordar, pois possibilita conhecer a representação de papéis, a manipulação de materiais e a linguagem. A intervenção deve revitalizar, clarificar e explicar o brincar, mas não dirigir as atividades (Christie, 1982).

Para Rothlein e Brett (1987), os professores acreditam que o brincar possibilita o desenvolvimento cognitivo e social. Já para Sylvia, Roy e Palmer (1980), os professores não utilizam o brincar por considerar que afetaria a oportunidade de compreensão, impedindo a criança de distinguir realidade da fantasia.

Para Saracho (1991), existem dois tipos de intervenção no brincar das crianças para que se torne produtivo: o tipo participativo que visa que as crianças encontrem um problema e o professor ajuda-as na solução, estimulando-as a usar a imaginação durante o jogo; e o tipo dirigido, onde o professor aproveita o jogo para a aprendizagem de conteúdos.

Mas, para que exista esta mudança de perspectiva do brincar no ensino, é preciso que o docente saiba brincar. Professores que saibam brincar são um avanço para o êxito dos mesmos, contribuindo para o estabelecimento da comunicação dos alunos entre si e com os professores. (Jacquim, apud Marcelino, 1990).

Para que o brincar tenha esta vertente proveitosa para a educação, deve-se ter em conta também as palavras de Leif e Brunelle (1976), que referem que é importante que nada seja feito a favor do brincar se os professores não se interessarem por ele; que o observar as crianças no decorrer de seus brinquedos e jogos é um dos melhores meios de conhecê-las.

Em suma, o brincar e o jogar nas crianças dá significado às suas vidas, mas é preciso definir os objetivos, os processos de desenvolvimento e ou aprendizagem que desejam influenciar, o que exige constante observação dos resultados educativos da brincadeira. O que varia é a intervenção do adulto que, dependendo da atividade, pode ser mínima ou altamente estruturada.

É por todas estas fundamentações e preocupações que nasce o projeto “*Jogar para aprender*”, com o principal objetivo de potenciar a maior eficácia possível nas aprendizagens dos alunos.

#### 4 - Objetivos

##### a. Objetivos Gerais

- Potencializar e desenvolver a parcerias entre as turmas 4.º A e 4.º B, de forma a que os ritmos das aprendizagens sejam “*semelhantes*”;
- Motivar as aprendizagens dos alunos ao longo do 3.º período;
- Fomentar e potenciar as aprendizagens pela descoberta;
- Desenvolver o espírito de cooperação e apoio entre todos os alunos da turma.

##### b. Objetivos Específicos

- Rever e sistematizar os conhecimentos relacionados com os adjetivos;
- Aplicar os conhecimentos em atividades relacionadas com os graus dos adjetivos;
- Rever e consolidar os conteúdos relacionados com as unidades de medida de volume e de capacidade.

#### 5 - Princípios Fundamentais do Projeto

- a) Em todos os jogos, cada resposta (totalmente) certa, de cada aluno, corresponde a **1 ponto**.
- b) No final de cada jogo é preenchida a grelha de pontuação correspondente, pelos dois professores em conjunto.
- c) Depois de obtidas as classificações finais de cada jogo, verifica-se que turma obteve maior número de pontos.
- d) Em cada jogo, a turma vencedora vê a sua pontuação convertida em **3 pontos** e a turma com menor pontuação vê-lhe atribuído **1 ponto**. Em caso de empate, ambas as turmas recebem **2 pontos**.
- e) Em todos os jogos em que houver delimitação de tempo de resposta, o cronómetro deve estar em local visível para todos os alunos (ex.: projetado).

## 6 - Procedimentos Metodológicos / Atividades

### Jogo 1 – “Inteligência Cúbica 2”

Objetivo: Rever e consolidar os conhecimentos relacionados com as unidades de medida de volume e de capacidade.

#### Princípios do jogo:

- O jogo é constituído por três partes:
  - Parte A: 5 perguntas de verdadeiro/falso.
    - Para cada uma destas perguntas é dado **1 minuto** para elaborar a resposta.
  - Parte B: 15 conversões (5 conversões só com unidades cúbicas, 5 conversões só com unidades de capacidades, 5 conversões com as relações entre ambas).
    - Para cada conversão é dado **1 minuto**, ou seja, um total de **15 minutos** para todas as conversões.
  - Parte C: 5 problemas.
    - Para cada problema são dados **10 minutos**, ou seja, um total de **50 minutos** para a resolução de todos os problemas.
- As respostas corretas valem **1 ponto**.
  - No caso dos problemas considera-se metade da pontuação (**0.5 pontos**) se:
    - O aluno usa o processo correto, mas com valores errados (ex.: um algarismo trocado; uma vírgula mal colocada...).
- As respostas erradas valem **0 pontos**.
- As perguntas de verdadeiro/falso são feitas oralmente pelo professor.
  - O aluno responde **V** se for verdadeira; **F** se for falsa.
- Quer a parte B quer a parte C já se encontram na “folha de jogo”, sendo realizados apenas e só quando o professor – moderador do jogo – der autorização.
  - Se algum aluno resolver algum destes exercícios antecipadamente, é automaticamente desqualificado.

#### Regras específicas do jogo:

- a) Cada aluno recebe uma “folha de jogo” onde deve registar as respostas.
- b) As “folhas de jogo” devem ser devidamente identificadas.
  - a. Em caso de não ser possível identificar a posse da “folha de jogo”, a mesma é considerada desqualificada.
- c) As respostas devem ser registadas no devido local.
- d) Só é permitido usar esferográfica de tinta azul ou preta.
- e) Não é permitido falar ou fazer perguntas.
- f) O professor profere **duas** vezes cada questão. Em seguida, inicia-se a contagem no cronómetro.
- g) Em caso de conversa com algum colega, são ambos desqualificados.

## Jogo 2 – “Qualificas?”

Objetivo: Rever e consolidar os aspetos relacionados com os adjetivos e os graus dos adjetivos.

### Princípios do jogo:

- O jogo é constituído por três partes:
  - Parte A: Identificação de adjetivos num excerto textual, que já se encontra na folha de jogo.
    - São dados **5 minutos** para a identificação dos adjetivos.
    - Por cada adjetivo sublinhado corretamente é atribuído **1 ponto**.
      - Até dois erros não se descontam pontos. A partir do terceiro erro, descontam-se **0,5 pontos** por cada erro.
  - Parte B: Identificação dos graus dos adjetivos.
    - O professor diz oralmente 8 frases (8 graus dos adjetivos) e os alunos têm de identificar os graus dos adjetivos.
      - Para cada questão é dado **1 minuto** de resposta, ou seja, um total de 8 minutos.
      - Cada resposta certa é atribuído **1 ponto**.
  - Parte C: Escrita de frases com os adjetivos nos graus que forem solicitados.
    - O professor diz um determinado grau e adjetivo, e os alunos escrevem uma frase no grau solicitado.
    - Serão trabalhos três adjetivos, nos 8 graus.
    - Para cada frase são dados **2 minutos** de escrita, ou seja, um total de 25 minutos.
      - São atribuídos **2 pontos** por frase se:
        - Escreverem a frase no grau solicitado.
        - Não tiverem mais que um erro ortográfico.
      - É atribuído **1 ponto** por frase se:
        - Escreverem a frase no grau solicitado.
        - Tiverem mais que um erro ortográfico.
      - São atribuídos **0 pontos** por frase se:
        - Não respeitarem o grau solicitado.

### Regras específicas do jogo:

- a) Cada aluno recebe uma “folha de jogo” onde deve registar as respostas.
- b) As “folhas de jogo” devem ser devidamente identificadas.
  - a. Em caso de não ser possível identificar a posse da “folha de jogo”, a mesma é considerada desqualificada.
- c) As respostas devem ser registadas no devido local.
- d) Só é permitido usar esferográfica de tinta azul ou preta.
- e) Não é permitido falar ou fazer perguntas.

- f) O professor profere **duas** vezes cada questão. Em seguida, inicia-se a contagem no cronómetro.
- g) Em caso de conversa com algum colega, são ambos desqualificados.

## 7 - Cronograma

Atividades Propostas	Dia/Hora						
	9:00h – 10:30h	11:00h – 13:00h	9:00h – 10:30h	11:00h – 12:30h	14:30h – 16:00h	9:00h – 10:30h	11:00h – 13:00h
	05.06.2018	05.06.2018	06.06.2018	06.06.2018	06.06.2018	07.06.2018	07.06.2018
Jogo 1: “Inteligência Cúbica 2”							
Jogo 2: “Qualificas?”							

## 8 - Avaliação

Na realização dos referidos jogos, os alunos terão para cada jogo uma “folha de jogo”. Nesta folha, os alunos registarão as suas respostas que, posteriormente, serão corrigidas e pontuadas pelos professores. É, portanto, através destas folhas de jogo que os professores poderão aferir aquilo que os alunos já sabem e dominam e aquilo que ainda não dominam.

## 9 - Referências Bibliográficas

Bomtempo, E. (1999). *Brinquedo e educação: na escola e no lar*. Psicologia Escolar e Educacional, 3 (1), 61-69.

Salomão, H. A. S., Martini, M., & Jordão, A. P. M. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*. Portal dos Psicólogos.

## **Projeto: “Por Um Ambiente Melhor”**

### **1 - Autores**

Este projeto tem como autor o professor estagiário Ivo Oliveira da turma 4ºB da Escola Básica Integrada João Roiz.

### **2 - Resumo**

O projeto “Por Um Ambiente Melhor” terá a sua intervenção na turma do 4º. B da Escola Básica Integrada João Roiz.

Este projeto tem como principais objetivos a elaboração de um cartaz sobre os tipos de poluição e a importância de perseverarmos o nosso ambiente, através da elaboração de um pequeno livro de turma. Com este projeto pretende-se que os alunos façam uma aprendizagem pela descoberta – através de pesquisas autónomas – sobre a temática “O Meio Ambiente e os tipos de poluição”.

Neste sentido, quase todas as áreas curriculares da presente unidade didática serão importantes para a realização deste projeto. Isto é, embora independentes e com conteúdos específicos das diferentes áreas curriculares que serão trabalhados “individualmente”, todo o percurso está feito com o intuito de culminar com a elaboração do cartaz e do livro, ambos intitulados, “Por Um Ambiente Melhor” (ver mapa concetual).

### **3 - Introdução / Fundamentação Teórica**

Importa começar por defender que a aprendizagem que se baseia em projetos torna-se um modelo inovador de ensino e aprendizagem o que, por conseguinte, potencia uma maior motivação dos alunos e, por isso, pressupõe que os resultados finais, isto é, as aprendizagens e competências adquiridas pelos alunos serão mais e melhores.

Esta metodologia de trabalho envolve os alunos em momentos de pesquisa a fim de serem capazes de resolverem determinadas tarefas e/ou problemas e, principalmente, possibilita que os alunos trabalhem autonomamente e construam o seu próprio saber, culminando em produtos concretos.

Esta metodologia de trabalho ainda potencia nos alunos o desenvolvimento de:

- Competências de trabalho em grupo;
- competências vivenciais (ex.: participar em debates, elaboração de planos de ação, ...);
- Competências tecnológicas (ex.: utilização de um determinado *software*, utilização do teclado do computador, ...);
- Competências cognitivas de processo (ex.: tomada de decisões, pensamento crítico, resolução de problemas, ...);
- Competências de autogestão (ex.: estabelecimento de metas, gestão do tempo, ...).

### 3.1 - Ensino Tradicional vs Aprendizagem por Projetos

Não pretendemos qualificar uma metodologia como melhor que a outra, até porque ambas têm, naturalmente, as suas vantagens e as suas desvantagens. Pretendemos, apenas, evidenciar as principais diferenças entre uma aprendizagem por projeto e uma aprendizagem pelo *ensino tradicional*.

Neste sentido, a metodologia de ensino através de projetos potencia relevantemente a redução da competição, muitas vezes exagerada, que existe nas salas de aula, promovendo, ao em vez, a colaboração entre os alunos em prol de um produto final conjunto.

Esta metodologia permite também que o enfoque da memorização de conteúdos presentes no *ensino tradicional* dê lugar à **exploração de ideias e construção** própria dos conhecimentos.

Em suma, os projetos podem, felizmente, mudar a relação entre os professores e os alunos, promovendo uma maior proximidade entre ambos.

Características Educacionais	O Ensino Tradicional privilegia:	A aprendizagem por projeto privilegia:
<b>Enfoque do currículo</b>	O cumprimento dos conteúdos	A profundidade do conhecimento
	O conhecimento dos factos	A compreensão dos conceitos e dos princípios
	A aprendizagem isolada das competências básicas	O desenvolvimento de competências complexas de resolução de problemas
<b>Alcance e sequência</b>	Segue um currículo fixo	Segue o interesse dos alunos
	Prossegue bloco por bloco, unidade por unidade	Unidades alargadas compostas de problemas ou assuntos complexos
	Âmbito limitado, baseado no conteúdo de disciplina	Âmbito alargado, interdisciplinar
<b>O papel do professor</b>	Transmissor de conhecimentos, gestor do processo	Facilitador de recursos aos participantes nas atividades de aprendizagem
	Detentor do saber	Conselheiro/colega...
<b>Enfoque da avaliação</b>	Produtos	Processos e produtos
	Pontuação nos testes	Realizações diretamente observáveis
	Comparação com os outros	Desempenhos de acordo com critérios e ganhos a prazo.
	Reprodução de informação	Demonstração de compreensão do saber.
<b>Materiais didáticos</b>	Textos, aulas e apresentações expositivas.	Fontes originais ou diretas: materiais impressos, entrevistas, documentos e outros
	Folhas de exercícios e atividades concebidas pelos professores.	Documentos e materiais desenvolvidos pelos próprios alunos
<b>Uso das tecnologias</b>	Acessório, periférico	Central, inteligente

	Administrado pelos professores	Dirigido pelos alunos
	Útil para realçar as apresentações dos professores	Útil para facilitar e realçar as apresentações dos alunos e desenvolver as suas capacidades
<b>Contexto de sala de aula</b>	Os alunos trabalham isoladamente	Os alunos trabalham em grupo
	Os alunos competem uns com os outros	Os alunos colaboram uns com os outros
	Os alunos recebem informação de um professor.	Os alunos constroem, sintetizam a informação e contribuem com novas opiniões.
<b>Papel dos alunos</b>	Seguem instruções	Efetuem atividades de aprendizagem conduzidas por si próprios
	Memorizam e repetem factos	Descobrem, integram e apresentam ideias
	Recebem e realizam tarefas de curta duração	Definem as suas próprias tarefas e trabalho, de forma independente durante largos períodos de tempo
	Ouvem, portam-se de forma adequada, falam apenas quando interpelados	Comunicam, mostram interesse, produzem, assumem responsabilidades

Tabela 13 - Diferenças: Ensino Tradicional vs Aprendizagem por Projeto

#### 4 - Objetivos

Importa referir que, para uma melhor compreensão dos diversos objetivos e como elo de ligação com as áreas curriculares, no final de cada objetivo aparecerá uma das seguintes siglas:

**P** – Português

**M** – Matemática

**EP** – Expressão Plástica

**EM** – Estudo do Meio

##### 4.1 - Objetivos Gerais

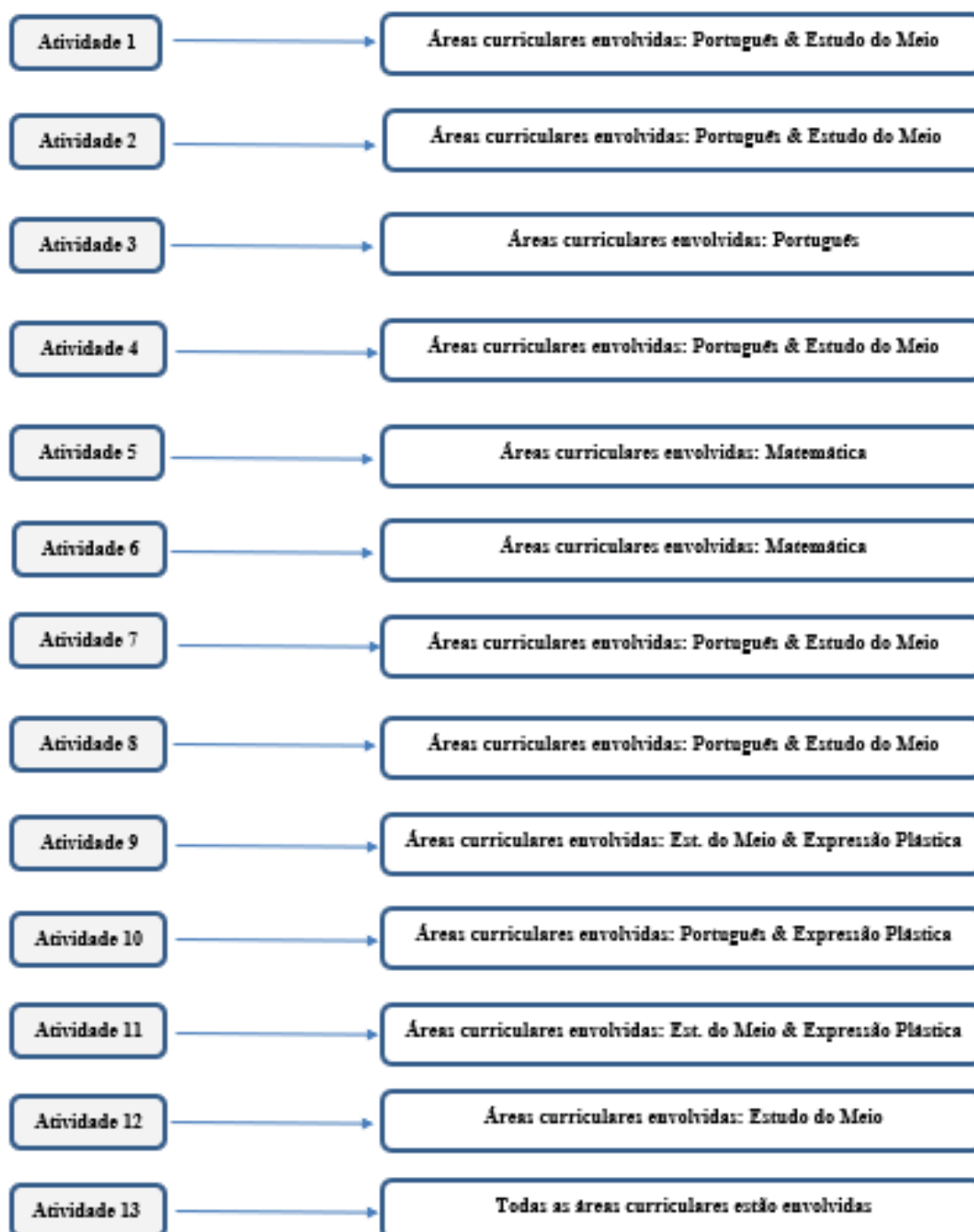
- Desenvolver a capacidade de pesquisa dos alunos. (P)
- Construir um cartaz. (EP)
- Reconhecer a importância do Meio Ambiente para uma vida saudável. (EM).
- Identificar a poluição como um dos aspetos degradantes do Meio Ambiente. (EM).

##### 4.2 - Objetivos Específicos

- Organizar e tratar as informações pesquisadas, excluindo aspetos que não interessam. (P)
- Desenvolver a capacidade de ortografia dos alunos. (P)

- Compreender a importância da perseverança do Ambiente. (EM).
- Reconhecer a importância das florestas para a vida saudável num determinado meio ambiente. (EM).
- Identificar os diferentes tipos de poluição: sonora, visual, aquática, ambiental. (EM)
- Construir o cartaz sobre o Ambiente recorrendo a técnicas como recorte, colagem e escrita. (EP).

## 5 - Procedimentos Metodológicos / Atividades



## 6 - Cronograma

Data & Hora		Atividade Propostas												
		Atividade 1	Atividade 2	Atividade 3	Atividade 4	Atividade 5	Atividade 6	Atividade 7	Atividade 8	Atividade 9	Atividade 10	Atividade 11	Atividade 12	Atividade 13
05.06.2018	9:00h – 10:30h													
05.06.2018	11:00h – 13:00h													
06.06.2018	9:00h – 10:30h													
06.06.2018	11:00h – 12:30h													
06.06.2018	14:30h – 16:00h													
07.06.2018	9:00h – 10:30h													
07.06.2018	11:00h – 13:00h													

## 7 - Avaliação

A avaliação dos alunos será feita ao longo de todos os momentos, de todas as atividades que fazem parte do projeto. Neste sentido, o professor utilizará a observação participante com alguns registos e notas de campos como metodologia de avaliação.

Importa ainda referir que, em algumas atividades do projeto serão implementadas fichas (ficha de leitura, por exemplo) o que, por consequência, servirão de instrumento de avaliação formativa dos alunos.

Finalmente, importa destacar os produtos finais do projeto (livro de turma e o cartaz) que possibilitará ao professor fazer uma avaliação da turma, em geral.

## 8 - Referências Bibliográficas

Direção Geral da Educação (2018). *Aprendizagem Baseada em Projectos*. DGE. Lisboa: Portugal.



## **Apêndice D - Primeira Etapa de Investigação**



## 1.º Passo - Trabalho de Investigação

### **“O Potencial Didático dos “heróis” do processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1.º CEB”**

- 1) Lançamento do tema - **1hora** (não deve ser necessário muito mais)

**“Focus Group”** - lançar questões sobre as personagens da História de Portugal que os alunos já conhecem.

Neste momento, o professor (investigador) leva os alunos a pensarem sobre o que se recordam da história de Portugal. Nesta altura do ano letivo, no Estudo do Meio, a partir social (história) já tem sido praticamente toda dada. Assim, o lançamento do tema poderá ser pedir a cada aluno que enumere uma palavra/situação/nome que o assunto *“História de Portugal”* o faça lembrar.

Aqui, pode ser pedido que a cada um escreva em papel para que não haja o “risco” de as crianças começarem a repetir as repostas dos colegas.

- a) Observa as imagens. Consegues identificar de quem se trata?



**1**



2



3



4

b) Que outras personagens conhecem? (cada aluno poderá dizer uma hipótese - mais uma vez, cada um dos alunos poderá escrever num papel a sua resposta para que não haja o risco de copiarem as respostas um dos outros).

c) Consideras que as personagens que observámos nas imagens foram importantes para o nosso País? Sim ou não?

a. Porquê? (seguimento da questão anterior)

d) Quem são os teus heróis? Diz 2 exemplos.

e) As personagens atrás identificadas podem ser consideradas heróis?

a. Por quê? (seguimento da questão anterior)

Pergunta	Objetivo (do trabalho de investigação)
Pergunta a)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Motivar as crianças para a aprendizagem da História de Portugal com recurso à figura histórica.</li> </ul>
Pergunta b)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Descobrir as figuras históricas <i>heroicas</i>.</li> </ul>
Pergunta c)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Desenvolver o conhecimento histórico nacional das crianças;</li> </ul>
Pergunta d)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Motivar as crianças para a aprendizagem da História de Portugal com recurso à figura do <i>herói</i>.</li> </ul>
Pergunta e)	<ul style="list-style-type: none"> <li>Avaliar o contributo e potencial didático do <i>herói</i> no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal.</li> </ul>



## **Apêndice E - Unidade Didática 3**

### **(Etapa 1 de Investigação)**



## **UNIDADE DIDÁTICA Nº3**

24 e 26 de abril de 2018

### **ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

#### **TÍTULO:**

*“FLORESCER AS APRENDIZAGENS”*

#### **AUTOR:**

Ivo Oliveira

**Professor Cooperante:** Mário Vicente

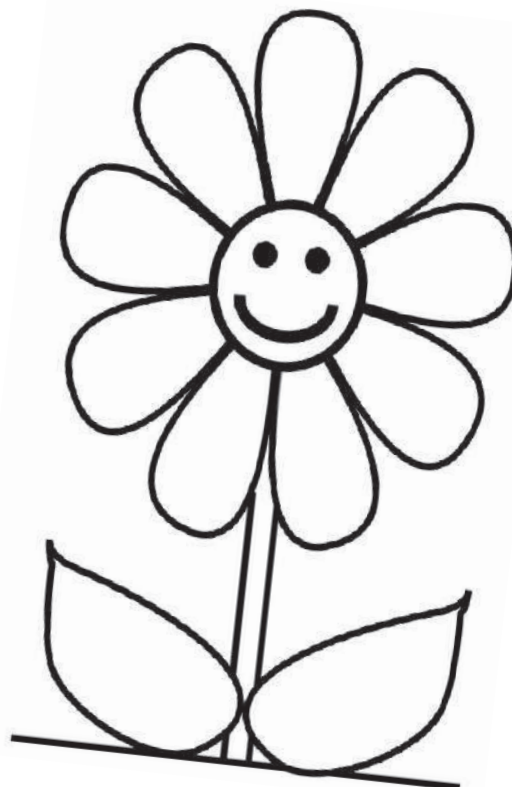
#### **Equipa de Supervisão:**

Professor Doutor António Pais

Professor Doutor Paulo Afonso

Professora Dolores Alveirinho

Professora Doutora Madalena Leitão



## Unidade temática: “Florescer as Aprendizagens”

### INTRODUÇÃO

Esta unidade didática será aplicada ao 4.º B da Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo e é construída com base no tema central *“Florescer as Aprendizagens”*.

Nesta unidade didática o título e o tema central coincidem no sentido em que o elemento integrador será a flor presente no conto *“A maior flor do mundo”*, de José Saramago. Da mesma forma que o menino conseguiu que a flor rejuvenescesse, a flor, entenda-se, este elemento integrador, terá como objetivo principal (re)florescer as aprendizagens dos alunos.

Neste sentido, a unidade didática encontra-se dividida em três partes:

- Parte A – Instrumentos do Professor: todos os recursos didáticos que serão utilizados pelo professor onde se encontra, por isso, a planificação e roteiro de atividades que se encontra, por sua vez, dividido em dois momentos, isto é, em dois dias. Nestes dois momentos serão trabalhadas as áreas de Português, de Matemática e de Estudo do Meio, bem como será implementado o primeiro momento de investigação subordinado ao tema: *«O potencial didático dos “heróis” no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB»*. Importa referir que todas as atividades e percursos de ensino-aprendizagem relacionados com a investigação encontram-se assinalados com “\*\*” durante toda a unidade didática.
- Parte B – Instrumentos do Aluno: todos os instrumentos de aprendizagem que os alunos utilizarão como, por exemplo, fichas de trabalho e guião do aluno.
- Parte C – Reflexão: reflexão do professor em relação à forma como a implementação prática da unidade decorreu, bem como a explicitação dos aspetos positivos e os aspetos negativos, a melhorar nas próximas unidades didáticas.

## FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

Nesta unidade didática serão trabalhados os seguintes conteúdos:

- Português: estudo da história narrativa “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago; funções sintáticas: função de sujeito e função de predicado.
- Matemática: unidades de medida de área.
- Estudo do Meio: os principais rios de Portugal.

Neste sentido, a turma já tem conhecimentos prévios em relação à utilização do metro e dos seus múltiplos e submúltiplos, à identificação e utilização dos verbos e dos seus tempos, modos e conjugações e já deve dominar as partes que constituem o rio (nascente, foz, caudal, leito, margens).

Assim, para além de ser necessário que os conhecimentos acima mencionados estejam presentes nas mentes dos alunos é também crucial que a turma tenha como pré-requisitos: uma boa capacidade leitora, para uma melhor compreensão da história que será abordada, bem como conhecimento das tabuadas para que mais facilmente se muna dos novos conteúdos.

Finalmente, importa mencionar que, enquanto professor, utilizarei a metodologia expositiva de conhecimentos alternadamente com uma metodologia orientadora em momentos que a aprendizagem pela descoberta será a privilegiada.

### **Hora da Leitura (*Corpus textual*):**

Texto literário: “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago



## PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA

### Seleção do conteúdo programático

#### Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares

#### Estudo do Meio

<b>Blocos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos específicos</b>	<b>Descritores desempenho</b>	<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
<p>Bloco 3 – À descoberta do ambiente natural.</p> <p>** Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições.</p>	<p>Aspetos Físicos de Portugal:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Maiores rios de Portugal (internacionais e nacionais).</li> </ul> <p>Passado Nacional:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Personagens e factos da história nacional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar os maiores rios de Portugal (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado, Minho...).</li> <li>- Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Localiza os rios no mapa de Portugal.</li> <li>- Observa direta e indiretamente os rios através de fotografias, ilustrações, ...</li> <li>- Conhece, nomeia e descreve diferentes personagens históricas de um determinado período.</li> <li>- Dialoga sobre as personagens históricas reconhecidas e observadas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Cooperação com os colegas</li> <li>Participação e Empenho</li> <li>Motivação</li> <li>Atenção</li> <li>Criatividade</li> <li>Interesse pelas atividades</li> <li>Respeito</li> </ul>	<p>Legenda do mapa de Portugal hidrográfico.</p> <p>Grelha de registo de observação do <i>Focus Group</i>.</p>

#### Português

<b>Domínios /Subdomínios</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Metas Curriculares</b>		<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
		<b>Objetivos</b>	<b>Descritores de desempenho</b>		
<p>Oralidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Oral</li> <li>• Compreensão Oral</li> </ul> <p>Leitura e Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura</li> </ul> <p>• Escrita</p>	<p>- Informação essencial, acessória.</p> <p>- Ideias-chave de um texto ouvido.</p> <p>- Vocabulário: variedade e precisão.</p> <p>- Fluência de Leitura: velocidade, precisão e prosódia.</p> <p>- Texto narrativo</p> <p>- Vocabulário: alargamento temático.</p> <p>- Tema e assunto de um texto.</p> <p>- Produção escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planificação do texto:</li> </ul>	<p>- Escutar para aprender e construir conhecimentos.</p> <p>- Ler corretamente, em voz alta e em silêncio, o conto “A maior flor do mundo”.</p> <p>- Organizar os conhecimentos do texto.</p> <p>- Planificar a escrita do texto.</p>	<p>O aluno:</p> <p>- Distingue informação essencial de acessória.</p> <p>- Identifica o tema e/ou assunto do conto “A maior flor do mundo”.</p> <p>- Identifica e ordena cronologicamente as ideias-chave do texto “A maior flor do mundo”.</p> <p>- Lê corretamente o conto “A maior flor do mundo”.</p> <p>- Regista ideias relacionadas com o tema de forma organizada e hierarquizada.</p>	<p>Cooperação com os colegas</p> <p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<p>Ficha de Leitura</p> <p>Painel: “A maior flor do mundo”</p> <p>Grelha de avaliação de leitura</p>

<p>Educação Literária</p>	<p>relação, organização e hierarquização de ideias.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Textualização: caligrafia, ortografia e pontuação.</li> <li>• Revisão do texto escrito: verificação do tema, da tipologia, da concordância entre frases, do vocabulário, da ortografia e da pontuação.</li> </ul> <p>- Ortografia e Pontuação (texto).</p> <p>Leitura e audição</p>	<p>- Desenvolver o conhecimento da ortografia.</p> <p>- Ler e ouvir textos literários.</p> <p>- Compreender o essencial do texto escutado e lido.</p> <p>- Reconhecer os sujeitos e os predicados como funções sintáticas.</p>	<p>- Escreve um texto narrativo, obedecendo às regras da estrutura deste tipo de texto.</p> <p>- Ouve ler e lê corretamente o conto “A maior flor do mundo”.</p> <p>- Identifica as personagens da história e o espaço onde decorre a ação.</p> <p>- Reconta a história a partir do ponto de vista de uma das personagens da mesma.</p> <p>- Responde oralmente e por escrito a questões sobre o texto lido, resolvendo a sua ficha de leitura.</p>	<p>Texto narrativo (no laboratório gramatical) individual, colocando-se na personagem principal desse texto.</p> <p>- Grelha de avaliação de leitura.</p>
---------------------------	--	--	---	---

<p>Gramática:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Funções sintáticas</li> </ul>	<p>- Sujeito e Predicado.</p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhece e identifica corretamente os sujeitos e os predicados.</li> <li>- Usa corretamente os sujeitos e os predicados.</li> </ul>		<p>Laboratório Gramatical.</p> <p>Painel: “<i>A maior flor do mundo</i>”.</p>
<b>Matemática</b>					
<b>Domínios / Subdomínios</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Metas Curriculares</b>		<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
		<b>Objetivos</b>	<b>Descritores desempenho</b>		
<p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Medida</li> </ul>	<p>Medição de Áreas</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Medir áreas.</li> <li>- Reconhecer o metro quadrado como a principal unidade de medida de área.</li> <li>- Reconhecer os submúltiplos e os múltiplos do metro quadrado.</li> <li>- Reconhecer as unidades de medida agrárias.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Reconhece que a área de um quadrado com um decímetro de lado (decímetro quadrado) é igual à centésima parte do metro quadrado.</li> <li>- Relaciona as diferentes unidades de área do sistema métrico.</li> <li>- Reconhece as correspondências entre as unidades de medida de área do sistema métrico e as unidades de medida agrária.</li> </ul>	<p>Cooperação com os colegas</p> <p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Determinação da área de diferentes figuras.</li> <li>- Identificação da informação relevante</li> <li>- Implementação de uma estratégia de resolução de problema ajustada.</li> <li>- Explicação dos resultados obtidos ou dos processos seguidos.</li> <li>- Painel: “<i>A maior flor do mundo</i>”.</li> </ul>

- Resolver problemas que envolvam unidades de área.

## Elementos de integração didática

### **Tema integrador:** “Florescer as aprendizagens”

#### **Vocabulário:**

- Português: Sujeito e Predicado
- Matemática: Área, unidades de medida, metro quadrado, decímetro quadrado, múltiplos, submúltiplos.
- Estudo do Meio: Rio (nascente, foz, caudal, leito, margens); rios internacionais e rios nacionais (nomes e suas características).

#### **Elemento integrador:** Imagem de uma flor (em papel de cenário)



O elemento integrador é a imagem de uma flor que representa, simultaneamente, a flor da história “A maior flor do mundo”, de José Saramago. O elemento integrador será afixado no quadro da sala, mas sem pétalas. Estas serão colocadas no final da leitura do conto aquando a construção da fábula do mesmo (cada pétala – cada ação do conto).

#### **Recursos a utilizar:**

- Livro: “A Maior Flor do Mundo”, de José Saramago;
- Guião do Aluno;
- Vídeo: “A Maior Flor do Mundo | José Saramago”;
- PowerPoint com a história (para projeção);
- Vídeo sobre as unidades de medida agrárias;
- Glossário;
- Flor em papel cenário (elemento integrador), com 1 metro de altura:
  - Pétalas da flor (ações da história);
- PowerPoint sobre os principais rios de Portugal;
- Mapas hidrográficos de Portugal;
- Metro quadrado (em papel de cenário), dividido em 100 decímetros quadrados.
- Ficha de Leitura sobre a história “A maior flor do mundo”;
- Ficha de Trabalho sobre as funções sintáticas (laboratório gramatical);

<p>No final dos percursos de aprendizagens a flor, já completa, será colocada dentro do painel do metro quadrado dando, assim, origem ao painel: «<i>A maior flor do mundo</i>».</p> <p>É, por isso, um elemento que, para além de interligar as diferentes áreas, permite ainda o trabalho ativo dos alunos sobre ele o que potencializa uma <b>interdisciplinaridade</b> de todo o trabalho desenvolvido nesta unidade didática.</p> <p>O elemento integrador deu também o nome desta unidade didática no sentido em que sempre que os alunos completarem a flor, colocarem a flor no metro quadrado (...), estão a descobrir e aplicar novas aprendizagens. Por conseguinte, estão a <b>florescer as (suas) aprendizagens</b>.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ficha de Trabalho sobre as unidades de medida de área;</li> <li>• Painel: “<i>A Maior Flor do Mundo</i>”.</li> <li>• Materiais relacionados com o primeiro passo da investigação para a tese.</li> </ul>
<p><b>Princípios de avaliação</b></p> <p>A avaliação será feita através da observação direta e participante da parte do professor. A avaliação deve ser um todo, isto é, o conjunto das atitudes, dos valores e das aprendizagens adquiridas.</p> <p>O tipo de avaliação a usar é a avaliação contínua durante os dois dias para os quais esta planificação está elaborada. Durante o realizar das atividades, o professor observa como os alunos estão a interagir com os outros e também as aprendizagens que eles estão a adquirir ou não.</p> <p>Haverá ainda uma ficha leitura para ajudar na análise, compreensão e interpretação do conto. Ainda a referir que haverá ainda um laboratório gramatical que possibilitará a avaliação formativa dos alunos em relação à identificação e utilização das funções sintáticas de sujeito e de predicado nas frases.</p> <p>Importa ainda referir que, no final destes dias de implementação, o professor realizará uma avaliação formativa, classificando qualitativamente cada aluno – em relação às aprendizagens desta unidade didática – no seu guião do aluno.</p>	

## Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guiões de aula

Aula 1 – terça-feira, 24/04/2018

**SUMÁRIO I:**

Leitura, Análise e Interpretação do conto: “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago. (Atividade 2).

Os principais rios de Portugal: rios internacionais e rios nacionais – identificação e características. (Atividades 3, 4 e 5).

\*\* Investigação para a tese: “O potencial didático dos *heróis* no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB”.

**Ação didática 1 - Motivação**

Momento inicial da aula que servirá de motivação para que os alunos estejam atentos, curiosos e empenhados ao longo da implementação.

Terá a duração de 5 minutos.

**Atividades e Procedimentos de execução**

**Atividade 1 – Descoberta e Apresentação do elemento integrador (uma flor, em papel de cenário).**

- 1.1. Distribuição dos guiões do aluno.
- 1.2. Realização do desafio nº. 1 por parte dos alunos.
- 1.3. Correção do desafio para se descobrir qual o elemento integrador da semana.
- 1.4. Explicação aos alunos de que a nossa flor – afixada neste momento pelo professor no quadro – (em papel de cenário) está sem pétalas, porque a seguir será completada por todos.

**10 minutos**

**\*\*Ação didática 2 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)**

Nesta ação didática estão presentes as áreas de Português e de Estudo do Meio, e ainda a primeira etapa relacionada com o projeto de investigação.

É esperado que os alunos aprendam:

- Português: Conto – “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago: identificação dos elementos da capa do livro

**Atividades e Procedimentos de execução**

Manhã:

**Atividade 2 – Leitura, Análise e Interpretação do conto: “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago.**

• **Antes de ler:**

- 2.1. Apresentação capa do livro.
  - 2.1.1. Recolha dos elementos informativos da capa do livro (título, autor, editora, ilustrador).
  - 2.1.2. Distribuição das fichas de leitura.
  - 2.1.3. Preenchimento desses elementos na ficha de leitura.

<p>(título, autor, editora...), desenrolar da ação, personagens principais, tema, ...</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudo do Meio: Principais Rios de Portugal.</li> </ul> <p>Nesta ação didática haverá momentos em que a metodologia base de trabalho será a individual e orientada e outros momentos em que a metodologia utilizada será a de grande grupo.</p> <p>A duração prevista para esta ação didática é de cerca de 3 horas e 25 minutos.</p>	<p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <p>2.2. <u>Visualização do vídeo: “A Maior Flor do Mundo / José Saramago”:</u> <a href="https://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U">https://www.youtube.com/watch?v=YUJ7cDSuS1U</a></p> <p>2.2.1. Depois da visualização do vídeo, os alunos tentam antecipar o conteúdo/o desenrolar da ação da história.</p> <p>2.2.2. Os alunos registam as suas ideias.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>25 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Durante a leitura:</b></li> </ul> <p>2.3. <u>Leitura da história por parte do professor</u> (com o auxílio do livro).</p> <p>2.3.1. Projecção da história a fim de os alunos poderem acompanhar a leitura da mesma.</p> <p>2.3.2.1. Os alunos registam, nos seus cadernos, as palavras que surgirem que porventura não conheçam os seus significados.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Depois de ler:</b></li> </ul> <p>2.4. <u>Trabalho do vocabulário:</u></p> <p>2.4.1. Registo no quadro das palavras desconhecidas que os alunos dirão.</p> <p>2.4.2.1. O professor, à frente de cada palavra, regista o seu significado/definição.</p> <p>2.4.2.2. Cópia para os glossários das palavras e suas definições.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p> <p>2.5. <u>Construção da Fábula do Conto:</u></p> <p>2.5.1. O professor afixa no quadro as pétalas da flor, isto é, das ações da história, de forma desordenada.</p> <p>2.5.2. Ordenação das ações da história até que a fábula esteja construída.</p> <p>2.5.2.1. Um aluno, consoante indicação do professor, vem ao quadro e coloca a primeira pétala, entenda-se, primeira ação; outro aluno dirige-se ao quadro e coloca a segunda, e assim sucessivamente até que a flor esteja com todas as pétalas, ou seja, até que a fábula da história esteja completa.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>25 minutos</u></b></p> <p>2.5.3. Cópia da fábula que se encontra no quadro para a ficha de leitura.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p>
--	--

<p><b>Atividade 3 – Revisão dos conteúdos relacionados com os rios.</b></p> <p>3.1. Resolução do desafio nº. 2 do guião do aluno.</p> <p>3.2. Correção do desafio.</p> <p>3.2.1. Ao realizar a correção do desafio, o professor revê as partes constituintes de um rio (caudal, nascente, foz, leito, margens, ...).</p> <p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <p><b>Atividade 4 – “Os principais rios de Portugal”</b></p> <p>4.1. Visualização de um PowerPoint relacionado com os principais rios de Portugal.</p> <p>4.2. No quadro, o professor elabora uma tabela onde define os rios internacionais e os rios nacionais, mencionando qual o maior de ambas as classificações.</p> <p>4.2.1. Os alunos copiam para os seus cadernos.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>25 minutos</u></b></p> <p><b>Atividade 5 – Legendagem de um Mapa Hidrográfico de Portugal</b></p> <p>5.1. Distribuição de um mapa hidrográfico de Portugal pelos alunos.</p> <p>5.2. Colagem dos mapas nos cadernos de Estudo do Meio.</p> <p>5.3. Legendagem dos mapas.</p> <p>5.3.1. Enquanto os alunos fazem a legendagem dos seus mapas, o professor regista no quadro as seguintes questões:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>“Em que zona do país há mais rios?”</b></li><li>• <b>“Porque será que é nessa zona que há mais rios?”</b></li></ul> <p>5.4. Os alunos respondem às questões nos seus cadernos (a seguir ao mapa colado e à legenda feita).</p> <p>5.5. Correção de todo o trabalho (legenda e respostas às questões) no quadro.</p> <p>5.5.1. O professor vai chamando um aluno para vir registar a correção no quadro e os restantes acompanham e corrigem os seus trabalhos.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <p><b>** Atividade 6 – Investigação para a tese (primeiro passo) – Focus Group</b></p> <p>6.1. Realização desta atividade consoante os procedimentos e estratégias pré-definidos na investigação.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>50 minutos</u></b></p>
---

## Aula 2 – quinta-feira, 26/04/2018

### SUMÁRIO III:

Unidades de medida de área do sistema métrico: metro quadrado e seus múltiplos e submúltiplos. (Atividades 1 e 2).

Unidades de medida agrárias: are, centiare e hectare. (Atividades 3 e 4).

Leitura, Análise e Interpretação do excerto do conto “*A maior flor do mundo*”, de José Saramago, presente nas páginas 130 e 131 do manual de Português. (Atividades 5 e 6).

Funções sintáticas das frases: A função de sujeito e a função de predicado. (Atividades 7 e 8)

Construção do painel (interdisciplinar): “*A maior flor do mundo*”. (Atividade 9).

### Atividades e procedimentos de execução

#### **Ação didática 1 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)**

Nesta ação didática estão presentes as áreas de Matemática e de Português.

Em Matemática serão abordados os conteúdos relacionados com as unidades de medida de área; apresentação de um metro quadrado, de forma a serem compreendidas as relações que o metro quadrado tem com o decímetro quadrado e com o centímetro quadrado. Será ainda realizada uma pequena ficha de trabalho de sistematização de conhecimentos.

Em Português será concluída a análise e interpretação do conto “A maior flor do mundo” bem como a abordagem didática às funções sintáticas de sujeito e de predicado (laboratório gramatical).

#### Manhã:

#### **Atividade 1 – Unidades de Medida de Área**

1.1. O professor começa por definir o conceito de área de um determinado objeto, como o “*espaço que esse determinado objeto ocupa num determinado lugar*”.

1.2. Resolução do desafio n.º 3 do guião do aluno: *desenho de um centímetro quadrado*.

1.2.1. O professor define que centímetro quadrado como *um quadrado com 1 centímetro de lado*. Os alunos registam nos seus guiões.

5 minutos

1.3. Resolução do desafio n.º 4 do guião do aluno:

1.3.1. A primeira parte do desafio consiste em desenhar um decímetro quadrado no guião.

1.3.2. Em seguida, o professor define decímetro quadrado como um *quadrado com 1 decímetro de lado, ou, um quadrado com 10 centímetros de lado*. Os alunos registam nos seus guiões.

5 minutos

1.3.3. A segunda parte do desafio assenta na *construção de um decímetro quadrado* em papel quadriculado.

5 minutos

<p>No final, através do painel do metro quadrado e com a flor (elemento integrador), criar-se-á um painel: “<i>A maior flor do mundo</i>”, com trabalho interdisciplinar de Português e Matemática (com auxílio à Expressão Plástica).</p> <p>Nesta ação didática haverão momentos em que a metodologia base de trabalho será individual e orientada e em outros momentos será trabalho em grande grupo.</p> <p>A duração prevista para esta ação didática será de 3 horas e 10 minutos.</p>	<p><b>Atividade 2 – O metro quadrado</b></p> <p>2.1. O professor afixa no quadro da sala um metro quadrado, dividido em 100 decímetros quadrados coloridos com diferentes cores, faltando colocar 28 decímetros quadrados.</p> <p>2.2. Em seguida, o professor questiona um aluno se o seu decímetro quadrado e o dos colegas não caberão nos espaços que faltam preencher do metro quadrado. (É esperado que esse aluno diga que sim).</p> <p>2.2.1. Posto isto, cada aluno vem colar (com a ajuda do professor) o seu decímetro quadrado no metro quadrado afixado.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p> <p>2.3. Em seguida, a turma é questionada de quantos decímetros quadrados encontram-se “dentro” do metro quadrado. (Depois de alguns segundos, é esperado que respondam 100).</p> <p>2.3.1. O professor explica que, como observaram, no metro quadrado cabem 100 decímetros quadrados e, por isso, dizemos que o decímetro quadrado é a centésima parte do metro quadrado.</p> <p>2.3.2. Em seguida, explicita-se aos alunos que, da mesma forma que o decímetro quadrado é a centésima parte do metro quadrado, o centímetro quadrado é a centésima parte do decímetro quadrado e, por isso, é 10 000 (100x100) mais pequeno que o metro.</p> <p>2.4. Distribuição das regras e definições pelos alunos para que sejam coladas nos cadernos de matemática.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p> <p><b>Atividade 3 – Unidades de Medida Agrárias</b></p> <p>3.1. Resolução do desafio n.º 5 do guião do aluno.</p> <p>3.1.1. É esperado que os alunos não sejam capazes de resolver, visto que introduz conteúdos novos.</p> <p>3.1.2. O professor resolve o desafio em grande grupo, lecionando os novos conteúdos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>No fundo, ao introduzir os novos conteúdos (medidas agrárias), o professor faz entender os alunos que existem certas coisas que as medidas que falámos anteriormente são demasiado pequenas, por exemplo para medirmos as áreas de um campo de futebol, de um pinhal, o metro quadrado torna-se demasiado pequeno.</i></li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p> <p>3.2. Explicitação das relações entre as unidades agrárias (hectare, are, centiare) e destas com as unidades do sistema métrico através da visualização de um vídeo do Portal da Porto Editora.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p> <p>3.2.1. Distribuição de tiras de papel com a sistematização dos conteúdos para que os alunos colemb nos seus cadernos.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>5 minutos</u></b></p>
--	---

**Atividade 4 – Resolução de uma ficha de trabalho.**

4.1. Distribuição das fichas de trabalho.

4.2. Resolução da ficha de trabalho. No final dos 30 minutos, o professor recolhe as fichas de trabalho para posterior correção.

**30 minutos**

**Atividade 5 – Leitura, Análise e Interpretação do excerto do conto “A maior flor do mundo”, presente nas páginas 130 e 131 do manual de Português.**

• **Antes de ler:**

5.1. Recordação do referido conto:

5.1.1. Visualização do mesmo vídeo do dia anterior.

5.1.2. Os alunos devem recordar a história, em grande grupo, narrando o vídeo à medida que o vão visualizando.

**15 minutos**

• **Durante a leitura:**

5.2. Leitura individual e silenciosa.

**5 minutos**

5.3. Leitura da história:

5.3.1. Um aluno começa a ler e, consoante as indicações do professor, outros alunos continuam a leitura.

Nota: Será feita avaliação da leitura dos alunos.

**15 minutos**

• **Depois de ler:**

**Atividade 6 – Resolução da parte II e III da ficha de leitura**

*Nota: Embora seja atividade “singular”, está presente na sequência do “depois de ler”.*

6.1. Resolução da parte II e III da ficha de leitura (perguntas de interpretação do conto).

6.1.1. No final dos 25 minutos o professor recolhe as fichas de leitura para posterior correção.

**25 minutos**

	<p><b>Atividade 7 – “O sujeito e o predicado” (Laboratório Gramatical)</b>            7.1. O professor regista no quadro uma frase retirada da história e as questões:  <b>“O menino cortou a direito pelos campos”.</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <i>QUEM</i> cortou a direito pelos campos?</li> <li>• <i>O QUE FEZ</i> o menino?</li> </ul> <p>7.1.1. Explicitação aos alunos de quem pratica a ação tem a função de <b>sujeito</b> e que a ação praticada pelo sujeito tem a função de <b>predicado</b>.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p> <p><b>Atividade 8 – Realização de uma ficha de trabalho</b>            8.1. Distribuição pelos alunos da ficha de trabalho (laboratório gramatical).            8.2. No final dos <u>20 minutos</u>, o professor recolhe as fichas para posterior correção.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p>
<p><b>Ação Didática 2 - Momento de Construção</b>            (Encerramento de aula)</p> <p>Nesta ação didática, através do painel do metro quadrado e com a flor (elemento integrador), criar-se-á um painel: <b>“A maior flor do mundo”</b>, com trabalho interdisciplinar de Português e Matemática (com auxílio à Expressão Plástica).</p> <p>Esta ação didática tem a duração de 20 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Atividades e Procedimentos de execução</u></b></p> <p><b>Atividade 9 – Construção do painel: “A maior flor do mundo”</b>            9.1. O professor escolhe dois alunos que o ajudem a colar a flor e as suas pétalas no painel do metro do quadrado.            9.1.1. Entretanto, depois da flor estar colada no metro quadrado, o professor questiona a turma: <b>“Visto que a flor coube no nosso metro quadrado, quanto é que ela terá de altura?”</b> (É esperado que a turma responda que tem 1 metro de altura).            9.2. Em seguida, são escolhidos mais dois alunos para ajudarem o professor a colocar o título do painel: <b>«A maior flor do mundo»</b>            9.3. Posto isto, o professor escolhe mais três alunos que o ajudem a colocar a frase <b>«A flor assentou no metro quadrado”</b>.            9.3.1. Em seguida, o professor chama dois alunos para virem assinalar o sujeito e o predicado da frase anterior.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p>



## **Apêndice F - Unidade Didática 4** **(Etapa 2 de Investigação)**



## **UNIDADE DIDÁTICA Nº4**

*8 a 10 de maio de 2018*

### **ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

#### **TÍTULO:**

*“OS RECADOS DA APRENDIZAGEM”*

#### **AUTOR:**

Ivo Oliveira

**Professor Cooperante:** Mário Vicente

#### **Equipa de Supervisão:**

Professor Doutor António Pais

Professor Doutor Paulo Afonso

Professora Dolores Alveirinho

Professora Doutora Madalena Leitão



Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Escola Superior de Educação



## Unidade temática: “Os Recados da Aprendizagem”

### INTRODUÇÃO

Esta unidade didática será aplicada ao 4.º B da Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo e é construída com base no tema central *“Os Recados da Aprendizagem”*.

A presente unidade didática é subordinada ao tema central – e valor a trabalhar: **a solidariedade**. O título e tema integrador é *“Os Recados da Aprendizagem”*, no sentido em que a história a lecionar fala exatamente da função de um recado e também a importância da solidariedade, pois a bruxa passara a ajudar as pessoas com dificuldades.

Neste sentido, nesta unidade didática, o professor leciona como se estivesse a dar/pedir recados aos alunos, daí o nome *“Os Recados da Aprendizagem”*.

Importa ainda referir que nesta unidade didática dar-se-á início ao projeto: *“Jogar para aprender”* que, para melhor organização da unidade e para melhor compreensão do projeto em si, o mesmo segue explicado e fundamentado nas páginas seguintes.

Neste sentido, a unidade didática encontra-se dividida em três partes:

- Parte A – Instrumentos do Professor: todos os recursos didáticos que serão utilizados pelo professor onde se encontra, por isso, a planificação e roteiro de atividades que se encontra, por sua vez, dividido em dois momentos, isto é, em dois dias. Nestes dois momentos serão trabalhadas as áreas de Português, de Matemática e de Estudo do Meio, bem como será implementada uma questão relacionada com a investigação subordinado ao tema: *«O potencial didático dos “heróis” no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB»*. Importa referir que todas as atividades e percursos de ensino-aprendizagem relacionados com a investigação encontram-se assinalados com “\*\*” durante toda a unidade didática.
- Parte B – Instrumentos do Aluno: todos os instrumentos de aprendizagem que os alunos utilizarão como, por exemplo, fichas de trabalho e guião do aluno.
- Parte C – Reflexão: reflexão do professor em relação à forma como a implementação prática da unidade decorreu, bem como a explicitação dos aspetos positivos e os aspetos negativos, a melhorar nas próximas unidades didáticas.

## FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

Nesta unidade didática serão trabalhados os seguintes conteúdos:

- Português: estudo da história narrativa “*História com recadinho*”, de Luísa Dacosta e revisões dos conteúdos relacionados com os verbos (regulares e irregulares);
- Matemática: volume: decímetro e metro cúbicos.
- Estudo do Meio: a costa portuguesa e os seus principais aspetos.

Neste sentido, a turma deve ter, em primeiro lugar, conhecimentos prévios em relação à utilização do metro quadrado e dos seus múltiplos e submúltiplos, a fim de ser possível a compreensão da possível relação que se pode estabelecer entre o metro quadrado e a face de um cubo com um metro de aresta. Em segundo, visto que serão feitos jogos didáticos para rever os conteúdos, é esperado que toda a turma já seja capaz de conjugar os verbos regulares e irregulares nos diferentes tempos. Finalmente, para uma melhor compreensão dos aspetos da costa, é esperado que os alunos tenham a consciência de que a costa portuguesa é “*o mesmo*” que a fronteira marítima do nosso país.

Assim, para além de ser necessário que os conhecimentos acima mencionados estejam presentes nas mentes dos alunos é também crucial que a turma tenha como pré-requisitos: uma boa capacidade leitora, para uma melhor compreensão da história que será abordada, bem como conhecimento das tabuadas para que mais facilmente se muna dos novos conteúdos.

Finalmente, importa mencionar que, enquanto professor, utilizarei a metodologia expositiva de conhecimentos alternadamente com uma metodologia orientadora em momentos que a aprendizagem pela descoberta será a privilegiada.

### **Hora da Leitura (*Corpus textual*):**

Texto literário: “*História com recadinho*”, de Luísa Dacosta

## **PROJETO: «JOGAR PARA APRENDER»**

### **1) Introdução / Fundamentação Teórica**

#### **1.1. *Brinquedo e Educação: na escola e no lar***

Várias pesquisas enfatizam que o brincar como instrumento motivador é fundamental para o treino das habilidades cognitivas, verbais e sociais da criança. Este será o ponto crucial que vários teóricos concluem.

Para Piaget (1951), o brincar tem extremo destaque, pois este considera que o conhecimento não deriva do desempenho da criança com fenômenos externos, mas sim com a interação através do meio ambiente. Evidencia também que, neste sentido, o brincar é parte ativa e interativa do desenvolvimento intelectual da criança podendo esta assimilar a informação predominante, porém, compreendendo-a à sua maneira.

Assim sendo, este julga que o jogo socio-dramático ou de representação de papéis é a mais alta manifestação do jogo simbólico, pois possibilita fortalecer habilidades como a audição, classificação de sons, identificação e verbalização, dando base para interpretação de várias experiências.

No ponto de vista de Vygostsky (1967), o brincar ganha uma nova dimensão visto que este considera-o importante na situação imaginária da criança, sendo que esta é criada pela criança e preenche necessidades que mudam de acordo com a idade (tipos de brinquedos e brincadeiras), e no estabelecimento de regras, pois mesmo não estando explicitamente presentes no brincar, a própria criança desenvolve mecanismos e diretrizes que ajudam a delinear o tipo de brincadeira/jogo.

Para Denzin (1975), a atividade lúdica é um meio de ensinar a criança a colocar-se na perspectiva do outro, no sentido em que esta se inicia na representação de papéis do mundo adulto que irá desempenhar mais tarde, tornando-a capaz de ter empatia.

Freud (1922) e alguns dos seus seguidos, como Klein (1982) e Aberastury (1972), denotam que o brincar é um meio de aliviar a criança de experiências dolorosas e criar fantasias para atender às necessidades não satisfeitas.

Existem outros teóricos, como Kamii e Devries (1991), que chamam a atenção para o brincar em grupo. Este tem valor acrescido para crianças pequenas, mais novas, que aprendem mais através de jogos e brincadeiras do que com exercícios. Para que o jogo/brincadeira se revele útil existem critérios que se devem ter em consideração como o nível de interesse correlacionado com o tipo de idade, a participação de todos os jogadores do princípio ao fim e que possa permitir uma autoavaliação.

Como se veio a perceber com estas pesquisas, o brincar é um fator importante para o desenvolvimento da criança e, sendo a escola um dos meios desse desenvolvimento, é também um fator importante na educação atual.

Existem professores que têm ainda restrições à utilização de jogos e brinquedos na sala de aula, sendo as crianças, por conseguinte, desencorajadas à interação social com amigos, pois esta é considerada perturbadora na aula.

Salomão, Martini, & Jordão (2007), afirmam que os professores devem começar a ver a criança/o aluno como um ser que absorve novas informações através de experiências concretas como o brincar/jogar.

Para pedagogos, de Platão a Schiller e de Comenius a Rousseau, o jogo ou brinquedo é o método mais eficiente de aprendizagem para a criança/o aluno. Porém, existe diferenças entre *aprender a brincar* e *brincar para aprender*.

Contudo, o brincar e a escola nunca estiveram em plena concordância. Para muito professores, o brincar é um passatempo, um momento de descontração e, por isso, não encorajam as crianças a terem brincadeiras espontâneas o que, às vezes, bloqueia a sua imaginação e habilidades para solucionar problemas (Saracho, 1991).

Os professores têm dificuldade em justificar as atividades lúdicas no ensino. Neste sentido, é de extrema relevância que os professores entendam que podem organizar e apresentar materiais e experiências para desenvolver conceitos ou temas que queiram abordar, pois possibilita conhecer a representação de papéis, a manipulação de materiais e a linguagem. A intervenção deve revitalizar, clarificar e explicar o brincar, mas não dirigir as atividades (Christie, 1982).

Para Rothlein e Brett (1987), os professores acreditam que o brincar possibilita o desenvolvimento cognitivo e social. Já para Sylvia, Roy e Palmer (1980), os professores não utilizam o brincar por considerar que afetaria a oportunidade de compreensão, impedindo a criança de distinguir realidade da fantasia.

Para Saracho (1991), existem dois tipos de intervenção no brincar das crianças para que se torne produtivo: o tipo participativo que visa que as crianças encontrem um problema e o professor ajuda-as na solução, estimulando-as a usar a imaginação durante o jogo; e o tipo dirigido, onde o professor aproveita o jogo para a aprendizagem de conteúdos.

Mas, para que exista esta mudança de perspectiva do brincar no ensino, é preciso que o docente saiba brincar. Professores que saibam brincar são um avanço para o êxito dos mesmos, contribuindo para o estabelecimento da comunicação dos alunos entre si e com os professores. (Jacquim, apud Marcelino, 1990).

Para que o brincar tenha esta vertente proveitosa para a educação, deve-se ter em conta também as palavras de Leif e Brunelle (1976), que referem que é importante que nada seja feito a favor do brincar se os professores não se interessarem por ele; que o observar as crianças no decorrer de seus brinquedos e jogos é um dos melhores meios de conhecê-las.

Em suma, o brincar e o jogar nas crianças dá significado às suas vidas, mas é preciso definir os objetivos, os processos de desenvolvimento e ou aprendizagem que desejam influenciar, o que exige constante observação dos resultados educativos da brincadeira. O

que varia é a intervenção do adulto que, dependendo da atividade, pode ser mínima ou altamente estruturada.

É por todas estas fundamentações e preocupações que nasce o projeto “*Jogar para aprender*”, com o principal objetivo de potencializar a maior eficácia possível nas aprendizagens dos alunos.

#### Referências bibliográficas:

Bomtempo, E. (1999). *Brinquedo e educação: na escola e no lar*. Psicologia Escolar e Educacional, 3 (1), 61-69.

Salomão, H. A. S., Martini, M., & Jordão, A. P. M. (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*. Portal dos Psicólogos.

## **2) Objetivos gerais do projeto**

- Potencializar e desenvolver a parceria entre as turmas 4.º A e 4.º B, de forma a que os ritmos das aprendizagens sejam “*semelhantes*”;
- Motivar as aprendizagens dos alunos ao longo do 3.º período;
- Fomentar e potencializar as aprendizagens pela descoberta;
- Desenvolver o espírito de cooperação e apoio entre todos os alunos da turma.

## **3) Princípios fundamentais do projeto**

- a) Em todos os jogos, cada resposta (totalmente) certa, de cada aluno, corresponde a **1 ponto**.
- b) No final de cada jogo é preenchida a grelha de pontuação correspondente, pelos dois professores em conjunto.
- c) Depois de obtidas as classificações finais de cada jogo, verifica-se que turma obteve maior número de pontos.
- d) Em cada jogo, a turma vencedora vê a sua pontuação convertida em **3 pontos** e a turma com menor pontuação vê-lhe atribuído **1 ponto**. Em caso de empate, recebem ambas **2 pontos**.
- e) Em todos os jogos que houver delimitação de tempo de resposta, o cronómetro deve estar em local visível de todos os alunos (ex.: projetado).

### **JOGO 1 - «QUEM QUER SER PORTUGUÊS?»**

Aplicação: 10 de maio de 2018

**Objetivo:** rever e aplicar os conteúdos relacionados com as conjugações dos verbos regulares e irregulares nos diferentes tempos.

#### **Princípios do jogo:**

- O jogo é constituído por um total de 10 perguntas que se dividem em:
  - 5 perguntas de resposta direta.
    - Para cada uma destas perguntas é dado **1 minuto** para elaborar a resposta.
  - 5 perguntas de repostas conjugativas.
    - Para cada resposta, entenda-se, para cada conjugação, são dados **2 minutos e meio** para responder.
- As respostas corretas valem **1 ponto**.
  - No caso de uma pergunta ter duas ou mais respostas (ex.: conjugar um verbo em dois tempos) cada resposta correta vale **1 ponto**.
- As respostas parcialmente certas ou erradas valem **0 pontos**.
- Todas as perguntas são feitas oralmente pelo professor.
- Todas as respostas devem ser registadas só e apenas na “folha de jogo” e no local correto.

#### **Regras específicas do jogo:**

- a) Cada aluno recebe uma “folha de jogo” onde deve registar as respostas.
- b) As “folhas de jogo” devem ser devidamente identificadas.
  - a. Em caso de não ser possível identificar a posse da “folha de jogo”, a mesma é considerada desqualificada.
- c) As respostas devem ser registadas no devido local.
- d) Só é permitido usar esferográfica de tinta azul ou preta.
- e) Não é permitido falar ou fazer perguntas.
- f) O professor profere **duas** vezes cada questão. Em seguida, inicia-se a contagem no cronómetro.
- g) Assim que responderem, os alunos devem circular a resposta.
  - a. Assim que circularem a resposta, devem pousar a esferográfica em cima da mesa.
- h) Em caso de conversa com algum colega, são ambos desqualificados do jogo.

### **JOGO 2 - «A INTELIGÊNCIA CÚBICA»**

Aplicação: 10 de maio de 2018

**Objetivo:** sistematizar e consolidar os conhecimentos relacionados com o volume (decímetro e metro cúbicos).

**Princípios do jogo:**

- O jogo é constituído por três partes:
  - Parte A: 5 perguntas de verdadeiro/falso.
    - Para cada uma destas perguntas é dado **1 minuto** para elaborar a resposta.
  - Parte B: 4 perguntas de repostas de comentário de imagens.
    - Para cada comentário/resposta são dados **5 minutos**.
  - Parte C: 10 perguntas (8 conversões e 2 problemas).
    - Para cada conversão são dados **2 minutos**, ou seja, um total de **16 minutos** para todas as conversões.
    - Para cada problema são dados **10 minutos**, ou seja, um total de **20 minutos** para ambos os problemas. **(20)**
- As respostas corretas valem **1 ponto**.
  - No caso dos problemas considera-se metade da pontuação (**0,5 pontos**) se:
    - O aluno usa o processo correto mas com valores errados (ex.: um algarismo trocado; uma vírgula mal colocada...).
- As respostas erradas valem **0 pontos**.
- As perguntas de verdadeiro/falso são feitas oralmente pelo professor.
  - O aluno responde **V** se for verdadeira; **F** se for falsa.
- Nas perguntas de comentário, antes da primeira imagem, o professor explica que vão surgir 4 imagens e que, para cada uma, têm 5 minutos para as comentar.
  - As imagens são projetadas.
- Toda a parte C (perguntas de conversões e os problemas) já se encontra na “folha de jogo”, sendo realizados apenas e só quando o professor – moderador do jogo – der autorização.
  - Se algum aluno resolver algum destes exercícios antecipadamente, é automaticamente desqualificado.

**Regras específicas do jogo:**

- i) Cada aluno recebe uma “folha de jogo” onde deve registar as respostas.
- j) As “folhas de jogo” devem ser devidamente identificadas.
  - a. Em caso de não ser possível identificar a posse da “folha de jogo”, a mesma é considerada desqualificada.
- k) As respostas devem ser registadas no devido local.
- l) Só é permitido usar esferográfica de tinta azul ou preta.
- m) Não é permitido falar ou fazer perguntas.
- n) O professor profere **duas** vezes cada questão. Em seguida, inicia-se a contagem no cronómetro.
- o) Assim que responderem, os alunos devem circular a resposta.
  - a. Assim que circularem a resposta, devem pousar a esferográfica em cima da mesa.
- p) Em caso de conversa com algum colega, são ambos desqualificados do jogo.

## PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA

### Seleção do conteúdo programático

#### Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares

#### Estudo do Meio

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Descritores desempenho</i>	<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
Bloco 4 – À descoberta das inter-relações entre espaços.	O contacto entre a terra e o mar: - Aspetos das costas; - Aspetos da costa portuguesa.	- Identificar os principais aspetos da costa. - Nomear os principais aspetos da costa.	O aluno:  - Localiza os aspetos da costa no mapa de Portugal.  - Observa direta e indiretamente alguns aspetos da costa portuguesa (ria de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Estuário do Sado, ...).  - Nomeia corretamente os aspetos da costa portuguesa.	Cooperação com os colegas Participação e Empenho Motivação Atenção Criatividade Interesse pelas atividades Respeito	Ficha de Trabalho.

#### Português

<b>Domínios /Subdomínios</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Metas Curriculares</b>		<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
		<b>Objetivos</b>	<b>Descritores de desempenho</b>		
<p>Oralidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Oral</li> <li>• Compreensão Oral</li> </ul> <p>Leitura e Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura</li> </ul> <p>Escrita</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação essencial, acessória.</li> <li>- Ideias-chave de um texto ouvido.</li> <li>- Vocabulário: variedade e precisão.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fluência de Leitura: velocidade, precisão e prosódia.</li> <li>- Texto narrativo</li> <li>- Vocabulário: alargamento temático.</li> <li>- Tema e assunto de um texto.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Produção escrita: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planificação do texto:</li> </ul> </li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar para aprender e construir conhecimentos.</li> </ul> <p>Ler corretamente, em voz alta e em silêncio, a história “História com recadinho”.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Organizar os conhecimentos do texto.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Planificar a escrita do texto.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Distingue informação essencial de acessória.</li> <li>- Identifica o tema e/ou assunto da história “História com recadinho”.</li> <li>- Identifica e ordena cronologicamente as ideias-chave do texto “História com recadinho”.</li> <li>- Lê corretamente excertos da história “História com recadinho”.</li> <li>- Regista ideias relacionadas com o tema de forma organizada e hierarquizada.</li> <li>- Escreve um texto narrativo, obedecendo às regras da estrutura deste tipo de texto.</li> </ul>	<p>Cooperação com os colegas</p> <p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<p>Ficha de Leitura</p> <p>Resumo da história (individual)</p> <p>Resumo da história (coletivo)</p> <p>Grelha de avaliação de leitura</p>

<p>Educação Literária</p>	<p>relação, organização e hierarquização de ideias.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Textualização: caligrafia, ortografia e pontuação.</li> <li>• Revisão do texto escrito: verificação do tema, da tipologia, da concordância entre frases, do vocabulário, da ortografia e da pontuação.</li> </ul> <p>- Ortografia e Pontuação (texto).</p> <p>Leitura e audição</p>	<p>- Desenvolver o conhecimento da ortografia.</p> <p>- Ler e ouvir textos literários.</p> <p>- Compreender o essencial do texto escutado e lido.</p> <p>- Reconhecer os verbos como uma classe de palavras.</p>	<p>- Ouve ler e lê corretamente a história “História com recadinho”.</p> <p>- Identifica as personagens da história e o espaço onde decorre a ação.</p> <p>- Identifica o desenrolar da ação da história “História com recadinho”.</p> <p>- Reconta a história a partir do ponto de vista de uma das personagens da mesma.</p> <p>- Responde oralmente e por escrito a questões sobre o texto lido, resolvendo a sua ficha de leitura.</p>	<p>Texto narrativo (na ficha de leitura) individual, imaginando a sequência da narrativa.</p> <p>- Grelha de avaliação de leitura.</p>
---------------------------	--	--	--	--

<p>Gramática:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Classe de Palavras</li> </ul>	<p>- Verbos</p>	<p>- Integrar palavras que pertencem à classe dos verbos.</p>	<p>- Identifica os verbos das diferentes conjugações.</p> <p>- Conjuga corretamente os verbos das diferentes conjugações:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>oralmente e por escrito.</li> </ul> <p>- Conhece os verbos irregulares.</p> <p>- Conjugam verbos regulares e verbos irregulares muito frequentes no indicativo (pretérito perfeito, pretérito imperfeito e futuro).</p>		<p>Jogo Linguístico</p>
<b>Matemática</b>					
<i>Domínios / Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>		
<p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Medida</li> </ul>	<p>Medição de volumes e capacidades</p>	<p>- Medir volumes e capacidades.</p> <p>- Conhecer o conceito de <b>volume</b></p>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>Reconhece o metro cúbico como o volume de um cubo com um metro de aresta.</li> <li>Reconhece que o volume de um cubo com um decímetro de</li> </ul>	<p>Cooperação com os colegas</p> <p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p>	<p>- Decímetro cúbico (construção da planificação de um cubo com um decímetro de aresta).</p>

		de um determinado objeto.  - Fixar uma unidade de comprimento e identificar o volume de um cubo de aresta um como «uma unidade cúbica».	aresta (decímetro cúbico) é igual à milésima parte do metro cúbico.  - Relaciona as diferentes unidades de medida de volume do sistema métrico.  - Reconhece a correspondência entre o decímetro cúbico e o litro.	Atenção  Criatividade  Interesse pelas atividades  Respeito	- Registos de observação no caderno diário.  - Jogo matemático
<b>Expressões:</b> <b><i>Expressão e Educação Plástica</i></b>					
<b>Blocos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Descritores de Desempenho</b>	<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
Bloco 1 – Descoberta e organização progressiva de volumes.  Bloco 3 – Exploração de técnicas diversas de expressão.	Construções.  Recorte, Colagem, Dobragem.	- Desmontar e montar objetos.  - Fazer composições dobrando e colando a planificação do cubo recortado.	O aluno: - Desmonta e monta corretamente a planificação de um cubo a fim de a conseguir construir. - Constrói corretamente o cubo (com 1 dm <sup>3</sup> ) a partir da planificação do mesmo. - Faz as dobragens corretas para a construção do cubo. - Cola corretamente as faces, a fim de obterem um cubo corretamente construído.	Cooperação com os colegas  Participação e Empenho  Motivação  Atenção  Criatividade  Interesse pelas atividades  Respeito	Decímetro cúbico (cubo com 1 dm <sup>3</sup> de aresta).

Trabalho de Projeto				
Projeto	Objetivos didáticos		Atitudes, valores e normas	Áreas Curriculares de relação
«Jogar para aprender»	<b>Objetivos Gerais</b>	<b>Objetivos Específicos (nesta unidade didática)</b>	Cooperação com os colegas.  Participação  Motivação  Atenção  Respeito	Português  Estudo do Meio  Matemática.
	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver a parceria entre as turmas 4º. A e 4º. B, de forma a que o ritmo das aprendizagens sejam “semelhantes”.</li> <li>- Motivar as aprendizagens dos alunos ao longo do 3.º Período;</li> <li>- Fomentar as aprendizagens pela descoberta;</li> <li>- Desenvolver o espírito de cooperação e apoio entre a turma;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Rever e aplicar os conteúdos relacionados com os verbos (regulares e irregulares):               <ul style="list-style-type: none"> <li>- conjugações;</li> <li>- tempos;</li> </ul> </li> <li>- Aplicar os conhecimentos relacionados com o volume (decímetro e o metro cúbico).</li> </ul>		

## Elementos de integração didática

### **Tema integrador: «SOLIDARIEDADE»**

#### **Vocabulário:**

- Português: verbos regulares, verbos irregulares, conjugações, tempos verbais.
- Matemática: decímetro cúbico, metro cúbico, volume.
- Estudo do Meio: costa, erosão, arriba, cabo, praia, duna, cabedelo, promontório, estuário, baía, golfo, enseada, península, ria.

### **Elemento integrador: “Palavra: R E C A D O”**

O elemento integrador é a palavra **RECADO** e o seu significado. A escolha deste elemento integrador vai de encontro ao tema integrador escolhido – a **solidariedade**. No final da unidade didática, na ação didática de encerramento de aula, cada aluno terá que criar um recado solidário para a comunidade escolar (serão afixados no placard à entrada da sala de aula).

O facto de a história a abordar no Português ser a “História com recadinho”, de Luísa Dacosta, potencializa e fundamenta ainda mais a escolha deste elemento integrador.

É, de facto, um elemento integrador não tão habitual no sentido em que não tem um suporte visível (como uma imagem, ou em três dimensões), mas, em contrapartida, permite também interligar todas as áreas entre si e, principalmente, com o tema integrador, possibilitando que, no final desta unidade didática, os alunos saiam mais consciencializados do conceito de **solidariedade** e da importância de **ser solidário**.

#### **Recursos a utilizar:**

- Guião do aluno;
- Livro – “História com recadinho”, de Luísa Dacosta
- Ficha de leitura
- Planificação de um cubo (com 1 dm<sup>3</sup>).
- Caixa de madeira – cúbica, com 1 dm<sup>3</sup> de volume (1 decímetro de aresta).
- 1 garrafa de água de 1 litro.
- Imagens relacionadas com o metro cúbico.
- Folha A<sub>4</sub> com a segunda parte da história.

**Princípios de avaliação**

A avaliação será feita através da observação direta e participante da parte do professor. A avaliação deve ser um todo, isto é, o conjunto das atitudes, dos valores e das aprendizagens adquiridas.

O tipo de avaliação a usar é a avaliação contínua durante os três dias para os quais esta planificação está elaborada. Durante o realizar das atividades, o professor observa como os alunos estão a interagir com os outros e também as aprendizagens que eles estão a adquirir ou não.

Haverá ainda uma ficha leitura para ajudar na análise, compreensão e interpretação do conto. Ainda a referir que haverá ainda uma ficha de trabalho que possibilitará a avaliação formativa dos alunos em relação à identificação e definição dos diferentes aspetos da costa portuguesa.

Nesta unidade didática dá-se ainda o início do projeto “**Jogar para Aprender**” em que potencializa diferentes aprendizagens (novas ou consolidação de alguns conhecimentos) de forma lúdica. Por conseguinte, os resultados dos jogos do projeto possibilitam avaliar formativamente os alunos em todas as áreas curriculares.

Importa ainda referir que, no final destes dias de implementação, o professor realizará uma avaliação formativa, classificando qualitativamente cada aluno – em relação às aprendizagens desta unidade didática – no seu guião do aluno.

- Ficha de trabalho sobre os aspetos da costa portuguesa.
- PowerPoint relacionado com os conteúdos sobre os aspetos da costa portuguesa.
- “Folhas de jogo” para os jogos didáticos do projeto “**Jogar para aprender**”
- Tiras de papel para os “recados solidários”.

## Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem

### Guiões de aula

Aula 1 – terça-feira, 08/05/2018

#### SUMÁRIO I:

Leitura, interpretação e análise da história “História com Recadinho”, de Luísa Dacosta. (*Atividades 2 e 3*)

Planificação, edição (composição) de um texto narrativo. (*Atividade 4*)

O volume: definição do conceito. (*Atividade 5*)

O decímetro cúbico. Relação do decímetro cúbico com o litro. (*Atividade 6 e 7*).

<p><b>Ação didática 1 - Motivação: <u>Descoberta e Apresentação do Elemento Integrador.</u></b></p> <p>Momento inicial da aula que servirá de motivação para que os alunos estejam atentos, curiosos e empenhados ao longo da implementação.</p> <p>Terá a duração de 10 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Atividades e Procedimentos de execução</u></b></p> <p style="text-align: center;"><b><u>Atividade 1 – Resolução do desafio n.º 1 do guião do aluno – descoberta e apresentação do elemento integrador.</u></b></p> <p>1.1. Distribuição dos guiões dos alunos (podem já encontrar-se nas mesas dos alunos).          1.2. Resolução do desafio n.º 1 do guião.          1.2.1. Correção do mesmo.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p>
<p><b><u>Ação didática 2 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</u></b></p> <p>Nesta ação didática estão presentes as áreas de Português, de Matemática e de Expressão Plástica.</p> <p>É esperado que os alunos aprendam:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Português: História – “<i>História com recadinho</i>”, de Luísa Dacosta: identificação dos elementos da capa do livro (título, autor, editora...), desenrolar da ação, personagens principais, tema, ...</li> <li>• Matemática: O volume: decímetro cúbico. Relação do decímetro cúbico com o litro.</li> <li>• Expressão Plástica: Construção de um decímetro cúbico, isto é, um cubo com 1 decímetro de aresta.</li> </ul> <p>Nesta ação didática haverão momentos em que a metodologia base de trabalho será a individual e orientada e outros momentos em que a metodologia utilizada será a de grande grupo.</p> <p>A duração prevista para esta ação didática é de cerca de 3 horas e 20 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Atividades e Procedimentos de execução</u></b></p> <p><u>Manhã:</u></p> <p style="text-align: center;"><b><u>Atividade 2 – Leitura, análise e interpretação da história «História com recadinho», de Luísa Dacosta. Leitura do excerto presente nas páginas 148 e 149 do manual de Português.</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Antes de ler:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>2.1. Visualização da capa do livro e respetivos elementos.</li> <li>2.2. Através do título e da bruxa (imagem da capa do livro) pensar no possível desenrolar da história.                     <ul style="list-style-type: none"> <li>2.2.1. O professor recolhe algumas sugestões dos alunos, criando, no quadro, um “<i>esquema de antevisão</i>” da história. (Este esquema será recuperado no dia seguinte para que os alunos registem nos seus cadernos. Portanto, o professor deve ficar com o registo do mesmo (em foto, por exemplo).</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Durante a leitura:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>2.3. Leitura individual e silenciosa.</li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>5 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>2.4. Leitura oral por parte dos alunos.             <ul style="list-style-type: none"> <li>2.4.1. A leitura será feita parágrafo a parágrafo. Em cada parágrafo os alunos sublinham as palavras que não conhecem.</li> </ul> </li> </ul>

2.4.2. No final da leitura de cada parágrafo, os alunos dizem as palavras que sublinharam e o professor regista-as no quadro.

**15 minutos**

• **Depois de ler:**

2.5. Trabalho do vocabulário:

2.5.1. O professor regista os significados das palavras que durante a leitura foram registadas no quadro.

2.5.2. Cópia para os glossários.

**20 minutos**

**Atividade 3 – Realização da Parte I ficha de leitura (continuação do depois de ler).**

3.1. Distribuição das fichas de leitura.

3.2. Realização da Parte I das fichas de leitura.

**20 minutos**

*(Nota: Antes de saírem para intervalo, o professor regista no quadro os trabalhos de casa: Ler o resto da história lida nesta manhã e fazer um resumo da mesma. O professor distribui uma folha que conterà a restante história).*

**Atividade 4 – Planificação e Textualização de um texto narrativo: «Imagina a continuação desta história! O que será que acontece com a bruxa?» (Parte II da ficha de leitura).**

4.1. Resolução do desafio n.º 2 do guião do aluno.

4.1.1. Correção do mesmo.

(Ao resolverem este desafio, os alunos são desafiados a descobrirem e recordarem quais as partes de um texto narrativo).

**10 minutos**

4.2. Realização e edição do texto narrativo.

4.2.1. No final dos 20 minutos o professor recolhe as fichas (e os textos) para respetivas correções.

**20 minutos**

**Atividade 5 – Descoberta da definição do conceito de «Volume».**

5.1. Resolução do desafio n.º 3 do guião do aluno.

5.1.1. Em grande grupo, os alunos vão lançando hipóteses sobre o que será o *volume* de um determinado objeto.

5.1.1.1. O professor regista no quadro algumas das ideias que os alunos vão referindo.

**10 minutos**

5.1.2. Definição conjunta, isto é, conclusão final: o professor regista no quadro e os alunos copiam para os seus cadernos de matemática.

**10 minutos**

**Atividade 6 – Construção de um decímetro cúbico ( $dm^3$ ), de um cubo.**

6.1. Distribuição de uma planificação de um cubo pelos alunos.

6.2. Construção do cubo, através do recorte, da dobragem e da colagem.

**30 minutos**

6.3. Descoberta da definição de decímetro cúbico.

6.4.1. Registo dos alunos nos cadernos diários.

**10 minutos**

**Atividade 7 – O decímetro cúbico e o litro: “Qual a relação?”**

7.1. O professor coloca, numa mesa junto ao quadro, uma garrafa de água de um litro e um recipiente (cubo) com um decímetro quadrado.

7.2. Os alunos são interrogados: *“Se eu quiser deitar a água da garrafa para esta caixa com um decímetro cúbico, será que ela caberá lá toda?”*

7.2.1. Os alunos registam, nos seus cadernos de matemática, as suas previsões.

7.3. Em seguida, aleatoriamente, o professor chama um aluno para vir deitar a água da garrafa para a caixa.

7.4. O professor coloca a questão: *“O que aconteceu?”*

7.4.1. Os alunos respondem oralmente. (É esperado que todos, sem exceção, refiram que a água da garrafa coube toda dentro da caixa). Registo nos cadernos diários daquilo que observaram.

7.5. Posto isto, o professor escreve no quadro a pergunta: *“Então, qual será a relação entre o decímetro cúbico e o litro?”*

7.5.1. Os alunos copiam a pergunta para os seus cadernos de matemática.

7.5.2. Em grande grupo, o professor pede a alguns alunos que digam a sua possível resposta a esta questão.

7.5.3. Em conjunto, chegar-se-á à conclusão final de que: *“Um decímetro cúbico é igual a 1 litro. Por isso, eu já sei que se tiver uma caixa de  $1 dm^3$ , consigo guardar 1 litro de qualquer líquido”*. (Registo nos cadernos de matemática).

**30 minutos**

## Aula 2 – quarta-feira, 09/05/2018

### SUMÁRIO III:

Volume: O metro cúbico. Exercícios de aplicação. *(Atividades 1 e 2)*

Conclusão do estudo da história “História com recadinho”, de Luísa Dacosta. Construção, em grande grupo, do resumo da história. *(Atividade 3)*

A costa portuguesa: os principais aspetos. *(Atividades 4 e 5)*.

### **Ação didática 1 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)**

Nesta ação didática estão presentes as áreas de Matemática, de Português e de Estudo do Meio:

- Português: História – “*História com recadinho*”, de Luísa Dacosta: construção da fábula e do resumo da história.
- Matemática: O volume: o metro cúbico. Relação do metro cúbico com o decímetro cúbico.
- Estudo do Meio: Aspetos da costa portuguesa.

Importa, contudo, ainda referir que no Português a construção do resumo da história far-se-á através de dois momentos que, embora distintos, se complementam: em primeiro lugar, individualmente, alguns alunos vão ler os resumos que fizeram (trabalho de casa do dia anterior); em segundo, construção do resumo da história, em grande grupo, no quadro da sala e, em seguida, os alunos copiam para os seus guiões.

### Atividades e procedimentos de execução

Manhã:

#### Atividade 1 – O metro cúbico.

- 1.1. Projeção, com auxílio do computador, de um metro cúbico.
- 1.2. Explicitação dos aspetos relacionados com o metro cúbico, relacionando com o decímetro cúbico aprendidos no dia anterior.
  - 1.2.1. Nesta explicitação, o professor contará com o auxílio de algumas imagens (em anexo), a fim de passar todos os tópicos importantes desde: relação entre o metro cúbico e o decímetro cúbico e restantes múltiplos e submúltiplos; conversões; dar a entender aos alunos que cada face de um cubo com 1 metro cúbico é um metro quadrado.

**60 minutos**

#### Atividade 2 – Resolução de exercícios de aplicação.

- 2.1. O professor regista no quadro alguns exercícios.
- 2.2. Os alunos copiam-nos para os seus cadernos de matemática e resolvem-nos.

**15 minutos**

- 2.2.1. Correção dos exercícios.

<p>Em Matemática serão abordados os conteúdos relacionados com o metro cúbico e realização de alguns exercícios matemáticos.</p> <p>Finalmente, na última parte deste dia (na parte da tarde), em Estudo do Meio serão observados – através de imagens num PowerPoint – e identificados alguns dos principais aspetos da costa portuguesa.</p> <p>Nesta ação didática haverá momentos em que a metodologia base de trabalho será individual e orientada e em outros momentos será trabalho em grande grupo.</p> <p>A duração prevista para esta ação didática será de 4 horas e 30 minutos.</p>	<p>2.2.1.1. O professor chama um aluno para resolver o primeiro exercício, outro para resolver o segundo, e assim sucessivamente até que todos estejam corrigidos.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <p><b><u>Atividade 3 – Leitura e Análise da história «História com recadinho», de Luísa Dacosta</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Antes de ler:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.1. Contextualização: recordar a primeira parte da história trabalhada no dia anterior (excerto presente no manual). <ul style="list-style-type: none"> <li>3.1.1. Recordação do esquema feito no dia anterior. (Já se encontra no quadro).</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.2. Trabalho do (possível) vocabulário. <ul style="list-style-type: none"> <li>3.2.1. O professor pergunta às crianças se, na segunda parte da história que leram em casa, encontraram alguma palavra desconhecida. <ul style="list-style-type: none"> <li>3.2.2. Registo no quadro dessas palavras.</li> <li>3.2.3. O professor define as palavras e os alunos registam as mesmas nos seus glossários.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.3. Leitura de 3 ou 4 resumos feitos pelos alunos (escolha aleatória). <ul style="list-style-type: none"> <li>3.3.1. Enquanto isso, o professor regista no quadro algumas das ideias principais de cada resumo.</li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Durante a leitura:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.4. Leitura pelo professor da segunda parte da história. <ul style="list-style-type: none"> <li>3.4.1. Os alunos acompanham a leitura pelas suas folhas (que têm desde o dia anterior).</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Depois de ler:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.5. <b>Construção</b>, em grande grupo, <b>do resumo da história:</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>3.5.1. Depois das ideias principais dos resumos dos alunos (já registadas no quadro) e da leitura do professor, é construído o resumo da história no quadro.</li> </ul> </li> </ul> </li> </ul> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p>
---	---

3.5.2. Os alunos copiam o resumo concluído para os seus guiões do aluno (desafio n.º 4).

**10 minutos**

Tarde:

**Atividade 4 – Os aspetos da costa portuguesa: visualização de um PowerPoint**

4.1. Projeção do PowerPoint relacionado com os aspetos da costa portuguesa.

4.2. Realização de exercícios de aplicação, em grande grupo. (Os exercícios surgem no PowerPoint).

**45 minutos**

**Atividade 5 – Realização de uma ficha de trabalho de sistematização de conhecimentos**

5.1. Distribuição das fichas de trabalho.

5.2. Resolução das fichas.

**30 minutos**

5.3. Correção individual das fichas.

5.3.1. O professor projeta no quadro a correção da ficha (em PowerPoint, com respostas animadas).

5.3.2. Os alunos devem, individualmente, corrigir o seu trabalho.

**15 minutos**

### **Aula 3 – quinta-feira, 10/05/2018**

#### **SUMÁRIO III:**

Jogos didáticos:

- Jogo: “QUEM QUER SER PORTUGUÊS?” para trabalhar os aspetos relacionados com a conjugação de verbos regulares e irregulares. *(Atividade 1)*
- Jogo: “A INTELIGÊNCIA CÚBICA” para aplicar e consolidar os conhecimentos relacionados com o volume, metro cúbico, decímetro cúbico e as relações destes com o litro. *(Atividade 2).*

Recolha de definições (dos alunos) para o conceito de “herói”. *(Atividade 3).*

Construção de recados solidários. *(Atividade 4)*

**Ação Didática 1 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)**

Nesta ação didática estão presentes as áreas de Matemática e de Português.

Neste dia e nesta ação didática iniciar-se-á a primeira *ronda* do projeto. Por conseguinte, em ambas as áreas curriculares (antes e depois do intervalo) serão realizados os dois jogos didáticos planificados.

No Português, através do jogo, tem-se como principal objetivo a revisão dos aspetos relacionados com os verbos (conjugações e tempos).

Na Matemática, através do jogo didático em questão, é potencializada a aplicação dos conteúdos lecionados nos dois dias anteriores (decímetro e metro cúbico).

Nesta ação didática será utilizada a metodologia de trabalho em grande grupo e, em simultâneo, individual. Isto é, em grande grupo porque os alunos ouvirão ao mesmo tempo as regras dos jogos, as perguntas dos jogos que terão que responder, etc., mas, individual também, visto que as respostas solicitadas devem ser individuais.

A duração prevista para esta ação didática será de 3 horas.

**Atividades e Procedimentos de Execução**

Manhã:

**Atividade 1 – Jogo didático: «QUEM QUER SER PORTUGUÊS?»**

• **Antes de jogar:**

- 1.1. Explicitação das regras e comportamentos que podem e não podem haver durante a realização do jogo.
- 1.2. Distribuição das “folhas de jogo”.

**15 minutos**

• **Durante o jogo:**

- 1.3. Resolução, nas “folhas de jogo” de todas as atividades/perguntas/desafios estabelecidos para o jogo.

**60 minutos**

• **Depois de jogar:**

- 1.4. O professor recolhe todas as “folhas de jogo” para posterior correção.
- 1.5. Momento de autoavaliação do jogo:
  - 1.5.1. Os alunos podem referir diferentes aspetos, tais como: gostaram ou não do jogo, o seu desempenho no jogo, (...).

**15 minutos**

**Princípios do jogo:**

- O jogo é constituído por um total de 10 perguntas que se dividem em:
  - 5 perguntas de resposta direta – para cada uma destas perguntas é dado **1 minuto** para elaborar a resposta.
  - 5 perguntas de respostas conjugativas – para cada resposta, entenda-se, para cada conjugação, são dados **dois minutos e meio**.
- As respostas corretas valem **1 ponto**.
  - No caso de uma pergunta ter duas ou mais respostas (ex.: conjugar um verbo em dois tempos), cada resposta correta vale **1 ponto**.
- As respostas parcialmente certas ou erradas valem **0 pontos**.
- Todas as perguntas são feitas oralmente pelo professor.
- Todas as respostas devem ser registadas só e apenas na “folha de jogo” e no local correto.

	<p><b><u>Regras específicas do jogo:</u></b></p> <ol style="list-style-type: none"><li>a) Cada aluno recebe uma “folha de jogo” onde deve registar as respostas.</li><li>b) As “folhas de jogo” devem ser devidamente identificadas.<ol style="list-style-type: none"><li>a. Em caso de não ser possível identificar a posse da “folha de jogo”, a mesma é considerada desqualificada.</li></ol></li><li>c) As respostas devem ser registadas no local devido.</li><li>d) Só é permitido usar esferográfica de tinta azul ou preta.</li><li>e) Não é permitido falar ou fazer perguntas.</li><li>f) O professor profere <b>duas</b> vezes cada questão. Em seguida, inicia-se a contagem no cronómetro.</li><li>g) Assim que respondem, os alunos devem circular a resposta.<ol style="list-style-type: none"><li>a. Assim que circularem a resposta, devem pousar a esferográfica em cima da mesa.</li></ol></li><li>h) Em caso de conversa com algum colega, são ambos desqualificados.</li></ol> <p><b><u>Atividade 2 – Jogo didático: «A INTELIGÊNCIA CÚBICA»</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Antes de jogar:</b><ol style="list-style-type: none"><li>2.1. Explicitação das regras e dos comportamentos que podem e não podem haver durante a realização do jogo.</li><li>2.2. Distribuição das “fichas de jogo”.<p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p></li></ol></li><li>• <b>Durante o jogo:</b><ol style="list-style-type: none"><li>2.3. Resolução, nas “fichas de jogo”, de todas as atividades/perguntas/desafios estabelecidos para o jogo.<p style="text-align: right;"><b><u>60 minutos</u></b></p></li></ol></li><li>• <b>Depois de jogar:</b><ol style="list-style-type: none"><li>2.4. O professor recolhe todas as “fichas de jogo” para posterior correção.</li><li>2.5. Momento de autoavaliação:<ol style="list-style-type: none"><li>2.5.1. Os alunos podem referir diferentes aspetos, tais como: gostaram ou não do jogo, autoavaliação do seu próprio desempenho ao longo do jogo, (...).</li></ol><p style="text-align: right;"><b><u>15 minutos</u></b></p></li></ol></li></ul> <p><b><u>Princípios do jogo:</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• O jogo é constituído por três partes:</li></ul>
--	--

	<ul style="list-style-type: none"><li>○ <b>Parte A:</b> 5 perguntas de verdadeiro/falso – para cada uma destas perguntas é dado <b>1 minuto</b> para elaborar a resposta.</li><li>○ <b>Parte B:</b> 4 perguntas de respostas de comentário de imagens – para cada comentário/resposta são dados <b>5 minutos</b>.</li><li>○ <b>Parte C:</b> 10 perguntas (8 conversões e 2 problemas).<ul style="list-style-type: none"><li>▪ Para cada conversão são dados <b>2 minutos</b>, ou seja, um total de <b>16 minutos</b> para a resolução de todas as conversões.</li><li>▪ Para cada problema são dados <b>10 minutos</b>, ou seja, um total de <b>20 minutos</b> para a resolução dos problemas.</li></ul></li><li>• As respostas corretas valem <b>1 ponto</b>.<ul style="list-style-type: none"><li>○ No caso dos problemas, considera-se metade da pontuação (<b>0,5 pontos</b>) se: o aluno usa o processo correto, mas com valores errados (ex.: na resolução do problema, usa um algarismo trocado; faz toda a resolução do algoritmo correta, mas obtém valor final errado).</li></ul></li><li>• As respostas erradas valem <b>0 pontos</b>.</li><li>• As perguntas de verdadeiro/falso são feitas oralmente pelo professor.<ul style="list-style-type: none"><li>○ O aluno responde <b>V</b> se for verdadeira; <b>F</b> se for falsa.</li></ul></li><li>• Nas perguntas de comentário, antes da primeira imagem, o professor explica que vão surgir 4 imagens e que, para cada uma, têm 5 minutos para as comentar (as imagens são projetadas).</li><li>• Toda a parte C (perguntas de conversões e os problemas) já se encontra na “folha de jogo”, sendo realizados apenas e só quando o professor – moderador do jogo – der autorização.<ul style="list-style-type: none"><li>○ Se algum aluno resolver algum destes exercícios antecipadamente, é automaticamente desqualificado.</li></ul></li></ul> <p><b>Regras Específicas do jogo:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>a) Cada aluno recebe uma “folha de jogo” onde deve registar as respostas.</li><li>b) As “folhas de jogo” devem ser devidamente identificadas.<ul style="list-style-type: none"><li>a. Em caso de não ser possível identificar a posse da “folha de jogo”, a mesma é considerada desqualificada.</li></ul></li><li>c) As respostas devem ser registadas no local devido.</li><li>d) Só é permitido usar esferográfica de tinta azul ou preta.</li><li>e) Não é permitido falar ou fazer perguntas.</li><li>f) O professor profere <b>duas</b> vezes a questão. Em seguida, inicia-se a contagem no cronómetro.</li><li>g) Assim que respondem, os alunos devem circular a resposta.<ul style="list-style-type: none"><li>a. Assim que circularem a resposta, devem pousar a esferográfica em cima de mesa.</li></ul></li><li>h) Em caso de conversa com algum colega, são ambos desqualificados.</li></ul>
--	--

<p><b>**Ação Didática 2 - Momento de Reflexão</b> (Encerramento de aula)</p> <p>Esta ação didática pauta-se por um momento mais relaxado. Os alunos terão de responder livremente à questão: <b>“O que é, para ti, um herói?”</b> e ainda escreverem, numa tira de papel um <b>recado</b> com teor solidário, que escrevem para afixar no placard à entrada da sala.</p> <p>A ação didática tem a duração de cerca de 30 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Atividades e Procedimentos de Execução</u></b></p> <p><b>**Atividade 3 – “O que é, para ti, um herói?”</b></p> <p>3.1. O professor distribui uma folha em tamanho A<sub>5</sub> (ou até metade deste tamanho). 3.2. Livremente, os alunos respondem a esta questão.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p> <p><b><u>Atividade 4 – “Recados solidários”</u></b></p> <p>4.1. Distribuição de uma tira de papel. 4.2. Cada aluno escreve o seu recado.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>10 minutos</u></b></p>
---	---

## **Apêndice G - Unidade Didática 5**

### **(Etapa 3 de Investigação)**



## **UNIDADE DIDÁTICA Nº5**

22 e 23 de maio de 2018

### **ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

#### **TÍTULO:**

*“HISTORIADOR DAS APRENDIZAGENS”*



#### **AUTOR:**

Ivo Oliveira

**Professor Cooperante:** Mário Vicente

#### **Equipa de Supervisão:**

Professor Doutor António Pais

Professor Doutor Paulo Afonso

Professora Dolores Alveirinho

Professora Doutora Madalena Leitão



Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Escola Superior de Educação



**Unidade temática:** “Historiador das Aprendizagens”

## INTRODUÇÃO

Esta unidade didática será aplicada ao 4.º B da Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo e é construída com base no tema central *“Historiador das Aprendizagens”*.

O título e tema integrador é *“Historiador das Aprendizagens”*, no sentido em que esta unidade didática surge como preparação para a visita de estudo a realizar ao Mosteiro da Batalha e ao Campo de S. Jorge, onde decorreu a Batalha de Aljubarrota. Neste sentido, creio que tentar transformar as crianças em *historiadores* das suas aprendizagens motivá-las-á para as aprendizagens dos conteúdos planificados.

A referir ainda que, de um modo geral, toda a unidade didática será objeto e suporte para a minha investigação subordinada ao tema: *«O potencial didático dos “heróis” no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB»*.

Neste sentido, a unidade didática encontra-se dividida em três partes:

- Parte A – Instrumentos do Professor: todos os recursos didáticos que serão utilizados pelo professor onde se encontra, por isso, a planificação e roteiro de atividades que se encontra, por sua vez, dividido em dois momentos, isto é, em dois dias. Nestes dois momentos serão trabalhadas as áreas de Português, de Matemática e de Estudo do Meio, bem como será implementada uma questão relacionada com a investigação subordinado ao tema: *«O potencial didático dos “heróis” no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB»*. Importa referir que todas as atividades e percursos de ensino-aprendizagem relacionados com a investigação encontram-se assinalados com “\*\*” durante toda a unidade didática.
- Parte B – Instrumentos do Aluno: todos os instrumentos de aprendizagem que os alunos utilizarão como, por exemplo, fichas de trabalho e guião do aluno.
- Parte C – Reflexão: reflexão do professor em relação à forma como a implementação prática da unidade decorreu, bem como a explicitação dos aspetos positivos e os aspetos negativos, a melhorar nas próximas unidades didáticas.

## FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

Nesta unidade didática serão trabalhados os seguintes conteúdos:

- Português: estudo da lenda “*A Padeira de Aljubarrota*”, e revisão dos conteúdos relacionados com os verbos (regulares e irregulares) e com os advérbios;
- Matemática: volume: revisão de diversos conteúdos (como figuras geométricas, polígonos regulares e irregulares, área do quadrado, área do retângulo, ...).
- Estudo do Meio: Aspectos relacionados com a crise de 1383/85 e Batalha de Aljubarrota; a importância da figura histórica *heroificada*: Nuno Álvares Pereira.

Neste sentido, a turma deve ter conhecimentos prévios relacionados com os verbos (regulares e irregulares) e os advérbios (utilização e suas classificações), bem como os conteúdos relacionados com as figuras geométricas, polígonos regulares e irregulares e as áreas do quadrado e do retângulo (metro quadrado e seus múltiplos e submúltiplos). Também na área de Estudo do Meio é esperado que os alunos tenham já alguns conhecimentos consolidados.

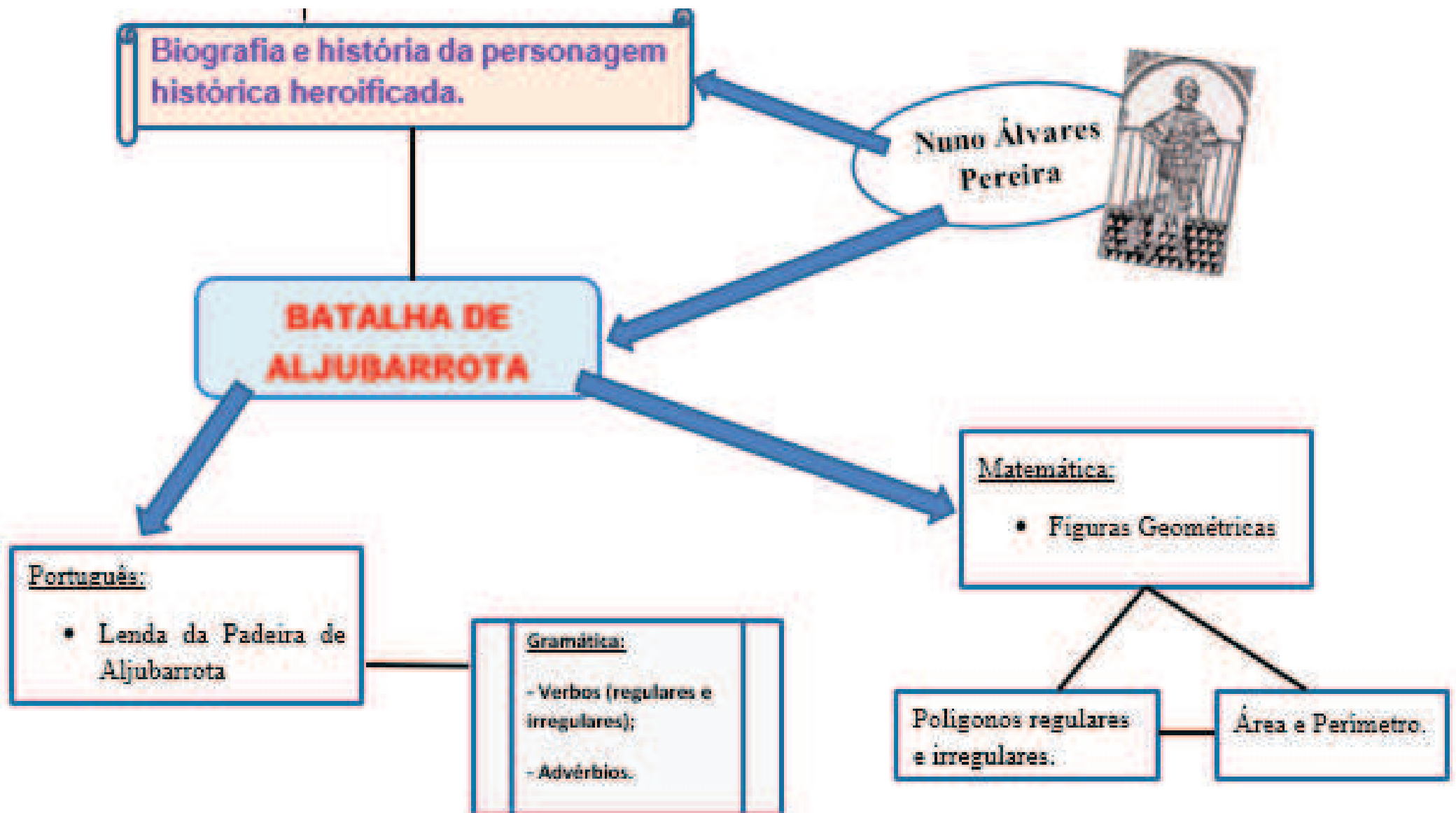
Assim, para além de ser necessário que os conhecimentos acima mencionados estejam presentes nas mentes dos alunos é também crucial que a turma tenha como pré-requisitos: uma boa capacidade leitora, para uma melhor compreensão da história que será abordada, bem como conhecimento das tabuadas para que mais facilmente se muna dos novos conteúdos.

Finalmente, importa mencionar que, enquanto professor, utilizarei a metodologia expositiva de conhecimentos alternadamente com uma metodologia orientadora em momentos que a aprendizagem pela descoberta será a privilegiada.

### **Hora da Leitura (*Corpus textual*):**

Lenda: “*Lenda da Padeira de Aljubarrota*”, do Arquivo do CEAO (2008).





## PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA

### Seleção do conteúdo programático

#### Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares

#### \*\* Estudo do Meio

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Descritores desempenho</i>	<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições.	Crise de 1383/85  Batalha de Aljubarrota	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as causas da crise de 1383/85.</li> <li>- Identificar as causas da Batalha de Aljubarrota.</li> <li>- Conhecer personagens e factos da história nacional.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Identifica as causas da crise de 1383/85.</li> <li>- Compreende que a crise de 1383/85 contribuiu para a Batalha de Aljubarrota.</li> <li>- Compreende e identifica as causas da Batalha de Aljubarrota.</li> <li>- Sabe os resultados e consequências da Batalha de Aljubarrota.</li> <li>- Identifica e reconhece Nuno Álvares Pereira como <i>herói</i> neste período histórico.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Cooperação com os colegas</li> <li>Participação e Empenho</li> <li>Motivação</li> <li>Atenção</li> <li>Criatividade</li> <li>Interesse pelas atividades</li> <li>Respeito</li> </ul>	<p>** Ficha de Trabalho (prévia/diagnóstica)</p> <p>** Ficha de Trabalho (posterior/formativa).</p>

<b>Português</b>					
<b>Domínios /Subdomínios</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Metas Curriculares</b>		<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
		<b>Objetivos</b>	<b>Descritores de desempenho</b>		
<p>Oralidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Expressão Oral</li> <li>• Compreensão Oral</li> </ul> <p>Leitura e Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Escrita</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Informação essencial, acessória.</li> <li>- Ideias-chave de um texto ouvido.</li> <li>- Vocabulário: variedade e precisão.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Fluência de Leitura: velocidade, precisão e prosódia.</li> <li>- Texto narrativo</li> <li>- Vocabulário: alargamento temático.</li> <li>- Tema e assunto de um texto.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ortografia e Pontuação (texto).</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Escutar para aprender e construir conhecimentos.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ler corretamente, em voz alta e em silêncio, a história “História com recadinho”.</li> <li>- Organizar os conhecimentos do texto.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolver o conhecimento da ortografia.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Distingue informação essencial de acessória.</li> <li>- Identifica o tema e/ou assunto da lenda “A Padeira de Aljubarrota”.</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Lê corretamente a lenda “A Padeira de Aljubarrota”</li> </ul> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Ouve ler e lê corretamente a lenda “A Padeira de Aljubarrota”.</li> <li>- Identifica o desenrolar da lenda “A Padeira de Aljubarrota”.</li> </ul>	<p>Cooperação com os colegas</p> <p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<p>Ficha de Leitura</p> <p>Grelha de avaliação de leitura</p>



<b>Domínios / Subdomínios</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Metas Curriculares</b>		<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
		<b>Objetivos</b>	<b>Descritores de desempenho</b>		
<p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Geometria</li> </ul> <p>• Medida</p>	<p>Figuras Geométricas</p> <p>Polígonos Regulares e Irregulares.</p> <p>Área: área das figuras geométricas.</p> <p>Conversões.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar e nomear as diferentes figuras geométricas.</li> <li>- Definir polígonos regulares e/ou irregulares.</li> <li>- Medir áreas, utilizando as unidades do sistema métrico e efetuar conversões.</li> </ul>	<p>O aluno:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Nomeia as diferentes figuras geométricas (quadrado, retângulo, triângulo, ...).</li> <li>- Identifica as principais características das diferentes figuras geométricas.</li> <li>- Define corretamente polígonos regulares e irregulares.</li> <li>- Identifica as diferentes figuras geométricas como polígonos regulares ou irregulares.</li> <li>- Sabe e aplica as diferentes fórmulas do cálculo de áreas das figuras geométricas, tais como: quadrado e retângulo.</li> </ul>	<p>Cooperação com os colegas</p> <p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<p>- Ficha de Trabalho</p>
<p><b>Expressões:</b> <b><i>Expressão e Educação Plástica</i></b></p>					

<b>Blocos</b>	<b>Conteúdos</b>	<b>Objetivos Específicos</b>	<b>Descritores de Desempenho</b>	<b>Atitudes, valores e normas</b>	<b>Produtos de Aprendizagem</b>
Bloco 2 – Descoberta e organização progressiva de superfícies.	Desenho	- Utilizar diferentes estratégias e técnicas para o desenho à vista.	O aluno: - Observa atentamente a imagem suporte.  - Utiliza corretamente o lápis de carvão para desenhar.  - Reproduz, o melhor possível, a imagem observada no desenho.	Participação e Empenho  Motivação  Atenção  Criatividade  Interesse pelas atividades  Respeito	Desenho (à vista) do Mosteiro da Batalha.

### Elementos de integração didática

**Tema integrador:** «A História e o Passado Nacional»

**Vocabulário:**

- Português: Verbos (regulares e irregulares), advérbios (de grau, de quantidade, de afirmação, de negação).
- Matemática: Figuras geométricas; Polígonos regulares e irregulares; Área do quadrado e do retângulo.
- Estudo do Meio: Herói, Batalha de Aljubarrota, Nuno Álvares Pereira, Castelhanos, Mosteiro da Batalha.

**Recursos a utilizar:**

- Guião do aluno;
- Ficha biográfica de Nuno Álvares Pereira;
- Ficha de trabalho diagnóstica de Estudo do Meio;
- Ficha de trabalho formativa de Estudo do Meio;
- PowerPoint sobre o Mosteiro da Batalha;
- PowerPoint com os conteúdos matemáticos;
- Lenda: “A Padeira de Aljubarrota”.

**Elemento integrador:** Imagem de Nuno Álvares Pereira

O elemento integrador é a imagem da personagem Nuno Álvares Pereira. A escolha deste elemento integrador vai de encontro a toda a sequência da unidade didática e, principalmente, vai de encontro ao principal objetivo da minha investigação que tem como objetivo perceber qual o potencial didático da personagem histórica heroificada para o ensino da História de Portugal no 1º CEB.



- Ficha de leitura sobre a lenda da padeira de Aljubarrota;
- Laboratório gramatical;
- Ficha de trabalho de consolidação e aplicação de conhecimentos matemáticos;
- Vídeo: «*Batalha de Aljubarrota*».

### **Princípios de avaliação**

A avaliação será feita através da observação direta e participante da parte do professor. A avaliação deve ser um todo, isto é, o conjunto das atitudes, dos valores e das aprendizagens adquiridas.

O tipo de avaliação a usar é a avaliação contínua durante os três dias para os quais esta planificação está elaborada. Durante o realizar das atividades, o professor observa como os alunos estão a interagir com os outros e também as aprendizagens que eles estão a adquirir ou não.

Haverá ainda uma ficha leitura para ajudar na análise, compreensão e interpretação da lenda. Ainda a referir que haverá ainda uma ficha de trabalho (laboratório gramatical) que possibilitará a avaliação formativa dos alunos em relação à identificação e utilização dos verbos (regulares e irregulares) e dos diferentes tipos de advérbios, bem como uma ficha de trabalho com os conteúdos matemáticos. .

A avaliação da área curricular de Estudo do Meio (conteúdos relacionados com a crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota) coincide, em simultâneo, com o tratamento de dados da investigação subordinada ao tema: «*O potencial didático do “herói” no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB*».

Importa ainda referir que, no final destes dias de implementação, o professor realizará uma avaliação formativa, classificando qualitativamente cada aluno – em relação às aprendizagens desta unidade didática – no seu guião do aluno.

## Roteiro dos percursos de ensino e aprendizagem Guiões de aula

**Aula 1 – terça-feira, 22/05/2018**

### SUMÁRIO I:

A crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota: realização de uma ficha de trabalho diagnóstica. *(Atividades 1 e 2).*

Visualização e apresentação do Mosteiro da Batalha. *(Atividades 3 e 4).*

A lenda da padeira de Aljubarrota: leitura, análise e interpretação da lenda. *(Atividades 5 e 6)*

Figuras geométricas e cálculo de áreas, polígonos regulares e irregulares: revisões. *(Atividade 7).*

### Ação didática 1 - Motivação: Apresentação do Elemento Integrador.

Momento inicial da aula que servirá de motivação para que os alunos estejam atentos, curiosos e empenhados ao longo da implementação.

O elemento integrador é apresentado, mas será apenas descoberto perto do final da implementação.

Ao longo da implementação será tratado como o “*nosso herói*”.

Terá a duração de 25 minutos.

### Atividades e Procedimentos de execução

#### **\*\* Atividade 1 – Apresentação da imagem do Nuno Álvares Pereira.**

1.3. Distribuição dos guiões dos alunos (podem já encontrar-se nas mesas dos alunos).

1.4. Apresentação da imagem de Nuno Álvares.

**5 minutos**

1.5. Resolução do desafio n.º 1 do guião para que os alunos tentem descobrir de quem se trata.

1.5.1. Os alunos são desafiados com este desafio, pois a correção deste primeiro desafio não será realizada, ficando em suspense o nome da personagem histórica até quase ao final da unidade.

**5 minutos**

1.6. Descrição biográfica da personagem, sem nunca nomear o nome – *heroicizar a personagem histórica.*

1.6.1. Cópia para os guiões do aluno da descrição heroificada da personagem histórica.

**20 minutos**

### Ação didática 2 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática

### Atividades e Procedimentos de execução

Manhã:

**orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)**

Nesta ação didática estão presentes as áreas de Estudo do Meio, de Expressão Plástica e de Português.

É esperado que os alunos aprendam:

- Estudo do Meio: Ficha de Trabalho diagnóstica sobre os conteúdos relacionados com a crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota. O Mosteiro da Batalha.
- Expressão Plástica: Desenho à vista: “*O meu Mosteiro da Batalha*”.
- Português: História – Lenda: “*Lenda da Padeira de Aljubarrota*”, do Arquivo do CEAO.

Nesta ação didática haverá momentos em que a metodologia base de trabalho será a individual e orientada e outros momentos em que a metodologia utilizada será a de grande grupo.

A duração prevista para esta ação didática é de cerca de 3 horas e 5 minutos.

**Atividade 2 – Realização de uma ficha de trabalho diagnóstica para aferir os conhecimentos sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota.**

- 2.1. Distribuição das fichas.
- 2.2. Realização das fichas de trabalho.
  - 2.2.1. Ao final dos 30 minutos, o professor recolhe as fichas de trabalho.

**30 minutos**

**Atividade 3 – Apresentação do Mosteiro da Batalha**

- 3.1. Visualização de um PowerPoint com a apresentação da história e características do Mosteiro da Batalha.

**10 minutos**

**Atividade 4 – Desenho à vista: “O meu Mosteiro da Batalha”.**

- 4.1. Resolução do desafio nº. 2 do guião do aluno:
  - 4.1.1. Projeção de uma imagem do Mosteiro da Batalha.
  - 4.1.2. No espaço indicado nos guiões, os alunos fazem o seu *desenho à vista*.

**20 minutos**

**Atividade 5 – Leitura, Análise e Interpretação da “Lenda da Padeira de Aljubarrota”**

• **Antes de ler:**

- 5.1. O professor coloca as seguintes três questões à turma:

- a) **O que é uma lenda?**
- b) **O que é uma padeira?**
- c) **O que terá feito ela para que existe uma lenda sua?**

- 5.1.1. Registo, no quadro, das principais ideias dos alunos para posterior comparação/comprovação.

**20 minutos**

• **Durante a leitura:**

- 5.2. Distribuição de uma folha A4 por cada aluno onde se encontra a lenda.
- 5.3. Leitura individual e silenciosa.

- 5.3.1. Durante a leitura, os alunos sublinham no texto as possíveis palavras difíceis/desconhecidas que possam encontrar.

**5 minutos**

- 5.4. Leitura oral:

5.4.1. Cada aluno irá ler um excerto da lenda, consoante as indicações do professor, a fim de se proceder à avaliação de leitura, com registo na grelha de avaliação de leitura.

**20 minutos**

• **Depois de ler:**

5.5. Trabalho do Vocabulário:

5.5.1. Os alunos referem as palavras que sublinharam e o professor regista-as no quadro.

5.5.2. Definição das palavras desconhecidas.

5.5.3. Cópia para os glossários das palavras e dos seus significados.

**15 minutos**

**Atividade 6 – Realização da ficha de leitura sobre a “Lenda da Padeira de Aljubarrota”**

6.1. Distribuição das fichas de leitura.

6.2. Resolução das fichas de leitura.

6.2.1. No final dos 30 minutos, o professor recolhe as fichas de leitura para posterior correção.

**30 minutos**

**Atividade 7 – Visualização de um PowerPoint relacionado com as figuras geométricas e cálculo das suas áreas.**

7.1. Projeção do PowerPoint para revisão dos conteúdos matemáticos referidos.

7.1.1. Nos últimos diapositivos aparecerão alguns exercícios de aplicação que serão resolvidos em grande grupo, no quadro.

**30 minutos**

**Aula 2 – quarta-feira, 23/05/2018**

**SUMÁRIO III:**

Verbos regulares e irregulares. Os advérbios – revisões dos conteúdos. *(Atividade 1)*

Ficha de Trabalho de Consolidação e aplicação de conhecimentos matemáticos. *(Atividade 2 e 3).*

A Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota. *(Atividades 4, 5 e 6).*

Preparação para a visita de estudo ao Mosteiro da Batalha e ao Campo S. Jorge. *(Atividade 7).*

<p><b>Ação didática 1 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</b></p> <p>Nesta ação didática estão presentes as áreas de Matemática, de Português e de Estudo do Meio:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Português: História – Laboratório Gramatical: revisão dos conteúdos relacionados com os verbos (regulares e irregulares) e os advérbios.</li> <li>• Matemática: PowerPoint com os conteúdos. Ficha de trabalho.</li> <li>• Estudo do Meio: Crise de 1383/85. A Batalha de Aljubarrota.</li> </ul> <p>Importa, por isso, referir que na área da Matemática proceder-se-á à segunda <i>ronda</i> do projeto, daí o jogo didático. Através dele é potencializada a aplicação dos conteúdos revistos no dia anterior.</p> <p>Finalmente, na última parte deste dia (na parte da tarde), em Estudo do Meio será visualizado um vídeo que servirá de ponto partida para a leção dos aspetos relacionados com a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota.</p> <p>Nesta ação didática haverão momentos em que a metodologia base de trabalho será individual e orientada e em outros momentos será trabalho em grande grupo.</p> <p>A duração prevista para esta ação didática será de 4 horas e 30 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Atividades e procedimentos de execução</u></b></p> <p><u>Manhã:</u></p> <p><b><u>Atividade 1 – Realização de um laboratório (guião) gramatical.</u></b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Antes da realização:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1. Resolução do desafio n.º 3 do guião do aluno.                     <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1.1. Recordação e revisão do que são advérbios e quais os tipos de advérbios. <span style="float: right;"><b><u>30 minutos</u></b></span></li> </ol> </li> </ol> </li> <li>• <b>Durante a realização:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>1.2. Distribuição dos laboratórios (guiões) gramaticais.</li> <li>1.3. Resolução dos laboratórios gramaticais (guiões).                     <ol style="list-style-type: none"> <li>1.3.1. Os alunos devem ter a folha da Lenda porque vão precisar dela para resolver os exercícios pedidos.</li> </ol> </li> <li>1.4. No final dos <b><u>45 minutos</u></b>, o professor recolhe os laboratórios gramaticais.                     <ol style="list-style-type: none"> <li>1.4.1. Os alunos devem colocar a folha com da lenda dentro dos laboratórios (guiões) gramaticais. <span style="float: right;"><b><u>45 minutos</u></b></span></li> </ol> </li> </ol> </li> <li>• <b>Depois da realização:</b> <ol style="list-style-type: none"> <li>1.5. Os alunos escrevem um pequeno texto de autoavaliação sobre como acham que correu a realização do laboratório gramatical. <span style="float: right;"><b><u>15 minutos</u></b></span></li> </ol> </li> </ul> <p><b><u>Atividade 2 – (continuação da) Visualização do PowerPoint relacionado com os polígonos regulares e irregulares.</u></b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>2.1. Projeção do PowerPoint com os conteúdos referidos.</li> <li>2.2. Recordação dos conteúdos revistos no dia anterior, relacionados com as figuras geométricas e o cálculo de áreas das mesmas. <span style="float: right;"><b><u>15 minutos</u></b></span></li> <li>2.3. Continuação da revisão de conteúdos: polígonos regulares e irregulares – definição e classificação.             <ol style="list-style-type: none"> <li>2.3.1. Nos últimos diapositivos surgirão alguns exercícios de aplicação que serão resolvidos em grande grupo, no quadro. <span style="float: right;"><b><u>30 minutos</u></b></span></li> </ol> </li> </ol>
---	--

**Atividade 3 – Realização de uma ficha de trabalho de consolidação de conhecimentos**

3.1. Distribuição das fichas de trabalho.

3.1.1. O professor pode pedir a 2/3 alunos que o ajudem na distribuição das mesmas.

**5 minutos**

3.2. Resolução das fichas de trabalho.

3.2.1. No final do tempo, o professor recolhe as fichas de trabalho para posterior correção.

**40 minutos**Tarde:

**Atividade 4 – Visualização do vídeo: “Batalha de Aljubarrota”, em**  
<https://www.youtube.com/watch?v=x8V7y3tvJVk>

4.1. Projeção do vídeo.

**10 minutos****Atividade 5 – A Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota**

5.1. Comentário ao vídeo.

5.2. Lecionação da matéria, criando um esquema (mapa concetual) ilustrativo do decorrer da ação histórica.

5.2.1. Registo para os cadernos diários desse esquema (mapa concetual).

**Nota:** Ao longo da lecionação dos conteúdos, o professor incide muito na ação do *nosso* herói histórico deste período (Nuno Álvares Pereira, mas sem nunca referir o seu nome).

**50 minutos****Atividade 6 – “Quem é o nosso herói?”**

6.1. Distribuição de tiras de papel com a mesma pergunta do desafio n.º 1 do guião do aluno e com as mesmas soluções de respostas.

6.2. Depois de durante toda a unidade didática ter sido abordado este período histórico os alunos vão tentar agora descobrir quem é o nosso herói.

6.2.1. Serão comparadas as respostas, de forma a perceber o contributo e potencial da figura histórica heroificada para a aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB.

**10 minutos**

	<p><b><u>Atividade 7 – Preparação para a Visita de Estudo</u></b></p> <p>7.1. Distribuição de umas fitas de tecido.</p> <p>7.2. Os alunos vão registar/escrever nas fitas os seus nomes e o contacto telefónico dos professores.</p> <p>7.2.1. Explicitação aos alunos de que no dia seguinte, para a visita de estudo, deverão trazer as fitas no pulso em forma de pulseira, por exemplo, como forma de identificação e segurança.</p> <p>7.3. Em conjunto com o professor cooperante, serão passadas algumas informações essenciais sobre as normas a cumprir na visita e outros aspetos pertinentes.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>20 minutos</u></b></p>
<p><b>Aula 3 – sexta-feira, 25/05/2018</b></p>	
<p><b><u>SUMÁRIO III:</u></b></p> <p>Realização de uma ficha de trabalho de aplicação de conhecimentos relacionados com a crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota. (<i>Atividade 1</i>).</p>	
<p><b>** Ação Didática 1 - Procedimento estratégico (explicitação da instrução direta, das atividades de prática orientada e/ou autónoma e dos procedimentos de avaliação)</b></p> <p>Nesta ação didática está presente a área de Estudo do Meio. Com esta ação didática pretende-se avaliar e comparar os resultados obtidos entre a primeira aplicação da ficha e a segunda.</p> <p>Para além da lecionação dos conteúdos mencionados, esta ação didática (aliás, como praticamente toda a unidade) faz parte do projeto de investigação subordinado ao tema: «<i>O potencial didático dos “heróis” no processo de ensino-aprendizagem da História de Portugal no 1º CEB</i>».</p> <p>Nesta ação didática será, por isso, utilizada a metodologia de trabalho individual.</p> <p>A duração prevista para esta ação didática será de 30 minutos.</p>	<p style="text-align: center;"><b><u>Atividades e Procedimentos de Execução</u></b></p> <p><u>Manhã:</u></p> <p><b><u>Atividade 1 – Realização de uma ficha de aplicação de conhecimentos sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota</u></b> **</p> <p>1.1. Distribuição das fichas de trabalho (iguais às que foram aplicadas no primeiro dia, para comparação de resultados).</p> <p>1.2. Os alunos dispõem de 30 minutos (tal como no primeiro dia) para a realização das fichas.</p> <p>1.3. Ao final dos 30 minutos, o professor recolhe as fichas para posterior correção.</p> <p style="text-align: right;"><b><u>30 minutos</u></b></p>



**Apêndice H - Unidade Didática: Metodologia de Trabalho  
por Temas  
(Etapa 4 de Investigação)**



## UNIDADE DIDÁTICA Nº7

12 a 14 de junho de 2018

### **ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO:**

#### **TÍTULO:**

**“AS APRENDIZAGENS NA HISTÓRIA”**



#### ***Equipa de Supervisão:***

Professor Doutor António Pais

Professor Doutor Paulo Afonso

Professora Dolores Alveirinho

Professora Doutora Madalena Leitão

#### **AUTOR:**

Ivo Oliveira

**Professor Cooperante:** Mário

Vicente



Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Escola Superior de Educação



**AEAL**  
Agrupamento de Escolas Amato Lusitano

**Unidade temática:** “As Aprendizagens na História”

## INTRODUÇÃO

Esta unidade didática será aplicada ao 4.º B da Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo e é construída com base no tema central “*Uma História de Heróis*” e, em consequência, o título desta unidade é «*As Aprendizagens na História*», no sentido em que todo o percurso desta unidade baseia-se na História, no *herói* (Nuno Álvares Pereira, heroificado).

Desta forma, importa começar por referir que esta unidade didática fundamenta-se num trabalho por **temas**. Partimos do tema principal «*Uma História de Heróis*» e em cada dia de implementação será trabalhado um *subtema* do tema principal.

Esta será, por isso, uma unidade didática onde uma relevante parte das atividades servirão também de recolha de dados para o projeto de investigação estando, assim, assinaladas com \*\* ao longo de toda a planificação.

Neste sentido, a unidade didática encontra-se dividida em três partes:

- Parte A – Instrumentos do Professor: todos os recursos didáticos que serão utilizados pelo professor onde se encontra, por isso, a planificação esquemática em relação aos conteúdos a abordar na semana bem como os passos/as etapas de ambos os projetos. Em todos os momentos desta unidade serão trabalhadas as áreas de Português, de Matemática, de Estudo do Meio e de Expressão Plástica.
- Parte B – Instrumentos do Aluno: todos os instrumentos de aprendizagem que os alunos utilizarão como, por exemplo, fichas de trabalho e guião do aluno.
- Parte C – Reflexão: reflexão do professor em relação à forma como a implementação prática da unidade decorreu, bem como a explicitação dos aspetos positivos e os aspetos negativos, a melhorar nas próximas unidades didáticas.

## FUNDAMENTAÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DIDÁTICA

Nesta unidade didática serão trabalhados os seguintes conteúdos:

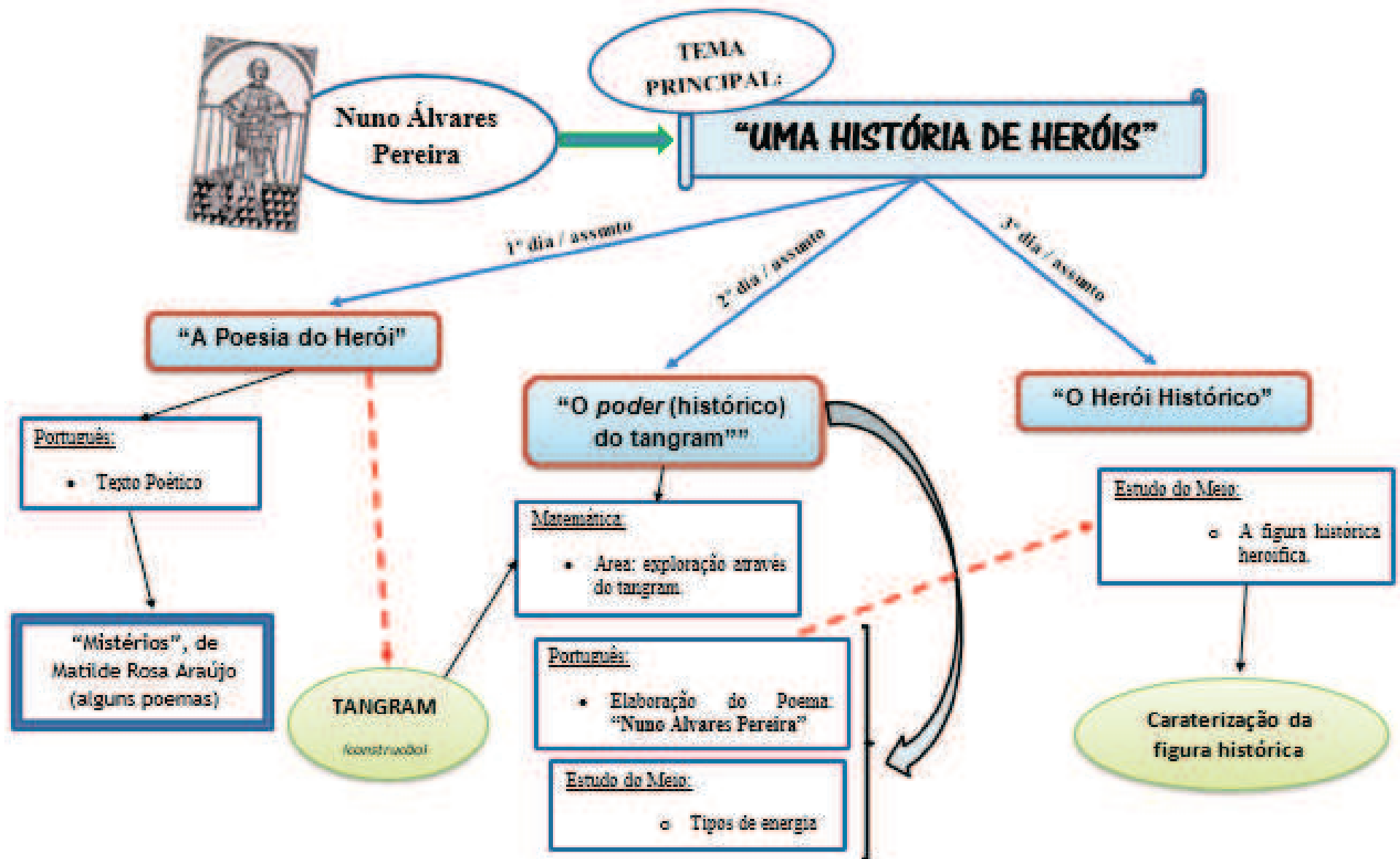
- Português: texto poético.
- Matemática: área – exploração através do Tangram.
- Estudo do Meio: energias renováveis e não renováveis; figura histórica *heroificada*.

Neste sentido, a turma deve ter prévios todos os conteúdos do Português e da Matemática visto tratar-se de revisões e consolidação desses mesmos conhecimentos. Quanto ao Estudo do Meio, para uma melhor compreensão dos conteúdos relacionados com as energias, a turma deve ter bem presente os conteúdos abordados na unidade anterior relacionados com o Meio Ambiente e os tipos de poluição.

Assim, para além de ser necessário que os conhecimentos acima mencionados estejam presentes nas mentes dos alunos é também crucial que a turma tenha como pré-requisitos: uma boa capacidade leitora, para uma melhor compreensão do tipo de texto que será abordado, bem como conhecimento acerca da personagem histórica do Nuno Álvares Pereira.

Finalmente, importa mencionar que, enquanto professor, e como a estrutura e organização desta unidade didática mostra, utilizarei maioritariamente uma metodologia orientadora do trabalho de grupo ou de trabalho individual, alternando com céleres momentos de exposição de conteúdos.





## PLANIFICAÇÃO DIDÁTICA

### Seleção do conteúdo programático

#### Sequenciação do conteúdo programáticos por áreas curriculares


#### Estudo do Meio

<i>Blocos</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Objetivos específicos</i>	<i>Descritores desempenho</i>	<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
<p>Bloco 2 – À descoberta dos outros e das instituições</p> <p>Bloco 6 – À descoberta das inter-relações entre a natureza e a sociedade</p>	<p>O Passado Nacional</p> <p>Fontes de Energia Renováveis e Não Renováveis</p>	<p>- Conhecer personagens e factos da história nacional.</p> <p>- Reconhecer e identificar as diferentes fontes de energia.</p> <p>- Classificar as diferentes fontes de energia como renováveis e não renováveis.</p>	<p>O aluno:</p> <p>- Reconhece Nuno Álvares Pereira como <i>herói</i> da História de Portugal.</p> <p>- Estabelece relações comparativas entre o <i>herói</i> histórico e os heróis da BD.</p> <p>- Identifica a água, o vento, o sol e o fogo como fontes de energia.</p> <p>- Classifica as fontes de energia como renováveis ou não-renováveis.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação com os colegas</li> <li>• Participação e Empenho</li> <li>• Motivação</li> <li>• Atenção</li> <li>• Criatividade</li> <li>• Interesse pelas atividades</li> <li>• Respeito</li> </ul>	<p>Trabalho (investigação)</p> <p>Ficha de Trabalho</p>

#### Português

<i>Domínios /Subdomínios</i>	<i>Conteúdos</i>	<i>Metas Curriculares</i>		<i>Atitudes, valores e normas</i>	<i>Produtos de Aprendizagem</i>
		<i>Objetivos</i>	<i>Descritores de desempenho</i>		
<p>Leitura e Escrita:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura</li> </ul>	<p>- Fluência de Leitura: velocidade, precisão e prosódia.</p> <p>- Texto poético.</p>	<p>- Ler corretamente, em voz alta e em silêncio, alguns poemas do livro “Mistérios”, de Matilde Rosa Araújo.</p>	<p>O aluno:</p> <p>- Lê corretamente os poemas “Formiguinha descalça”, “A serpente”, “Boa noite, passarinho”.</p>	<p>Cooperação com os colegas</p>	<p>Ficha de Leitura</p>

<p>• Escrita</p> <p>Educação Literária</p>	<p>- Vocabulário: alargamento temático.</p> <p>- Tema e assunto dos poemas.</p> <p>- Ortografia e Pontuação (texto).</p> <p>- Produção de um poema:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Planificação</li> <li>• Textualização</li> <li>• Revisão</li> </ul> <p>Leitura e audição</p> <p>Compreensão de texto:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Texto poético: estrofe, verso, rima, sonoridades.</li> </ul>	<p>- Planificar a escrita de textos.</p> <p>- Redigir corretamente.</p> <p>- Rever a estrutura do texto e ortografia e pontuação do mesmo.</p> <p>- Ler e ouvir textos poéticos.</p> <p>- Compreender o essencial do texto escutado e lido.</p>	<p>- Regista ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as.</p> <p>- Utiliza uma caligrafia legível, respeitando as regras de ortografia e pontuação;</p> <p>- Respeita a estrutura do poema pedida: 4 estrofes (quodras) em que os versos rimam.</p> <p>- Ouve ler e lê corretamente os diferentes poemas</p> <p>- Reconhece as características essenciais do texto poético: estrofe, verso, rima e sonoridades.</p>	<p>Participação e Empenho</p> <p>Motivação</p> <p>Atenção</p> <p>Criatividade</p> <p>Interesse pelas atividades</p> <p>Respeito</p>	<p>Poema sobre o Nuno Álvares Pereira (a figura histórica <i>heroificada</i>)</p> <p>Ficha de Leitura</p>
<p><b>Matemática</b></p>					
<p><b>Domínios / Subdomínios</b></p>	<p><b>Conteúdos</b></p>	<p><b>Metas Curriculares</b></p>		<p><b>Atitudes, valores e normas</b></p>	<p><b>Produtos de Aprendizagem</b></p>
		<p><b>Objetivos</b></p>	<p><b>Descritores desempenho</b></p>		
<p>Geometria e Medida</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Medida</li> </ul>	<p>Área:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Exploração através do Tangram</li> </ul>	<p>- Medir comprimentos e áreas.</p>	<p>O aluno:</p> <p>- Enquadra a área de uma figura utilizando figuras decomponíveis em unidades quadradas;</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cooperação com os colegas</li> <li>• Participação e Empenho</li> <li>• Motivação</li> </ul>	<p>Ficha de registo (da exploração através do tangram).</p>

			- Mede a área de figuras decomponíveis em unidades quadradas.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Atenção</li> <li>• Criatividade</li> <li>• Interesse pelas atividades</li> <li>• Respeito</li> </ul>	
<b>Elementos de integração didática</b>					
<p><b>Tema integrador:</b> «Uma História de Heróis»</p> <p><b>Vocabulário:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• <u>Português</u>: Estrofes: quadras, tercetos; Rimas; Versos.</li> <li>• <u>Matemática</u>: Área; Tangram.</li> <li>• <u>Estudo do Meio</u>: Eletricidade; Fontes de energia; energia eólica, solar, hidráulica, térmica e geotérmica.</li> </ul>			<p><b>Recursos a utilizar:</b></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Guião do aluno;</li> <li>• Ficha de leitura;</li> <li>• PowerPoint conteúdos de Estudo do Meio;</li> <li>• PowerPoint relacionado com a estrutura e as características do texto poético;</li> <li>• Ficha de trabalho (de registos) de Matemática;</li> <li>• Imagem Nuno Álvares Pereira;</li> <li>• 28 modelos de Tangram;</li> <li>• Ficha de sistematização de conhecimentos de Estudo do Meio.</li> </ul>		
<p><b>Elemento integrador:</b> Imagem de Nuno Álvares Pereira</p> <p>O elemento integrador volta a ser a imagem da personagem Nuno Álvares Pereira. A escolha deste elemento integrador vai de encontro a toda a sequência da unidade didática e, principalmente, vai de encontro ao principal objetivo da minha investigação que tem como objetivo perceber qual o potencial didático da personagem histórica heroificada para o ensino da História de Portugal no 1º CEB.</p>					
<p><b>Princípios de avaliação</b></p> <p>A avaliação será feita através da observação direta e participante da parte do professor. A avaliação deve ser um todo, isto é, o conjunto das atitudes, dos valores e das aprendizagens adquiridas.</p> <p>O tipo de avaliação a usar é a avaliação contínua durante os três dias para os quais esta planificação está elaborada. Durante o realizar das atividades, o professor observa como os alunos estão a interagir com os outros e também as aprendizagens que eles estão a adquirir ou não.</p>					

Haverá ainda uma ficha leitura para ajudar na análise, compreensão e interpretação dos poemas a abordar. Em relação à avaliação da área da Matemática será através da observação do professor à exploração do tangram que os alunos farão bem como o preenchimento da ficha de trabalho (de registos) acerca dessa mesma exploração.

Finalmente, importa referir que no Estudo do Meio a avaliação será feita através de uma pequena ficha de sistematização dos conhecimentos relacionados com as energias. No que aos conteúdos relacionados com a figura histórica *heroificada*, os resultados recolhidos para a investigação servirão, indiretamente, para avaliação formativa dos alunos.

Importa ainda referir que, no final destes dias de implementação, o professor realizará uma avaliação formativa, classificando qualitativamente cada aluno – em relação às aprendizagens desta unidade didática – no seu guião do aluno.



## Síntese do Trabalho Temático

### Tema central: “Uma História de Heróis”

#### Percurso 1- 12 de junho 2018 (terça-feira)

##### Tema: A POESIA DO HERÓI

##### MANHÃ:

##### Atividade 1 – Descoberta do Elemento Integrador

1.1. Realização do desafio nº 1 dos guiões do aluno.

10 minutos

##### Atividade 2 – O texto poético: estrutura e características

2.1. Visualização de um PowerPoint sobre os principais aspetos do texto poético.

20 minutos

##### Atividade 3 – Leitura, Análise e Interpretação dos poemas “Formiguinha descalça”, “A serpente” e “Boa noite, passarinho”, do livro «Mistérios», de Matilde Rosa Araújo.

- **Antes de ler**

3.1. Trabalho com o título dos poemas.

*O professor leva os alunos a pensarem sobre os três animais presentes em cada poema. O que será que o poema abordará, tendo em conta o tipo de animal presente, etc...*

10 minutos

- **Durante a leitura**

3.2. Leitura dos três poemas.

3.2.1. Cada aluno lê um poema, isto é, um aluno começa pelo primeiro poema, outro aluno lê o segundo poema e outro aluno lê o terceiro poema. Este procedimento repete-se até que todos os alunos tenham lido.

*Nota: Durante as leituras, os alunos devem sublinhar nos diferentes poemas as palavras que porventura não conheçam o seu significado.*

20 minutos

- **Depois da leitura**

3.3. Trabalho do vocabulário:

Os alunos referem as palavras que sublinharam nos poemas, e o professor regista-as no quadro. Em seguida, o professor define essas mesmas palavras e os alunos copiam-nas para os seus glossários.

10 minutos

3.4. Elaboração de um mapa lexical:

- Animais que rastejam (serpente) - répteis;
- Animais que “caminham” (formiga) – terrestres;
- Animais que voam (passarinho) – aéreos;
  - *Pode definir-se um mínimo de 6 animais para cada conjunto.*

**15 minutos**

3.4.1. Em seguida, os alunos copiam para os seus cadernos o mapa criado no quadro.

**5 minutos**

### **INTERVALO**

#### **Atividade 4 – Realização, a pares, de uma ficha de leitura/interpretação dos poemas**

4.1. Distribuição, a cada dois alunos (já previamente definidos pelo professor), das fichas.

4.2. Realização das fichas. No final do tempo estipulado, o professor recolhe as fichas para posterior correção.

**30 minutos**

#### **Atividade 5 – Construção de um Tangram**

5.1. Distribuição de um tangram numa folha de papel A4, se possível num tipo papel mais grosso (ex.: papel cavalinho).

5.2. Os alunos começam por colorir livremente as peças dos seus tangrams.

5.3. Depois de coloridos, os alunos recortam todas as peças dos seus tangrams.

**60 minutos**

#### **Atividade 6 – Exploração livre do Tangram**

6.1. Impondo algumas regras (como o silêncio), os alunos são desafiados pelo professor a construírem livremente, no mínimo, duas figuras com o seu tangram e a registá-las em desenho nos seus cadernos de matemática.

6.2. Para introduzir as atividades do dia seguinte, o professor pede aos alunos que, no final do registo gráfico, respondam, também nos seus cadernos de matemática, à seguinte questão: ***“O que será que há em comum entre as duas figuras que conseguiste construir?”***

**30 minutos**

## **Percurso 2 - 13 de junho de 2018 (quarta-feira)**

### **Tema: “O PODER (HISTÓRICO) DO TANGRAM”**

#### **MANHÃ:**

##### **Atividade 1 – Área: exploração através do tangram**

*Esta será uma atividade orientadora, por passos.*

1.1. É distribuída pelos alunos uma ficha de trabalho.

***Nota: Chamamos ficha de trabalho no sentido em que os alunos vão consolidar conhecimentos com a mesma. No entanto, não é uma ficha de trabalho normal, isto é, é a própria ficha que indicará aos alunos o que devem fazer com as peças do tangram, para poderem responderem às diferentes questões presentes na ficha. Isto é, podemos também chamar de ficha de registos.***

1.2. Realização da ficha. (No final dos 60 minutos, o professor recolhe as mesmas para posterior correção).

**60 minutos**

##### **Atividade 2 – Construção de uma “figura humana” com as peças do tangram.**

2.1. O professor distribui por cada aluno um exemplar, em desenho, de uma figura humana em tangram.

2.2. Cada aluno constrói a sua figura humana.

2.3. Distribuição de uma folha A<sub>3</sub> por cada aluno.

Nesta folha, os alunos colocarão o título “Nuno Álvares Pereira” e vão colar, peça a peça, a sua figura construída.

**30 minutos**

## **INTERVALO**

### **Atividade 3 – Elaboração de um poema intitulado: “Nuno Álvares Pereira”**

- **Planificação**

3.1. Explicitação aos alunos de quantas estrofes deve ter o seu poema e como devem fazer as rimas (cruzadas).

3.2 Os alunos anotam nos seus cadernos as indicações dadas pelo professor.

**15 minutos**

3.3. Escolha e registo de algumas palavras (que podem rimar) que os alunos queiram utilizar nos seus poemas.

**15 minutos**

- **Textualização**

3.4. Também nos seus cadernos diários, os alunos escrevem a sua primeira versão do seu poema.

*Nota: À medida que vão terminando, com ordem (de acordo com as regras da sala), os alunos dirigem-se (ou chamam) junto do professor para que este corrija os poemas.*

**40 minutos**

- **Redação / Edição**

3.5. Depois de corrigidos, os alunos reescrevem os seus poemas na folha A<sub>3</sub>, onde já têm colada a sua figura humana em tangram, criando, digamos assim, um pequeno cartaz intitulado “Nuno Álvares Pereira”.

**20 minutos**

## **TARDE:**

### **Atividade 4 – “Fontes de Energia – Energias renováveis e não renováveis”**

4.1. Resolução do desafio nº. 2 dos guiões do aluno.

*Com este desafio, pretende-se que os alunos descubram a palavra “ELETRICIDADE” e respetiva definição, percebendo, logo à partida que não pode haver eletricidade sem fontes de energia.*

**15 minutos**

4.2. Visualização de um PowerPoint sobre estes conteúdos.

**25 minutos**

4.3. Realização de uma ficha de sistematização de conteúdos.

**25 minutos**

4.3.1. Correção da ficha de sistematização.

**25 minutos**

## **Percurso 3 - 14 de junho de 2018 (quinta-feira)**

### **Tema: “O HERÓI HISTÓRICO”**

## **MANHÃ:**

### **Atividade 1 – Caracterização do herói histórica (Nuno Álvares Pereira)**

- 1.1. Distribuição de uma folha A<sub>5</sub> com a imagem do elemento integrador, entenda-se, do Nuno Álvares Pereira e com algumas linhas.
- 1.2. É projetada na parede, através do computador, uma lista variada de palavras (adjetivos) e cada aluno escolhe **4 adjetivos** que, para si, caracterize o Nuno Álvares Pereira.

**30 minutos**

### **Atividade 2 – Comparação do herói histórico:**

#### **A) Com um herói da BD**

- 2.1. Distribuição de uma folha pautada A<sub>4</sub> pelos alunos.
- 2.2. De acordo com a atividade realizada anteriormente, os alunos vão agora comparar o herói histórico (Nuno Álvares Pereira) com um herói da BD à escolha e justificam a sua opção.

*Nota: O professor deve informar os alunos de que deverão fazer uma justificação minimamente aceitável, isto é, por exemplo, “impor” um mínimo de linhas.*

**30 minutos**

#### **B) Com uma qualquer figura pública (famoso, jogador, ator, ...)**

- 2.3. Distribuição de uma folha A<sub>4</sub> pelos alunos.
- 2.4. Nesta atividade acontece exatamente a mesma estratégia que na atividade anterior. O que difere é o facto de, agora, o aluno ter de comparar o herói histórica com uma qualquer figura pública da atualidade, justificando também a sua resposta.

*Nota: O professor deve informar os alunos de que deverão fazer uma justificação minimamente aceitável, isto é, por exemplo, “impor” um mínimo de linhas.*

**30 minutos**

## **INTERVALO**

### **Atividade 3 – “Será que ainda me lembro?”**

- 3.1. Resolução do desafio n.º 3 dos guiões do aluno.
  - 3.1.1. Este desafio é composto por um conjunto variado de questões relacionados com conteúdos das três áreas de ensino a fim de rever e testar conhecimentos.

**30 minutos**

- 3.2. Correção do desafio.

*Nota: O professor pode pedir a um aluno para ir ao quadro responder a uma questão e assim sucessivamente até que todas as questões estejam corrigidas.*

**30 minutos**

### **Atividade 4 – Momento Final de Estágio**

Esta é uma atividade livre não tendo, por isso, um cariz pedagógico.

O professor (estagiário) distribui por cada aluno uma folha branca onde cada aluno poderá escrever um texto, fazer um desenho (...) – se quiser – para oferecer ao professor.

Da mesma forma, o professor escreverá uma pequena dedicatória para oferecer a cada aluno.

**60 minutos**

### Referências bibliográficas:

Aprender e Brincar (2015). *Atividades com Tangram – Ficheiro de Matemática 4º ano*. Acedido a 5 de junho de 2018, em: <http://www.aprenderebrincar.com/2013/02/atividades-com-tangram-para-imprimir.html>

Letra, C., & Freire, F. (2015). *O Mundo da Carochinha*. Lisboa: Edições Galilivro.

Lima, E., Barrigão, N., Pedroso, N., & Rocha, V. (2017). *Alfa, Português 4*. Porto: Porto Editora.

Lima, E., Barrigão, N., Pedroso, N., & Rocha, V. (2017). *Alfa, Estudo do Meio 4*. Porto: Porto Editora.

NpMat (2010). *Atividade com o Tangram*. Acedido a 6 de junho de 2018, em: <https://pt.slideshare.net/NPMat/atividade-com-o-tangram-6093926>

Roberta (2016). *Atividades com Tangram para o 3º ano*. Acedido a 5 de junho de 2018 em: <http://www.mestredosaber.com.br/atividades-com-tangram-para-3o-ano/>



## **Apêndice I - Ficha de Trabalho Diagnóstica sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota**



**Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo Branco**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Ficha de Trabalho Diagnóstica:**

**“A crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota”**

1. Lê **atentamente** o documento da figura 1 e **observa** o esquema genealógico da figura 2.

**O receio de que Portugal perca a independência**

*El-rei de Castela, quando soube que el-rei D. Fernando tinha morrido, escreveu logo, ele e a rainha sua mulher, à rainha D. Leonor para que fizesse reconhecer D. Beatriz como rainha.*

*Os da cidade [de Lisboa] quando ouviram isto [que deviam aclamar rainha D. Beatriz], houve entre eles grandes murmurações e perturbações, dizendo uns para os outros:*

*“Agora se vende Portugal, que tantas cabeças e sangue custou a ganhar, quando foi tomado aos Mouros!”*

Fernão Lopes, *Crónica de El-Rei D. Fernando*

Figura 24

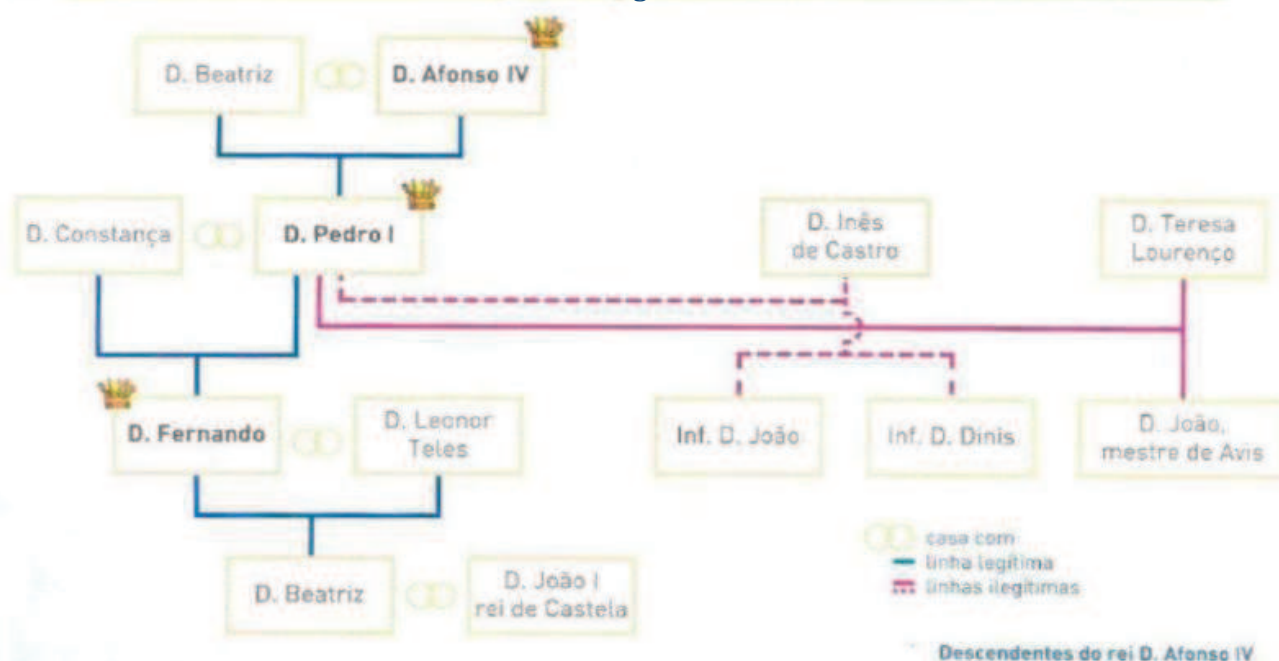


Figura 25

1.1. Por que razão Portugal estava em crise neste período?

---

---

---

1.2. Por que razão “os da cidade” tinham receio que Portugal pudesse perder a sua independência?

---

---

---

1.3. Indica os grupos sociais que apoiavam:

a) D. Beatriz: \_\_\_\_\_

b) Mestre de Aviz: \_\_\_\_\_

2. Devido a todos estes acontecimentos dá-se a invasão castelhana ao nosso país. Para que fosse possível vencer os castelhanos foi importantíssimo um *herói* português entrar em ação. Observa a **figura 3** e identifica o nosso herói histórico.



Figura 26

R.: \_\_\_\_\_

2.1. Atenta na **figura 4** e no **documento 1** e responde corretamente às questões:



**Figura 27 - Invasão Castelhana - Batalha de Aljubarrota**



Em Março de 1385, reúnem-se as **Cortes em Coimbra**, aclamando D. João, mestre de Avis, como rei de Portugal, destacando-se o doutor **João das Regras**, notável jurista, enteado de Álvaro Pais, que terá estudado em Bolonha e que desempenhou um papel decisivo.

### **Documento 1 - Cortes de Coimbra (1385)**

2.1.1. Por que razão o rei de Castela invadiu Portugal?

---

---

---

2.1.2. Quem foi aclamado rei nas **Cortes de Coimbra de 1385**?

---

---

3. Lê o texto e responde:

### **Consequências da Batalha de Aljubarrota**

**“Para a Europa, a Batalha de Aljubarrota constituiu uma das batalhas mais importantes ocorridas em toda a época medieval.**

Para Portugal, esta batalha, ocorrida no planalto de S. Jorge no dia 14 de Agosto de 1385, constituiu um dos acontecimentos mais decisivos da sua História.

**Sem ela, o pequeno reino português teria, muito provavelmente, sido absorvido para sempre pelo seu poderoso vizinho castelhano.**

Sem o seu contributo, o orgulho que temos numa história largamente centenária, configurando o estado português como uma das mais vetustas e homogêneas criações políticas do espaço europeu, não seria hoje possível.

**A vitória portuguesa em Aljubarrota permitiu também a preparação daquela que seria a época mais brilhante da história nacional - a época dos Descobrimentos - que, de outra forma, pura e simplesmente não teria ocorrido.**

**A Batalha de Aljubarrota proporcionou definitivamente a consolidação da identidade nacional, que até então se encontrava apenas em formação, e permitiu às gerações futuras portuguesas a possibilidade de se afirmarem como nação livre e independente.”**

**Texto Adaptado de: Fundação Batalha de Aljubarrota**

3.1. Quando e onde aconteceu esta batalha?

---

---

3.2. Qual foi um dos *heróis* da Batalha de Aljubarrota? Por que razão?

---

---

---

3.3. Qual a consequência desta batalha para Portugal?

---

---

---

**Apêndice J - Ficha de Trabalho de Consolidação de  
Conhecimentos sobre a Crise de 1383/85 e a Batalha de  
Aljubarrota**



**Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo Branco**

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Ficha de Trabalho Formativa:**

**“A crise de 1383/85 e a Batalha de Aljubarrota”**

4. Lê **atentamente** o documento da figura 1 e **observa** o esquema genealógico da figura 2.

**O receio de que Portugal perca a independência**

*El-rei de Castela, quando soube que el-rei D. Fernando tinha morrido, escreveu logo, ele e a rainha sua mulher, à rainha D. Leonor para que fizesse reconhecer D. Beatriz como rainha.*

*Os da cidade [de Lisboa] quando ouviram isto [que deviam aclamar rainha D. Beatriz], houve entre eles grandes murmurações e perturbações, dizendo uns para os outros:*

*“Agora se vende Portugal, que tantas cabeças e sangue custou a ganhar, quando foi tomado aos Mouros!”*

Fernão Lopes, *Crónica de El-Rei D. Fernando*

Figura 28

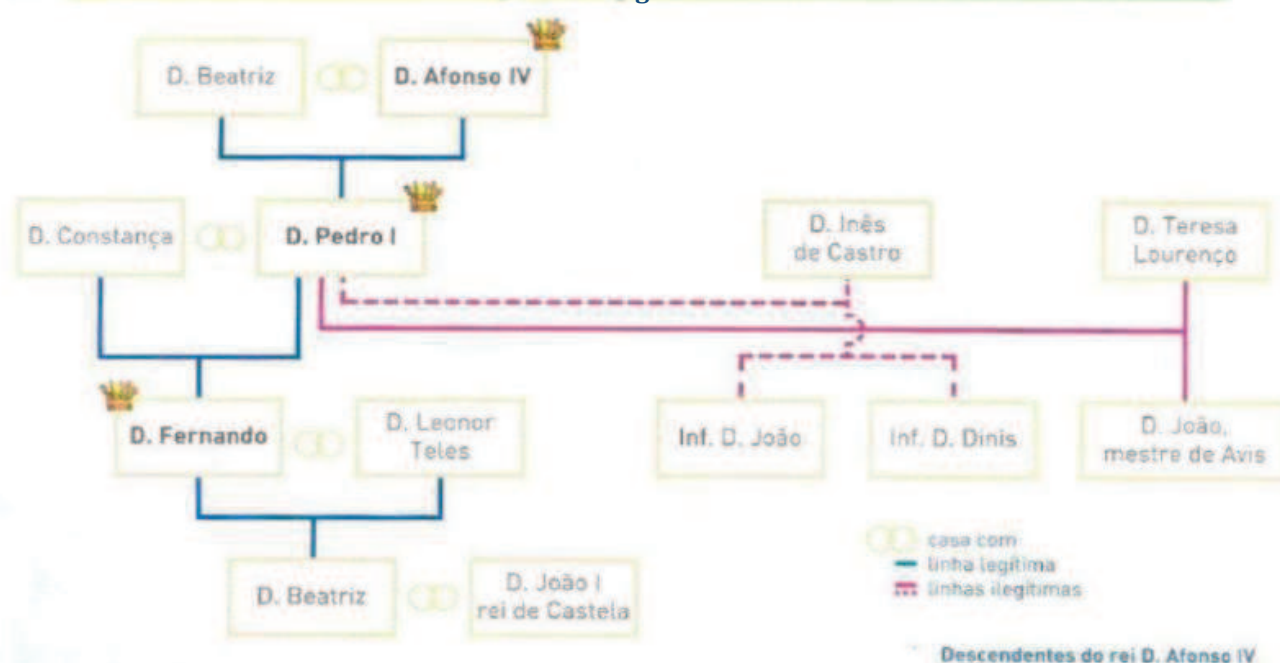


Figura 29

4.1. Por que razão Portugal estava em crise neste período?

---

---

---

4.2. Por que razão “os da cidade” tinham receio que Portugal pudesse perder a sua independência?

---

---

---

4.3. Indica os grupos sociais que apoiavam:

c) D. Beatriz: \_\_\_\_\_

d) Mestre de Aviz: \_\_\_\_\_

5. Devido a todos estes acontecimentos dá-se a invasão castelhana ao nosso país. Para que fosse possível vencer os castelhanos foi importantíssimo um *herói* português entrar em ação. Observa a **figura 3** e identifica o nosso herói histórico.



Figura 30

R.: \_\_\_\_\_

5.1. Atenta na **figura 4** e no **documento 1** e responde corretamente às questões:



**Figura 31 - Invasão Castelhana - Batalha de Aljubarrota**



Em Março de 1385, reúnem-se as **Cortes em Coimbra**, aclamando D. João, mestre de Avis, como rei de Portugal, destacando-se o doutor **João das Regras**, notável jurista, enteado de Álvaro Pais, que terá estudado em Bolonha e que desempenhou um papel decisivo.

### **Documento 2 - Cortes de Coimbra (1385)**

5.1.1. Por que razão o rei de Castela invadiu Portugal?

---

---

---

5.1.2. Quem foi aclamado rei nas **Cortes de Coimbra de 1385**?

---

---

6. Lê o texto e responde:

### **Consequências da Batalha de Aljubarrota**

**“Para a Europa, a Batalha de Aljubarrota constituiu uma das batalhas mais importantes ocorridas em toda a época medieval.**

Para Portugal, esta batalha, ocorrida no planalto de S. Jorge no dia 14 de Agosto de 1385, constituiu um dos acontecimentos mais decisivos da sua História.

**Sem ela, o pequeno reino português teria, muito provavelmente, sido absorvido para sempre pelo seu poderoso vizinho castelhano.**

Sem o seu contributo, o orgulho que temos numa história largamente centenária, configurando o estado português como uma das mais vetustas e homogêneas criações políticas do espaço europeu, não seria hoje possível.

**A vitória portuguesa em Aljubarrota permitiu também a preparação daquela que seria a época mais brilhante da história nacional - a época dos Descobrimentos - que, de outra forma, pura e simplesmente não teria ocorrido.**

**A Batalha de Aljubarrota proporcionou definitivamente a consolidação da identidade nacional, que até então se encontrava apenas em formação, e permitiu às gerações futuras portuguesas a possibilidade de se afirmarem como nação livre e independente.”**

**Texto Adaptado de: Fundação Batalha de Aljubarrota**

6.1. Quando e onde aconteceu esta batalha?

---

---

6.2. Qual foi um dos *heróis* da Batalha de Aljubarrota? Por que razão?

---

---

---

6.3. Qual a consequência desta batalha para Portugal?

---

---

---

## Anexos



## **Anexo A - Lenda da Padeira de Aljubarrota**



**Escola Básica Integrada João Roiz de Castelo Branco**

Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

**Lenda:**

***“A Padeira de Aljubarrota”***

Brites de Almeida era uma mulher feia, forte, com um estilo de homem. Ela nasceu em Faro e a sua família era muito pobre e humilde. Foi criada praticamente sozinha, ficou órfã aos vinte anos e não fazia mais nada se não andar metida em brigas e aprendeu a manejar a espada e o pau. Toda a gente tinha medo dela.

Houve um soldado que estava encantado com a bravura dela e resolveu propor-lhe casamento. A única condição que ela propôs foi lutarem antes do casamento, para ver se ele era forte. Só que ela venceu e ele ficou ferido de morte.

Ela começou a ser perseguida pela justiça e fugiu para Castela. Mas na viagem, que foi de barco, foi capturada e vendida como escrava. Depois de muito trabalho conseguiu fugir com a ajuda de outros dois escravos portugueses.

Mas na viagem de regresso houve uma nova tempestade e ela veio ter à praia da Ericeira. Como era procurada pela justiça, para evitar ser apanhada cortou o cabelo, disfarçou-se de homem e fez a sua vida como se fosse um almocreve.

Ao fim de uns anos, já cansada, ela aceitou o trabalho de padeira, em Aljubarrota. Aí, encontrou um homem honesto e calmo. Um lavrador com quem ela se casou.

No dia 14 de agosto de 1385 houve uma grande batalha e ela, quando ouviu os clamores da guerra, não conseguiu conter-se e pegou no que tinha e foi ajudar os portugueses a lutar contra os castelhanos.

No fim, satisfeita com a vitória, regressa a casa para descansar, mas quando entrou em sua casa apercebeu-se que havia estranhos dentro da sua própria casa e resolveu espreitar... E viu dentro do forno um ruído e atrás desse ruído descobriu sete castelhanos que tinham fugido.

Ela não teve meias medidas e pegou na pá com que cozia o pão e o metia no forno, e matou os sete castelhanos.

Por esta razão, esta mulher, na região de Aljubarrota, ficou conhecida como uma grande mulher e valente e é intitulada como “A Valente Padeira de Aljubarrota”.

Nos dias de hoje, em todos os 14 de agosto, que é feriado nessa região, ela é lembrada e existe uma pá que dizem ser verdadeira, que não procissão, que é religiosa, costuma comemorar o dia da padeira de Aljubarrota.

*Lenda: “A Padeira de Aljubarrota”, de Lídia Gameiro (Arquivo do CEAO – Recolhas Inéditas).*